

Agostinho Ramos

do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Cachoeira Paulista

1.780

1.970

2.º volume

Sumário

a — História até 1948

b — História da paróquia

c — História do Embau e Jataí

(antigos municípios, hoje incorporados ao de
Cachoeira Paulista)

1.971

Agostinho Ramos

do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Cachoeira Paulista

1.780

1.970

2.º volume

Sumário

- a — História até 1948
- b — História da paróquia
- c — História do Embaú e Jataí
(antigos municípios, hoje incorporados ao de
Cachoeira Paulista)

1.971

— A —

Algumas palavras

Eis o 2.o volume da história de Cachoeira, posto em circulação. O 1.o mereceu, plena, aceitação.

Em linhas gerais, aí está uma reportagem do passado, até 1948.

Para completá-la, falta dizer da sua vigência até 1971 e falta publicar vários documentos antigos - já em meu poder - e outros, a caminho. Isto será feito em meados do ano vindouro.

Resolvi interromper a sequência cronológica desta narrativa, em 1948, para dar lugar à história da paróquia.

Paróquia - No Brasil, quase todas as cidades surgiram ao lado de uma capelinha e nas proximidades de um rio. Cachoeira participou dessa regra geral.

A história de uma paróquia é, também, o passado de uma cidade. São duas histórias que se completam.

Nome - Há, quase, sessenta anos, estou plantado no palco de Cachoeira. Esse, o motivo, porque, embora, constrangido, tive de publicar meu nome várias vezes no transcurso da narrativa, ou «A.R.», ou «narrador» ou «prefeito municipal». Se o ator não estiver no palco, a representação não se faz.

Sou grato a todas as pessoas que se dignaram escrever-me sobre o 1.o volume. Agradeço tão belas palavras.

Abro exceção àquele que, ao receber o 1.o volume, sem abri-lo, me escreveu o cartão que se lê abaixo.

Cachoeira Paulista, 15 de Novembro de 1971

Agostinho Ramos

«Professor:

É com grande satisfação que estou adquirindo o seu livro. Sinto-me orgulhoso por ter tido a oportunidade de adquirir tão valiosa obra. Felicito-o e agradeço a oportunidade que me foi oferecida.

Muito obrigado. Do amigo

21-9-1971

João Dabul»

Nota - Quem escreve história, o faz com o espírito liberado, esquecido dos desajustes do passado e não deve permitir que lhe segurem as mãos.

Capítulo I

Sumário — Povoadores. Algumas efemérides.

Os primeiros habitantes da Margem Esquerda são anteriores a 1780.

O primeiro habitante graduado da Margem Direita, foi João Pereira, pelo registro seguinte, publicado em 1884.

1884 - 9 de Novembro: «em 1790 João Pereira, casado com D. Rita, lavrador no arraial do Senhor Bom Jesus da Cana Verde, aí se estabeleceu (bairro das Minhocas), abrindo seu sítio no mato virgem e nesses tempos coloniais em que esse arraial era ocupado, apenas, por meia dúzia de casas de palha, pertencentes aos pobres pescadores.

Quem passasse pelo lugar, hoje, conhecido por Minhocas, na estrada que da Cachoeira segue para Lorena, veria uma grande casa de campo coberta de palha, tendo um pequeno regato cristalino e circulado de viçoso campo, todo gramado e onde se via alguns animais, pastando, alegremente, em comuna.

Era o sítio do João Pereira - 1793. Ai faleceu ele, anos depois, deixando sua mulher e duas filhas com suficientes meios de subsistência.»

Anteriores a 1850

- Tenente José Rodrigues do Prado - 1807 - 1876. Nasceu, parece, em Silveiras e foi sepultado na Vila do Bom Jesus (Cachoeira) em 16 de Junho de 1876.
- Ana do Espírito Santo Dias Coelho - sepultada em 1893?
- Tenente João Rodrigues do Prado - Porto da Cachoeira?
- Cap. Luiz Antonio da Silveira - Vila da Bocaina?
- Aurélia Olimpia Seixas do Prado - Vila da Bocaina?
- Manuel Saturnino de Seixas - Vila da Bocaina - jornalista diretor do «Eco Municipal» - 1878.

Outras efemérides

- 1846 - Outubro, 27 - Manuel Cândido Pinto Barbosa, exonera-se de fiscal do Embaú.
- 1848 - Março, 21 - Votação da Câmara Municipal de Lorena para José Rodrigues do Prado - capitão da Guarda Nacional - 3.ª Companhia.
- 1849 - Agosto, 13 - O cap. Inácio Pinto Barbosa recebe em Lorena a patente de Capitão da Guarda Nacional - 4.ª Companhia.

Capítulo II

Sumário — História do gado holandês e do leite nesta região.

Com a decadência da lavoura cafeeira, esta região como que, se mudou para Ribeirão Preto, onde pontificava o espírito de pioneiro e cientista do ilustre resendense Dr. Luiz Pereira Barreto. O valparaibano sentiu a adversidade e com estoicismo assistiu ao êxodo impressionante, mas, converteu-se naquele velho-Maturin de René Basin no seu admirável livro «La Terre qui Meurt».

Então, João Godoi, fazendeiro no Embaú (parece em 1893) teve a visão de uma outra fonte de relativa riqueza, e de aproveitamento das terras onde os cafezais se definham e devotadas ao abandono.

Foi ao Rio de Janeiro e lá se orientou e conseguiu comprar vinte bezerras da raça «taurina». Posteriormente, adquiriu do conhecido fazendeiro lorenense Clementino Moreira, um touro dessa mesma raça. Animado com o resultado, João Godoi vai a Baependi e lá adquire várias rezes holandesas das famílias Junqueira e Andrade Mendes. De Barbacena vieram vários lotes de bezerras.

Então, fez sentir a seu cunhado Carlos Ribeiro de Souza Pinto (Coronel Carlos Pinto) a vantagem de comprar a fazenda «Sant'Ana», de propriedade do Dr. Costa Júnior. Os fazendeiros de Baependi haviam recomendado a João Godoi, o plantio do capim gordura. Simultaneamente, o Dr. Rafael Brotero, advogado, em Guaratinguetá, entrou no páreo. Estava lançada a semente que devia frutificar e se desenvolver, extraordinariamente, tornando-se hoje o maior potencial pecuário-leiteiro do Brasil — o Vale do Paraíba.

A primeira indústria de laticínios que se verificou em Cachoeira foi a do italiano Rafael Luongo (Rafael Queijeiro).

Sofrendo das faculdades mentais, deixou sua indústria em bom rendimento. Nessa conjuntura veio ter a Cachoeira um Sr. Mota, cujo prenome não nos lembramos. Instalou frente à estação onde mais tarde seria a usina de J. Bruno - uma leiteria e um precário resfriador. Finalmente, Mota retira-se para Rio de Janeiro, passando sua leiteria a um moço que se chamava Inimá Barreto. Este, por sua vez, depois de um certo tempo, transfere sua leiteria aos irmãos Januário e João Bruno. Da ação e visão dos Brunos, Cachoeira possuiu logo sua 1.ª usina de laticínios. A seguir foi fundada a usina Gama Bastos e Cia de propriedade do Dr. Gama Rodrigues, Crispim Bastos, José de Oliveira Gomes e D. Ricarda Godoi (viúva de João Godoi).

Mais tarde, a família Carlos Pinto, da qual faziam parte Isidro de Toledo e Alcides Faria fundaram a usina Pinto Toledo e Cia.

O maior concorrente dos usineiros em São Paulo, era a numerosa classe dos vaqueiros. Seria longo relatar os altos e baixos da caminhada do leite nesta região. Quem sabe, mais tarde, em livro separado. Apenas, um relato, que tem fôros de determinismo histórico, faz-se mister. A fazenda «Sant'Ana, como atrás foi dito, pertenceu ao coronel Carlos Pinto um dos pioneiros do gado holandês neste município. Decorridos mais de trinta anos, seu filho Norival (Vavá) então proprietário da citada fazenda, levanta o 1.º prêmio na 1.ª exposição, da Água Branca, em São Paulo, sob a direção de Mário Maldonado.

A res vencedora, celebrizou-se e seu nome era «cortina».

— O comércio do leite se tornou quase depreciativo. Os usineiros marcavam o preço dentro de três períodos de tempo: época chuvosa, intermediária e seca. Os preços eram ínfimos.

Em 1937, organizou-se uma frente única de fazendeiros - «União Produtora do Vale do Paraíba», em Guaratinguetá cuja formação era a seguinte: Coronel Joaquim Dias (Cruzeiro); Tomaz Figueiredo (Lorena); José Lombardi Filho (Cachoeira); Francisco Ribeiro (Guaratinguetá) e o autor desta narrativa - secretário geral. Em 1.º de Abril de 1937 verificou-se uma greve e os compradores, em São Paulo, foram compelidos a pagar aos produtores, os seguintes preços, por litro de leite: época chuvosa - trezentos réis; época intermediária - quatrocentos réis; época seca - quinhentos réis.

Depois foi o assunto melhor considerado, criado os tipos de leite a, b, c, e a situação se normalizou.

Em Junho de 1938, o Dr. Mariano Wendel, então, Secretário da Agricultura (1.º governo Adhemar de Barros) organizou e presidiu a um congresso Agro-pecuário, em Pindamonhangaba. Foram escolhidos membros desse Congresso, os seguintes Srs: Waldemar Rhyte (do Ministério da Agricultura) Nicolau Atanazof (da Escola «Luiz de Queiroz») de Piracicaba, C.S. Nogueira, Argeu Cordeiro, Gama Rodrigues, Félix Guisárd Filho, Arnaldo Camargo, coronel Francisco Vieira e Agostinho Ramos.

O assunto tratado nesse certame foi mais de ordem científica, visando resultados práticos, então, aconselhados.

Finalmente, em Dezembro de 1938 o Dr. Alvaro Guíão, então Secretário da Educação e Saúde Pública. (1.º governo Adhemar de Barros) considerando, com o maior interesse, o assunto - o leite e seus derivados constituiu em São Paulo uma Comissão de técnicos para elaborar um ante projeto, o qual tornado em lei, daria ao governo possibilidades para agir com maior desembaraço. Essa comissão estava assim constituída. Srs: Paulo de Lima Correia, presidente; Carlos Gonçalves Machado, secretário; membros: Alfeu Reveillau, Plínio Pisa, Arnaldo Camargo, Virgílio Pena, Fausto Guaglia, Nicolino Morena, Alberto Byington, Alexandre Melo e o autor desta narrativa. Em várias reuniões realizadas

na Agua Branca (prédio da Industria Animal) o assunto foi, devidamente, considerado e debatido conforme atas constantes dos anais. Além das medidas de ordem científica e as de ordem prática, como padrão, fiscalização, infração, penalidade - essa Comissão criou os tipos de leite A, B e C.

E, assim, o leite que, no começo do século, era vendido a quatro vinténs, o litro (oitenta réis) agora, está um «bocadinho mais caro». Deve constar dos repetivos arquivos um trabalho nosso referente ao leite que contribui para o robustecimento físico da raça, mas amparado, no seu sentido econômico.

EM TEMPO. A usina Pinto Toledo Cia foi substituída pela firma «Coligação dos Fazendeiros» e esta pela atual Cooperativa de Laticínios, cessando suas atividades, J. Bruno.

Capítulo III

Sumário — Efemérides até 1884

- 1875 - Julho - Começa a funcionar, provisoriamente, a estação de Cachoeira.
- 1876 - Março - Lei n.º 37, elevando Cachoeira à Freguesia.
- 1877 - Conclusão da ponte de Ferro da E.F. Pedro 2.º.
- 1878 - Setembro - Circo Olimpico - O primeiro a que Cachoeira assistiu. Agradou muito.
- Outubro - Passam S.S.M.M. Imperiais, de volta para a Côrte, após, excursão pela Província.
- No Circo Casali o homem canhão é arremessado além do pano, furando-o. O palhaço grita: furou o espaço e pernas quebradas.
- Fixa sua residência em Cachoeira, na Margem Esquerda, o Dr. Ildefonso Ascânio, seu primeiro médico.
- 1879 - Ano fátidico para Cachoeira. Grassou a febre amarela ceifando muitas vidas. O comércio fechou, a cidade se despovoou. Um homem benemérito se fez médico, farmacêutico, enfermeiro, cuidando da alimentação. Extraordinário. Finalmente, perdeu sua filha desse mal. Chamava-se Bráulio Muniz Dias da Cruz.
- 1879 - Janeiro - Teatro - A Carrara, renomado ator, da época, dá espetáculo, durante o qual a menina Aurora Brasileira (8 anos) impressionou o público.
- Abril - Movimento do mês da Paróquia: batizados livres... , ingênuos... , óbitos livres... , ingênuos... .
- Falece em São Paulo, o Visconde de Guaratinguetá.
- Maio - «Vapor» Vencedor: saída para Potreiro, Mandú, Tremembé, Quiririm. Comandante - Emílio Pereira dos Santos. Vários gêneros, conforme manifesto. Tripulação 10 homens.

1880 - Março - Cachoeira se desmembra de Lorena e se constitui em Município - Lei n.º 5.

1882 - Abril - Desmembrados da Vila da Bocaina, para anexar ao município de Cruzeiro, os terrenos do Bom Jesus, que estavam encravados na fazenda do Dr. Costa Júnior, servindo ali de divisa, entre um e outro município, a estrada que partia da porteira do pasto dessa mesma fazenda.

Setembro - Eleição de vereadores à 1.ª Câmara Municipal, sendo eleitos vereadores os cidadãos: ten. Domiciano Rodrigues Pinto, Manoel Saturnino de Seixas, Joaquim dos Santos Pinto Júnior, ten. Joaquim José Rodrigues da Mota, Joaquim Cândido Pinto, Joaquim Luiz de Freitas e Joaquim Pedro Barbosa.

Juízes de paz: 1.º José Frutuoso Ferreira, 2.º Miguel Rangel dos Santos Maia, 3.º João Jacinto de Aguiar, 4.º ten. Galdino Rodrigues Pereira Goulart.

1883 - Janeiro - Instala-se a Câmara Municipal e tomam posse os primeiros vereadores eleitos em Setembro de 1882, sob a presidência do Major Joaquim Vieira Teixeira Pinto, presidente da Câmara Municipal de Lorena. Juramento e posse dos primeiros juizes de paz, eleitos. A nova Câmara elege para seu presidente, o tenente Domiciano Rodrigues Pinto e para vice-presidente o cidadão Manoel Saturnino de Seixas.

— 1.ª sessão da Câmara no «torreão da Estação». Cândido Pinto Barbosa se oferece para, gratuitamente, ser o procurador da Câmara. Aceito.

— 2.ª sessão da Câmara. É aprovado o 1.º código de posturas e proposta de mudança do prédio.

(A Câmara passou a funcionar no grande prédio - Praça Costa Júnior, que durante longos anos foi hotel, ora demolido.

Mais tarde, mudou-se para o prédio do antigo fóro e cadeia, também demolido para que ali se construísse o suntuoso edifício do fóro atual).

Fevereiro - É aceita a proposta, no sentido de ser gratuito o cargo de zelador do cemitério.

- Cuida-se dos nomes de ruas, na Margem Esquerda. Proposta do vereador Manoel Saturnino de Seixas. Rua «Major Oliveira Borges», (hoje Rua Padre Antonio); Rua «Augusta» (em seguimento da Rua Padre Antonio, até a cabeça da ponte); Rua «Baixa» (parece, hoje coronel João Porto); Rua «Santa Cruz» - o trecho que partia de uma Santa Cruz (cabeça da ponte, ora demolida) e ia ter à Rua Baixa; Rua do «Eco» naturalmente, «Eco Municipal» (jornal) até as proximidades da Rua da «Boa Vista» fazenda do Dr. Costa Júnior. Essa deve de ser hoje a Rua Rangel Pestana que avançando até ao Rio Paraíba, ou 29 de Março, entestava com a propriedade referida (hoje campo de futebol).

Março - Em sessão, a Câmara autoriza a instalação de um kiosque, no Pôrto da Barca Pública. Requerimento de Antonio Cardoso da Silva Pinto.

Abril - A Rua da Cadeia Velha passa a denominar-se Rua Alegre. (hoje Rua 13 de Maio).

— A Rua 7 de Setembro passa á denominação de Dr. Newton Benaton.

— Requerimento de M. Corrêia e Cia. pedindo ao govêrno Imperial e Provincial autorização «para explorar o Rio Paraíba na obtenção de ouro, pedras preciosas e qualquer outro mineral».

Julho - Fundação do jornal «Gazeta da Bocaina» de propriedade e sob a redação de Felipe Neri Teixeira e Cia. Neste dia saiu á luz, o seu primeiro n.o. Já, então, existia o «Echo Municipal» periódico fundado por Manoel Saturnino de Seixas e, por êle, habilmente redigido (28-7-78).

Agôsto - O vereador farmacêutico Antonio Gomes Xavier se propõe a atender a pobreza, pela importância de 200\$00, anuais. Novembro - Café - preço por arroba - na Côrte: lavado 6\$800, de 2.a 5\$500.

- 1884 - «A Vila da Bocaina está colocada em uma aprazível colina, conta com uma população urbana superior a dois mil habitantes, mede cerca de dois kilometros de extensão, de um extremo a outro e é cortada pelo rio Paraíba que naquele lugar, necessita de uma ponte de rodagem. O clima é ameno e saudável. É notável o edificio da estação da E.F. Pedro II que passa por ser o primeiro, como obra de arte, de toda a linha. É ponto terminal dessa estrada e da de «São Paulo-Rio de Janeiro». Também é digna de menção a bela ponte, da mesma estrada que aí se vê. O cemitério municipal passa por ser um dos melhores do norte da província.

Os terrenos são férteis e próprios para a cultura de café, fumo e cereais». (do Almanaque de 1884).

Junho - «Hotel Lobão - Rua Alegre - próxima à estação. Todo o serviço é feito com asseio, prontidão e a preços cômodos. Almoço - \$500; jantar - \$500; pensionista por mês - 20\$000».

Julho - Farmácia e Laboratório - Químico e Farmacêutico - Antonio Gomes Xavier: essência de salsa e caroba - para curar moléstias sifiliticas; licor tônico ferruginoso - para opilação - elixir de camomila composto para a cura das moléstias do estomago.

Agôsto - «Aviso às autoridades - Consta que existe na serra do Picú, próximo ao lugar chamado Lapa, um quilombo de escravos fugidos... que pode tornar-se formidável como aconteceu na Serra dos Palmares»...

1884 - Agosto - «Mercado - Os habitantes da Margem Esquerda desta vila, pedem à Câmara o mercado que lhes foi prometido».

Setembro - «Festejos - O dia 7 de Setembro não passou despercebido na Vila da Bocaina. Todas as casas das duas margens foram profusamente iluminadas. O presidente da Câmara Municipal tenente Domiciano Rodrigues Pinto acompanhado dos vereadores e de grande número de cidadãos e das músicas do Sr. Raulo Lorena percorreu as ruas das duas margens, fazendo discursos e dando vivas do estilo. . .»

Nesse tempo o transporte sobre o Paraíba era feito por meio de balsa.

— Ponte sobre o Paraíba - A questão de uma ponte nesta Vila é matéria já tão discutida que a continuação de tal assunto pode ser qualificada de chapa.

— «Ponte sobre o Rio Paraíba - A construção de uma ponte nesta Vila é uma obra de tão palpitante necessidade que passou na Assembléia, quase sem discussão, foi logo sancionada e só falta agora sua execução. . .»

(A referida só foi construída oito anos depois).

— Candidato a Assembléia Geral - É candidato pelo 3.º Distrito, apresentado pelos respectivos centros o Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves do Partido Conservador.

— Horários dos trens de passageiro na Estação de Cachoeira. Partidas para a Corte: 1.ª às 6 e 30 da manhã, 2.ª às 12 e 20 da tarde. Chegada da Corte: às 11 e 56 da manhã e às 5 e 36 da tarde. Partidas para São Paulo: às 5 e 30 da manhã e às 12 e 8 da tarde. Chegada de São Paulo: às 10 e 30 da manhã (vem de Taubaté); às 11 e 45 da manhã e às 6 e 30 da tarde.

— «A Província de São Paulo tem 46 comarcas com 15487 eleitores não contando os que foram alistados em 1883».

— Registro do Porto - Entradas no dia 24. Quiriri e escalas Vapor «Vencedor» - comandante - Emílio Pereira dos Santos - equipagem - 10 homens - cargas: café e fumo a França e comp. - Saídas, no dia 26: Potreiro, Mandú, Tremembé e Quiriri vapor «Vencedor» carga - vários gêneros.

Outubro - Comércio. Fumo. preço por kilo:

Fumo virgem de 1.ª \$800; de 2.ª \$680; de 3.ª \$540

Toucinho - preço por kilo: superior \$680; regular \$600.

— «O Colibri» - Jornal da mocidade «continua sua publicação».

— Inauguração do Engenho Central de açúcar, em Lorena e que muito refletiu em Cachoeira.

Novembro - S.S.A.A. Conde e Condessa D'Eu e seus filhos passaram ontem por esta Vila, em trem especial com destino a São Paulo.

Dezembro - Paris - Sarah Bernhardt.

... ninguém ousará contestar a incomensurável superioridade desta mulher genial. É decididamente, um portento, um deslumbramento, a oitava maravilha do mundo...

— «Província de São Paulo - Esta província compõe-se, atualmente, de 52 cidades, 61 vilas e 174 freguezias. Sua população está calculada em 1 milhão de habitantes».

— Eleições gerais: Bocaina - Paula Souza - 36 votos; Rodrigues Alves, 29, comparecimento total - 65 eleitores.

Capítulo IV

Sumário — Carnaval

CARNAVAL — Primeiro foi o «entrudo», no século passado e que no século XX imperou até sua 1.ª década.

Cachoeira, como tantas outras cidades, participou dessa fase, meio grosseira, de diversão. Era a «xiranga», nem sempre com água limpa, a bisnaga, o limão de cheiro (de cêra) o pó de sapato, carvão moído, farinha de trigo esfregada no rosto dos que passavam e por vezes bacia de água fria. Daí os incidentes.

Depois, evoluiu aparecendo o lança-perfume, o confête, serpentina e os cordões e os carros alegóricos e desfile, e os bailes, no teatrinho da Rua Marechal Deodoro.

De 1920 a 1930, Cachoeira promoveu os melhores «carnavais» da região. Para lembrança dos que sobrevivem, vai aqui, uma rápida referência às canções e marchas carnavalescas de outros tempos, algumas sob o imperativo da dança da moda - o «maxixe», sacolejante.

O primeiro pronunciamento de rua, ou sejam cordões e músicas carnavalescas oriundas do Rio, de que se tem notícia nesta cidade é - «viva o Zé Pereira, a quem ninguém faz mal, viva a bebedeira, em dias de carnaval» - e a seguir a bateria - zig, zig, zig, bum - zig bum, zig bum. Assim o «Zé Pereira» foi o precursor do grito de carnaval de hoje.

Depois, «abre ala que eu quero passar»; «ameno resedá»; «Yayá me deixa eu subir esta ladeira»; rato, rato, rato, porquê motivo tu roeste o meu sapato () bau; «o meu boi morreu»; «pierrot e colombina»; «cabolcla de Caxangá»; «ai se a rolina - sinhô, sinhô - embaraçô, sinhô, sinhô»; «ó pé de anjo», «ai seu mé»; «o teu cabelo não nega, mulata»; «segura essa mulher»; «a puita está roncando»; «Ó jardineira porque

estás tão triste»; «có-có-có có-rocó - o galo tem saudades...» «você pensa que cachaça é água...»; «mamãe eu quero, mamãe eu quero»; «taí - eu fiz tudo pra você...»; «eu tô doente, morena, cabeça inchada morena, e tô, e tô, e tô»; «cidade maravilhosa...»; «meu periquitinho verde»; «engole êle paletó - engole êle, engole êle»; «eu sou o pirata da perna de pau»;

Mas, a letra e música vitoriosas no carnaval paulista de 1969, superam as outras, porque reflete uma realidade - «estou, estou, ficando louco...»

Capítulo V

Sumário — Efemérides até 1889

1885 - Janeiro - «Ponte sobre o Rio Paraíba. Igreja Matriz: ... assim, pois, valendo-nos da oportunidade de se acharem reunidos os Srs. deputados, vamos à sua presença em nome dos habitantes desta vila e de seu município, pedir-lhes uma ponte sobre o Rio Paraíba que ligue as duas povoações e uma Igreja Matriz para celebração dos atos religiosos...»

— «Preço - cal superior: saca 2\$000 e em casa do freguez Antonio Borges Júnior - Rua Augusta - Margem Esquerda»
Fevereiro - Exposição Provincial - Realizou-se a 25 do mês passado, na capital de São Paulo a abertura da 1.ª Exposição Industrial Agrícola.

— O primeiro jornal publicado em São Paulo, foi o «Farol Paulistano» que começou a circular em 7-2-1827.

— Em 1-4-1826 circula o 1.º n.º do «Jornal do Comércio» sob a direção de Teignot Plancher.

— Em 2-4-1854 o Banco do Brasil inicia suas atividades.

— Câmbio - Rio de Janeiro 31-1-85

... Nova York - à vista - 2\$640 por dólar.

Comércio - Aguardente-pipa 75\$000; açúcar amarelinho kilo - 150 réis; mascavinho - 135 réis; mascavo 120 réis; carne seca do Rio da Prata - kilo - 340 réis.

Março - Suas Altezas - Chegaram a esta Vila, a 13 do corrente, pelas 10 horas da manhã, de volta de sua viagem, a algumas províncias do sul S.S.A.A. ao desembarcarem na estação, foram recebidas por grande número de pessoas e pelas professoras e alunas das duas escolas públicas, formando alas no saguão do edifício, à passagem dos augustos visitantes. S.S.A.A. seguiram às 11 horas, com destino à Fazenda Santa Mônica.

— «De passagem... na Vila da Bocaina, não admiramos a grandeza da arte; a magestade da arquitetura; mas há uma cousa mais sublime que nos enleva e nos entusiasma - é a natureza... Dr. Deolindo Galvão».

Abril - Schisto - Recebemos duas amostras do schisto extraído em Tremembé, do qual se faz gaz para a iluminação pública da cidade de Taubaté e produz kerozene para máquinas»...

(Atualmente, grande região que vai de Pindamonhangaba a Caçapava, envolve parte dos municípios de Taubaté e Tremembé está sendo explorada por uma companhia russa, prometendo o lençol de schisto betuminoso, imensa riqueza e progresso do Vale do Paraíba).

- O primeiro professor da Vila da Bocaina, anterior a 1870, chamava-se Mestre Jorge Mandinga.

— Câmbio - Londres, soberano 13\$490.

Maio - Vitor Hugo - Faleceu, em Paris, um dos primeiros literatos do século. Uma lágrima de saudade sôbre a lousa fria que cobre êsse grande vulto.

Junho - Ponte sôbre o Rio Paraíba - projeto para cobrança de uma taxa (pedágio).

Pessoas a pé	80 rs.
Cavaleiros	160 »
Animais soltos	80 »
Bois	100 »
Carneiro, cabritos e porcos	40 »
Carroças	1000 »
Tilburis e trolis	1000 »

— Inauguração da iluminação pública na Vila da Bocaina - Às 7 horas da noite de 28 do mês findo foi inaugurada a iluminação pública desta Vila. O Sr. Presidente da Câmara Municipal, acompanhado dos vereadores e da banda de música do Dr. Getúlio Moreira de Castro Lima, de todos os funcionários da Câmara e da polícia e de grande número de cidadãos de todas as classes, percorreram as ruas e praças da Margem Direita... Durante o trajeto na Margem Direita foram pronunciados alguns discursos pelos Srs. Franklin Claudino Palma, Alípio Franco, Dr. Sequeira e Tiburcio França.

Passaram-se, em seguida para a Margem Esquerda. O regosijo era geral. Pronunciaram discursos os Drs. Alves de Barros, José Inácio de Macedo, Olinto Augusto Ribeiro, cap. José Joaquim Gonçalves e Oscar José Teixeira».

(Foram inaugurados 26 lampeões a kerozene na Margem Direita, e 14, na Margem Esquerda. A iluminação era mantida até às 10 horas da noite, quando o sino da cadeia badalava a essa hora. Em noites de luar, ditos lampeões não eram acesos).

— Agosto - A província de São Paulo, conta, atualmente, com 52 cidades, 61 Vilas e 174 freguezias.

Outubro - O Sr. José da Cunha Lisboa arrematou o serviço da barca da passagem sobre o Rio Paraíba.

— 22 - Presidente da Província - Passou por esta Vila, no dia 18, vindo no expresso, com destino a São Paulo, o Sr. Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, presidente desta província. . . tocou no saguão da estação a banda do Sr. Randolfo Lorena.

— Novembro - Bernardo Guimarães. . . e alguma cousa faremos em favor da infeliz viúva e filhos do inditoso poeta Bernardo Guimarães (foi aberta nesta Vila uma subscrição para o fim acima referido).

— O Sr. José Antonio de Oliveira Porto mandou benzer a sua nova casa e para ela mudou-se no dia 8. (Adeus casa da Roseira). Fêz muito bem, porque quem com Deus anda, com Deus termina.

— Edital «Faço saber aos habitantes desta Vila, na Margem Esquerda que se acha aberta a escola masculina, da qual é professor o Sr. José Rodrigues Monteiro de Carvalho. . .

Inspetoria do Distrito de Santo Antonio da Bocaina, 1 de Novembro de 1885. Dr. Manuel Pedro Alves Barros».

— Elemento Servil. Preço. . . não excedendo do máximo fixado da seguinte tabela e abatendo-se 25% no valor correspondente das escravas:

Escravos com menos de 30 anos	900\$000
» de 30 a 40 anos	800\$000
» » 40 a 50 anos	600\$000
» » 50 a 55 anos	400\$000
» » 55 a 60 anos	200\$000

1886 - Janeiro - Navegação fluvial - «Esta navegação da qual são empregários os Srs. França e Cia. e sustentada há mais de 10 anos, sem interrupção, por dois excelentes vapores e quatro lanchas ou chatas de ferro que fazem as viagens redondas d'oto em oito dias. São dignos de nota os serviços que esta navegação tem prestado á lavoura e ao comércio.

—Abril - Hoje, ás duas horas da tarde, será inaugurada a colônia de Canas, com a presença do presidente da Província e Ministro da Agricultura o qual virá acompanhado de 50 famílias portuguesas.

- Comércio da Vila - Prêços correntes:
 Aguardente - litro, \$300; arroz - saca, 12\$000; açúcar de 1.ª kilo, \$480; batatas - kilo, \$200; carne de vaca - \$360; de porco, \$500; feijão - saco, 10\$000; frango - 1.\$500; fumo - arroba, 10\$000; milho - saco, 4\$000, manteiga - kilo, 3\$000; queijo de Minas - 1.\$900; toucinho - arroba, 8\$000.
- Ponte sobre o Paraíba. O Dr. Costa Júnior e os Irmãos Pôrto, propõe ao govêrno a construção de uma ponte de madeira, contanto que cobrem o pedágio.
- O barão de Parnaíba, vice-presidente da Província põe em concorrência a construção da ponte sobre o Paraíba, com encontros de pilares de pedra, superstrutura metálica, até sessenta contos de réis.
- Maio - Fôro da Vila. . . saiba, portanto, o Dr. Juiz de direito desta comarca (Lorena) que os dois municípios (Bocaina e Cruzeiro) podem dar perfeitamente 4 turmas de juizes de fato e ainda com algumas sobra. . . e que tal?.
- Junho - Queluz - Quem tiver escravos para vender e que estejam matriculados nesta Província de São Paulo, poderá entender-se com o abaixo assinado que tem uma encomenda de 50 para lavoura. Júlio de Aguiar Barbosa.
- Julho - Sarah Bernhardt - Passou por esta Vila, com destino a São Paulo esta notável atriz (a 8.ª maravilha do mundo) com a sua companhia composta de 43 figuras. Já regressou à Côrte com uma boa soma de contos de réis. Isto é que é vida! . . .
- 1887 - Agosto - Os dois semanários locais - «Gazeta da Bocaina», de Pedro Teixeira, e «Eco Municipal» de Manuel Saturnino de Seixas, em memorável reunião, seus redatores, assinaram um convênio, no sentido de viverem em harmonia.
- Setembro - Um baile na Estação. Anfitriões - Fernando de Paula e Silva e sua Sra. D. Mariana Freire. Motivo - 1.º aniversário do Atanagildo. O Dr. Siqueira leu a carta de liberdade que o casal concedia á sua escrava Adriana. Salões enfeitados, toiles caros, banquete, iguarias e orquestra e quadrihas e polkas e valsas, além 5 horas da manhã . . .
- Outubro - Nova Província - O Senador Godoi, apresenta um projeto criando a nova Província do Rio Sapucaí e propõe, Taubaté, para capital. Pedro Teixeira, em nome da «Gazeta da Bocaina» pede licença para propor uma emenda . . . a nova capital será a Vila da Bocaina.
- 1888 - Janeiro - O engenho central de Lorena, inaugurou mais uma linha férrea denominada «Santa Lucrecia», numa extensão de 5 kilometros, para o transporte de cana.

- A Câmara desta Vila, que findou o seu mandato, (1887) promoveu os seguintes melhoramentos: aumento do cemitério municipal, mudança do matadouro para a margem do Rio Bocaina, aterro da «Rua Baixa», desde o «Pôrto das Barcas».
- O Sr. Joaquim Pinto Barbosa é o diretor da banda Musical «União e Trabalho».
- A Câmara da Vila pede a Assembléia provincial: ponte sobre o Paraíba, construção de uma nova matriz, conclusão da Igreja do Bom Jesus, restabelecimento das antigas divisas com Cruzeiro, supressão da barreira de Piquê.
- Fevereiro - Jornais locais em circulação: «Gazeta da Bocaina» e «Nova Folha», às 5.ª feira; «Eco Municipal» aos sábados; «Binóculo» e «A Sentinela» aos domingos. (cinco semanários)
- Abril - A Câmara Municipal pede ao govêrno seis contos de réis para fazer o aterro do Paraíba, á linha férrea (hoje Av. Silva Caldas).
- Falece o padre Antonio Caetano Ribeiro (em 24 de Janeiro). Vide biografia.
- O Presidente da Província sanciona a lei concedendo 25 contos de réis para construir a ponte do Paraíba.
- Maio - Organiza-se a Sociedade dramática «Grêmio 13 de Maio» com 30 amadores. Peça de extréia «Amor e Honra».
- Junho - «Há 15 anos (1873) só se via por aqui mela dúzia de casebres de palha, ocupadas por pescadores.
- Setembro - Requerimento à Câmara, de Gavino Adêo, pedindo o pagamento de 2\$740. Consêrto em lampeões. Deferido.
- A professora Josefina de Camargo, da 2.ª escola da Limeira, pede pagamento à Câmara.
- Outubro - Rosa de Ouro - É entregue á princeza Izabel, na capela imperial, a Rosa de Ouro, conferida por S.S. o Papa Leão XIII. Motivo: assinatura da Lei Áurea.
- Estatística - Existem, na Vila, nesta data: Moças solteiras, 75; sras. viúvas, 19; moços solteiros, 90; viúvos, 4; casamento contratado; 1; ditos, em projeto, 8.
- Faleceu na tarde de 16, vitima de uma fâisca elétrica, a Inocente Júlia, filha do Sr. tenente Joaquim José Rodrigues da Mota. Sobre esse túmulo foi colocada a imagem de um anjo, cujo braço foi, também, cortado por um raio.
- Dezembro - Quadro de professores da cidade: Antonio Jorge de Lorena, João Mario de F. Brito, D.D. Eulina M. Lacombe, Albertina Ascânio de Azevedo e Maria Luiza Rodrigues.
- 1889 - Janeiro - «Fechamento das portas. Alguns moços empregados no comércio desta Vila, procuraram-nos, para pedir a nossa intervenção, em favor de sua pretensão - o fechamento das portas,

aos domingos, ás 4 horas da tarde». . . O comércio fechava domingo; ás 20 horas e dias da semana ás 22 horas, quando badalava o sino da cadeia.

- Fevereiro - A Câmara agradece ao Barão da Bocaina o importante donativo que fêz de um livro para lançamento dos atos de suas sessões.
 - D. Joaquina Bueno Moreira, normalista, toma posse de sua cadeia, numa casa da Rua Major Batista.
 - Pedro Teixeira, narra na «Gazeta da Bocaina», o roubo da Mantiqueira (século XVIII). Pormenores da «Casa Fortaleza». O arraial do Embaú foi durante muito tempo teatro das façanhas dos salteadores da Mantiqueira. O pequeno bairro de Santo Antonio, nessa época, era habitado por pescadores e vagabundos que tomavam posse dos terrenos sem dar satisfação ao seu proprietário cap. Manoel da Silva Caldas - o qual mais tarde fêz uma doação ao Senhor Bom Jesus da Cana Verde. Dentre os habitantes de Cachoeira, alguns pertenciam á famosa quadrilha da Mantiqueira. O governo recebeu denúncia, cercou a cidadela e passou pelas armas os salteadores.
 - «As cenas que acabamos de descrever passaram-se em 1790 - época em que Cachoeira já tinha a sua capela sob a invocação do Senhor Bom Jesus da Cana Verde».
 - Com o crescimento vertiginoso de Cachoeira a partir de 1873, os atentados se multiplicavam e nem tempo para inquéritos e o Paraíba se tornou a sepultura dos mortos.
- Março - Por telegrama recebido ontem, á tarde, em Lorena, deve chegar a esta Vila, amanhã, no expresso, S. Exa. o Sr. presidente da Província, acompanhado da Comissão de engenheiros que vem sondar o local mais apropriado para a nova ponte. S. Exa. logo que desembarcar do expresso, seguirá com os engenheiros para as margens do rio, afim de verificar de visu qual o melhor ponto para essa grande obra que vai custar a Província 70 contos de réis.
- Em trem especial de São Paulo, chegou a esta Vila, as duas horas da tarde, de 25 do corrente, S.A. o Sr. Conde d'Eu, acompanhado do Dr. Pedro Vicente, presidente da Província, conselheiros Duarte de Azevedo e Rodrigues Alves, Barão da Bocaina e major Virgílio Rodrigues Alves. Sua Alteza desembarcou em meio de estrepitosos vivas.
- Abril - Chegou a esta cidade, procedente de Caxambu, D. Lino Deodato, bispo de São Paulo. Foi recebido festivamente, hospedando-se em casa do Sr. Tenente Domiciano Rodrigues Pinto.
- Junho - Mudança do nome de ruas: «Largo do Comércio» - para «Praça Barão da Bocaina», «Rua Padre Antonio» - a nova rua

- que vem do «Porto da Barca» ao pontilhão do antigo barracão; «Rua Bom Jesus» - a que vai do mesmo pontilhão ao Largo da Igreja de São Bom Jesus; «13 de Maio» - a «Rua Alegre».
- Julho - O Barão da Bocaina se propõe ao govêrno superintender a construção da ponte sôbre o Paraíba.
 - Setembro - Superior polvilho azêdo, alq. 50\$000
 - Novembro - Chegam D. Maria Georgina Figueira Pompêia e sua genitora D. Maria Figueira. A professora D. Georgina, permutou sua cadeira, de Morro Agudo, com D. Maria Luíza Rodrigues, desta Vila.
 - Dezembro - Grandes manifestações ao Dr. Costa Júnior por motivo da proclamação da República.

Capítulo VI

Sumário — 13 de Maio e 15 de Novembro

Essas duas grandes datas foram, solenemente, comemoradas na, então, Vila da Bocaina.

13 DE MAIO:

Pródomos: «O dia 13 de Maio de 1888 ficará gravado na memória de todos os brasileiros». . . pela uma hora da tarde dêsse dia, cerca de 10 mil pessoas ocupavam a frente e as proximidades do Paço do Senado, e esperavam impacientes a Augusta Princesa Imperial Regente. . .

«Suas Altezas foram recebidas á entrada do Senado e tomaram lugar junto ao trono imperial». . . «Sua Alteza regente leu a Fala». . . «a extinção do elemento servil pelo influxo do sentimento nacional. . . tenho fé que corresponderéis ao que o Brasil espera de vós. Está aberta a sessão. Izabel, Princeza Imperial Regente».

— Liberdade - No dia 3 do corrente, quando a Princeza Izabel, lia, na Côrte, a «Fala do Trono» pedindo ao Senado aprovar a lei da libertação, nessa mesma hora, o Sr. José Antonio Nogueira de Sá, por intermédio do escrivão Évora, de Lorena, dava liberdade a seus 40 cativos, oferecendo-lhes succulenta «bóia» e colocação aos que quizessem continuar nos serviços de sua fazenda, no bairro do Palmital. E todos os ex-escravos continuaram.

— Festejos populares: Em homenagem a extinção do elemento servil, por decreto de 13 de Maio, houve nesta Vila grande regosijo. A Câmara Municipal, incorporada e precedida da banda de música «União e Trabalho», percorreu as ruas desta Vila dando vivas a Princeza Izabel, á Família Imperial e a 13 de Maio.

15 DE NOVEMBRO:

«O dia 15 de Novembro de 1889 ficará gravado no coração de todos os brasileiros». . . Proclamação: «Concidadãos - o povo, o exército e a armada nacional, em perfeita comunhão de sentimentos». . . Decreto n.º 1 de 15 de Novembro de 1889. «O Governo Provisório dos Estados Unidos do Brasil, decreta: art. 1.º Fica proclamada provisoriamente, e decretada como a forma de governo da nação brasileira - a República Federativa». . .

— A Câmara Municipal da Vila da Bocaina recebeu o seguinte telegrama, do Governo Provisório do Estado de São Paulo.

«Central 16 de Novembro de 1889 - Francisco Rangel Pestana, Prudente José de Moraes. Foi hoje empossado o Governo Provisório do Estado de São Paulo composto dos Drs. Prudente de Moraes, Rangel Pestana e coronel Mursa. Já entraram em palácio. Perfeita ordem».

— No dia 17 reuniu-se a Câmara Municipal, em sessão extraordinária, para responder o telegrama. O vereador Antonio Gomes Xavier disse que a Câmara não tinha outro alvitre senão reconhecer e aderir ao Governo Provisório de São Paulo. Suas palavras foram secundadas pelas do vereador Manuel Rodrigues Freire.

— Reunião - Convocados pelo Dr. Costa Júnior, reuniram-se os elementos locais, na Câmara Municipal da Vila no dia 1 de Dezembro e, então, foi constituído da seguinte forma o 1.º Diretório republicano: Dr. Costa Júnior - presidente. Membros: Domiciano Rodrigues Pinto, José R. da Mota Coutinho, João Barbosa Ferraz, Manuel Saturnino de Seixas, Luiz Rodrigues Moreira, João Antonio Ferreira e José Antonio de Oliveira Porto.

Capítulo VII

Sumário — portugueses e italianos

Tão logo os engenheiros da E.F. Pedro 2.º, sob a chefia do Dr. Newton Benaton, ordenavam a derrubada das matas e abertura do traçado de Queluz a Guaratinguetá, para Cachoeira convergiram numerosos portugueses.

Eram cabuqueiros, pedreiros, técnicos em alvenaria, construtores, navegantes, comerciantes. Para lembrança de seus parentes que aqui mourejam e homenagem á memória desses bravos do trabalho que, com os filhos da terra, levantaram Cachoeira - no seu início, no seu desenvolvimento - adiante vão alguns de seus nomes, cuja maioria fez fortuna e aqui está sepultada. Primeiro os que se naturalizaram antes da proclamação da República (Julho de 1889). Depois, essa naturalização, foi ratificada pela Câmara de acôrdo com a lei.

1889 - Dezembro - Grande Naturalização - «O decreto de 15 do corrente (Dezembro) é um dos passos mais agigantados, do Governo Provisório, para consolidação da República» - a Grande Naturalização.

— Festejos . Estiveram imponentes os festejos que se fizeram nesta vila, no dia 22 do corrente (Dezembro) em homenagem á Grande Naturalização, promovidos pelos Dr. Costa Júnior, Dr. Augusto José da Costa e Dr. Feliciano de Miranda: comício na Praça da Estação, banda de música, discursos, mais de mil pessoas e á noite «marche aux flambeaux».

— A Câmara reuniu-se em sessão solene, extraordinária, a 20 de Dezembro, sob a presidência do Sr. Cândido Pinto que, declarou ter a sessão, por fim, deferir juramento aos súditos portugueses, hoje naturalizados súditos brasileiros, a saber: João Antonio Ferreira, Manuel Joaquim Barbosa, Constantino Guedes de Magalhães, Vicente Martins dos Santos, João Francisco dos Santos, Joaquim Maria do Amaral, Crispim Fernandes de Souza, Manuel Pinto Moreira, Manuel Pereira de Araújo, Joaquim de Figueiredo Borges, Antonio Pinto Moreira, Manuel Joaquim Lobão, Bento Alves de Moura Coelho, José Martins Coimbra, Antonio Monteiro Júnior, João Barbosa Ferraz e Antonio Pinto Fernandes os quais compareceram e folhes deferido o juramento aos Santos Evangelhos na forma da lei. . . o vereador Gomes Xavier saudou aos novos cidadãos.

— Portugueses residentes em Cachoeira Paulista, desde o século passado, além dos citados: Manuel Antonio Ferreira, João Fortes, Joaquim Carvalho, Francisco de Melo Machado, João Ribeiro, Severino Moreira Barbosa, Antonio Moreira, José Moreira, Joaquim Moreira, Lourenço Fontes, José Fontes, Manuel Fontes, Luiz Fontes, Benjamim Fontes, Manoel Cruz, José Antonio de Oliveira Pôrto, João Antonio de Oliveira Pôrto, José de Oliveira Gomes, João de Oliveira Gomes, Joaquim Fernandes, Manuel Viana, Bento José Fernandes, Antonio dos Reis, Ramiro de Oliveira, José de Oliveira, Manuel Diniz, Antonio de Moura, Antonio Moreira de Matos, Francisco da Silva Azevedo, Antonio de Abreu, Carlos Martins, Joaquim Cunha, Firmino Costa, Joaquim Costa, José Costa, Francisco Galocha, João Evangelista dos Santos, José Paiva, Elídio Lobão, José Neves, Antonio Castelão, José Maria Fidalgo, Avelino Ventura, José Fernandes Bastos, José Bastos, Manuel Pereira da Silva Sobrinho, Manoel Pereira da Silva, Afonso Pereira da Silva, Afonso Cardoso de Oliveira, Rodrigo Rodrigues Vieira, Manuel Ferreira Bernardino, José Cardoso de Oliveira, Antonio Gaspar de Oliveira, Antonio Paulino da Silveira, José Botelho, Francisco Leitão, José Gonçalves Diniz, Alberto Moreira Jorge, Adriano Moreira Jorge, José Moreira Jorge, Celestino Moreira Jorge, Antonio da Costa Freitas, José da Costa Freitas, Joaquim de Freitas, Quintão, Domingos Prado, Antonio Costa, Antonio Gomes, Custódio de Barros Pinto, José Pereira Santos Lomba, Joaquim Ferreira, Monsenhor José Soares Machado.

Residentes no Jataí, ligados a Cachoeira: Antonio Joaquim Rodrigues, Manuel Bento, Antonio Bento, Joaquim Bento, Antonio Soares, Bento Soares

— Italianos: — Gavino Adêo, Adão Biteti, João Tomaz, Januário Bruno, João Bruno, Antonio Carlomagno, Rafael Longo (queijeiro) Salvador (latceiro) João Viteli, Francisco Viteli, Santo Chiareli, Leonardo Rosseti, Antonio Marton, Antonio Sacilote, Pascoal Viviani, Carlos Ligabo, Rafael Guerino, José Lombardi, padre Francisco Filipo, João Mastrodonico, Salvador Ciani.

Nota interessante — Na 2.ª metade do século passado, como foi dito, vieram ter a esta cidade numerosos portugueses, atraídos pelo avanço das duas estradas de ferro — a «Pedro II» e a «São Paulo-Rio».

Entre esses lusitanos, figuravam os irmãos José Antonio de Oliveira e João Antonio de Oliveira que moravam em Rezende. Entregaram-se à navegação do Rio Paraíba acima. Depois estabeleceram um pôrto na Margem Esquerda para o transporte de passageiros e mercadorias em balsas, botes e lanchas, ligando as duas margens.

Essa atividade lhes foi rendosa. Montaram grandes casas comerciais, representavam alto comércio do Rio — foram nomeados tenentes coronéis da guarda nacional — o primeiro foi delegado de polícia e se tornou proprietário da fazenda da «Barra», o segundo chegou à presidência da Câmara Municipal e adquiriu a fazenda «Jardim». Finalmente, porque seu início, seus trabalhos foram dedicados ao pôrto que instalaram e receberam o nome de «Irmãos Pôrto». E pegou.

O primeiro assinava-se — José Antonio de Oliveira — Pôrto e o segundo João Antonio de Oliveira — Pôrto. E foi assim que teve início a já numerosa família Pôrto desta cidade. Acontece que o prenome de batismo de João Pôrto, era Eduardo e não se sabe o porque da mudança. Em vez de Eduardo de Oliveira — pegou — João Pôrto.

Capítulo VIII

Sumário — Um pouco de humorismo

(DOS JORNAIS DA VILA)

1879 — Janeiro — Anúncio. Precisa-se de um ou dois bois, trabalhadores, que tenham prática do serviço de arado.

— Provocação: a «Gazeta» não é peixe nem carne.

— Fevereiro — Balsa: qualquer passageiro que não seja, convenientemente, atendido, nas horas marcadas... aí do barqueiro.

— Julho — Escravo fugido: Bráz, mulato claro, de 17 anos, espigado, feições miúdas, bons dentes, imberbe, olhos pequenos, boca idem, pernas um pouco abertas para fóra, olha por baixo e tem uma cicatriz num lugar que não se pode dizer...

— Os conservadores que não são brinquedos, quando estão no poder, ficam furiosos quando estão debaixo - e querem eleições a cacete, garrucha e navalhas. Pau neles.

1878 - Dezembro - Celim: rogamos a pessoa que pediu, na véspera da eleição, um celim, emprestado ao Sr. Midões, que tenha a bondade de entregá-lo - caso contrário seu nome será publicado, neste jornal, com o competente comentário azedo que o caso exige. Finório!

— Pede-se ao Sr. Vigário separar os homens das mulheres, nas funções religiosas da Igreja.

— Porque será que o Carlos Dias paga direitos para matar gado e o Vituriano de Almeida não gosa dessas vantagens? «Dura lex»... hum.

— O Martinho de Campos, estomagado com o João Mendes, prometeu-lhe provar a falsidade de seu diploma. Upa!

— Este ano, além do sarampo, só tivemos a epidemia das eleições.

1886 - Janeiro - Bargosi. Este célebre andarilho, há pouco falecido, em Buenos Aires, legou, á sua espôsa, a bonita fortuna de 150 contos de réis. Nestes tempos tão bicudos só se pode ganhar dinheiro, correndo, como fazia o Bargosi. Quem quiser dinheiro é cava-lo.

- Junho - O fim do mundo. É hoje, o dia marcado pelos videntes, para o ponto final, na marcha do mundo e dos seus habitantes. Acautelem-se! A coisa é ao meio dia.

— Indagação? - Perguntaram ao Emílio Pereira Lomba, comandante dos «navios» que fazem a travessia Cachoeira-Caçapava, porque tantos homens (10) na tripulação?

— É que quando os ditos estão a encalhare, falta kerozene, máquina não funciona, aí - que meus marinheiros são desgraçados no barejão.

1887 - Setembro - Moças a procura de maridos: Acabam de chegar a Paris, lindas moças americanas, a procura de maridos. Levam dinheiro em ouro e bons títulos.

Venham para o Brasil e em seguida para a Vila da Bocaina. Não só acharão bons casamentos, como também ficarão sabendo com quantos paus se faz uma canoa.

Capítulo IX

Sumário - Efemérides até 1895

1891 - Janeiro. Novos habitantes. Já há alguns meses passaram a residir nesta cidade os distintos cavalheiros: Dr. Cicero Anatólio Vieira do Brasil, Major Procópio Rodrigues das Neves e Alacrino Nunes de Melo.

— Cuida-se da fundação do primeiro Clube Literário da Vila.

1890 - Janeiro - Férias abundantes durante o ano letivo: Junho, Dezembro e Janeiro, 70 dias; Semana Santa, 8 dias; Carnaval, 8 dias; festa do Espírito Santo, 4 dias; domingos e dias santos de guarda, 64; dias feriados, 14. Total 158 dias, isto é, pouco menos da metade do ano.

— Com a proclamação da República desapareceram os partidos. Os três existentes, agora, se denominam - Partido Republicano.

— Abençoada República que tantos benefícios vem nos trazer e venha o fôro e venha a coletoria geral e venha a nossa Matriz.

— Por decreto de 7 do corrente (Janeiro) o Governo Provisório promulgou a lei de separação da Igreja do Estado.

— Mudança de nomes. «Rua Major Vieira», para «Marechal Deodoro»; Rua Municipal para «15 de Novembro»; Major Batista (parte) para «Dr. Prudente de Moraes».

— Publicado o decreto de 15 do corrente (Janeiro) declarando que o poder do município dos Estados, deve ser exercido por um Conselho de Intendência, composto de 3 a 9 membros, de acôrdo com a importância do município.

— Fevereiro - Pleitea-se a fundação de uma colônia agrícola, nesta Vila.

— Proposta aprovada: indicamos que se mude os nomes das seguintes ruas: Rua do capitão «Inácio Pinto», para rua «Dr. Bernardino de Campos»; a rua do «Dr. Costa Junior», para rua «Dr. Campos Sales»; a rua do Major «Oliveira Borges» para rua «Dr. Rangel Pestana»; a rua do «Marques Pinto» para Rua «Francisco Glicério».

— Março - Foi organizado o primeiro «Clube Republicano» da Vila, assim constituído: Antonio Lemes Barbosa - presidente. Membros: Galdino Rodrigues P. Goulart, Pedro José Teixeira, Manuel Pinto Moreira, Joaquim Cândido Pinto, Joaquim Maria do Amaral, Casimiro Santos Pinto.

— Por decreto de 20 de Janeiro findo, é mantido o hino nacional e adotado o hino da «Proclamação da República» - letra de Medeiros de Albuquerque e música do maestro Leopoldo Miguez (seja um pálio de luz desdobrado ...).

— Maio - Fôro da Bocaina - Inicia-se a campanha pro-fôro da Bocaina. Despacho do governador: «provem que o município da Bocaina reune as condições legais para ter fôro e ser termo».

— Por decreto de 27 (Maio) foi criado o Termo da Bocaina, sendo-lhe anexado o município de Cruzeiro. Em consequência foram nomeados: Juiz Municipal e de Orfãos - Dr. José Inácio Macedo; Suplentes: José Joaquim Ferreira, tenente Domiciano Rodrigues Pinto e Alexandre Francisco Pinto. Delegado de Polícia - Diogo Ramos de Oliveira. Suplentes: tenente Deodato da Silva Rodrigues, José Francisco Barbosa Ortiz, Antonio Mansueto Novais Osório. Joaquim Silvério da Fonseca Queiroz é o presidente da Intendência.

— Agôsto - 2 - Instalação do Têrmo da Bocaina - Ao meio dia, pelo expresseo, chega o Dr. Prudente de Moraes, governador do Estado e sua comitiva. Foi recebido pelas Intendências da Bocaina, Cruzeiro e Jataí e enorme multidão, sobressaindo as damas da melhor sociedade da Vila, com suas vistosas toilettes. Dirigiu-se para a casa do tenente Domiciano, preparada para hospedá-lo. Coretos pelas ruas, bandas de música, hinos e dobrados. Lanche fino e brindes cordiais foram trocados. As professoras, D. Georgina Pompéia, D. Joaquina Bueno Moreira e D. Francisca Azevedo, compareceram com seus alunos.

«O vasto salão da Intendência, achava-se, vistosamente, ornamentado de cortinas nas janelas, reposteiros de finíssima casimira verde, com as armas da República, lustre no centro e arandelas, mesas, cadeiras de estofa»,... «no lugar competente via-se o retrato do generalíssimo chefe do govêrno, colocada em rica moldura dourada. Á porta da entrada tremulava o pavilhão da República».

A Instalação - Às duas horas da tarde, entrou o governador no salão da Intendência, acompanhado de enorme multidão.

O capitão José Joaquim Gonçalves, achava-se em sua cadeira de presidente e nos lugares próprios; os demais intendentes.

É aberta a sessão presidida por Prudente de Moraes, a convite do presidente. «No meio de profundo silêncio o Dr. Governador fez um brilhante discurso»... «Lavrou-se uma ata assinada pelos presentes».

Quando o Governador declarou instalado o Têrmo da Bocaina, «a força policial postada frente ao edificio saudou esse acontecimento com três descargas de fuzilaria, uma salva de 21 tiros» e foguetes e rojões e bandas de música e o hino nacional e os hurrahs da multidão.

— Ato continuo, e com a assistência do Governador, uma comissão de senhoras ofereceu ao Dr. Costa Júnior, o seu retrato a óleo, com rica moldura dourada, falando o Sr. Manuel Saturnino de Seixas.

— ...«a sessão esteve soleníssima e o próprio Governador do Estado, no correr de seu discurso, não pôde ocultar as lágrimas que por mais de uma vez se deslizavam de seus olhos».

— Banquete - O vasto salão da Estação local, oferecia o mais deslumbrante efeito, guarnecido de palmeiras, flôres e folhas, galhardetes, festões e no centro a mesa em fôrma de U com ricas jarras, candelabros, serpentinas. E, às 7 horas, da noite teve inicio o banquete, sentando, á cabeceira o Governador. Menu fino, variado e profuso. Ao champagne numerosos brindes, sendo o mais expressivo o proferido pelo Dr. Prudente de Moraes, saudando os municípios de Bocaina e Cruzeiro.

Finalmente, o brinde de honra (todos de pé) proferido pelo Governador, em homenagem ao chefe do Govêrno Provisório.

— As ruas e praças foram, caprichosamente, enfeitadas, quatro coretos, quatro bandas de música, casas com suas fachadas iluminadas com lanternas japonesas, lampiões a côres, diversões populares... e o Governador regressou em trem especial que partiu às 7 horas da manhã do dia 3.

— «Para complemento dos festejos, um esplêndido baile na noite de 3, no salão da Estação, com o comparecimento do high-life desta Vila, Cruzeiro, Rezende Lorena, Jataí e Silveira».

— Pelo conhecimento que este narrador tem dos festejos a Prudente de Moraes (pelos jornais da época) e, porque, tomou parte no desfile de 25 de Abril de 1964, solenizando a Revolução de 31 de Março - pode afirmar que foram as duas maiores manifestações públicas, realizadas em Cachoeira.

— Outubro - Tendo o Dr. Prudente de Moraes solicitado exoneração do cargo de governador do Estado foi nomeado para substituí-lo o Dr. Jorge Tibiriçá Piratininga.

— O governador do Estado completou o quadro de intendentess deste município elevando o a 9 e nomeando mais: Tenente Galdino Pereira Goulart, Casimiro dos Santos Pinto, Teodoro Fragoso Rhodes e Joaquim Maria do Amaral. O intendente Casimiro Santos Pinto, foi eleito presidente.

— Junho - Visita do Presidente do Estado. «A Vila da Bocaina foi agradavelmente honrada com a visita do Dr. Américo Brasiliense, primeiro presidente do Estado». Às 11 horas da manhã, do dia 18 do corrente (Junho) SExa, desembarcou da composição especial que o conduzia, recebendo grande manifestação: autoridades locais e de Lorena, bandas de música, rojões, formação da força policial. Aclamado pela multidão, dirigiu-se para a sala da Intendência, onde participou de fino lanche, ouvindo discursos e «recebendo das mãos de duas filhas do coronel Casimiro Pinto, dois lindos bouquets de cravos branco». . .

«O Dr. Américo Brasiliense em eloquente discurso agradeceu aquela manifestação espontânea do povo da Vila da Bocaina». . .

O presidente do Estado, em trem especial, seguiu para a Capital Federal.

— Julho - Tomam posse dos cargos de intendentess: José Rodrigues da Mota Coutinho, Antonio Gonçalves Pedreira, José Martins Coimbra. Joaquim de Figueiredo Borges e Joaquim Pedro Barbosa.

— Agosto - Bento Alves de Moura Coelho - «Faleceu no dia 17 do corrente» este prestante cidadão, naturalizado brasileiro. Serviu tanto Cachoeira, em tantos cargos e durante tanto tempo que mereceu o cognome de benemérito.

— Outubro - Na Câmara. Indicação - «Indico que se oficele ao Congresso do Estado, protestando contra a indicação feita pelo Dr. Antonio Celestino dos Santos, na Câmara dos Deputados, desmembrando deste Termo, para a Comarca de Queluz, o município (sic) de Vila Novais». . . Sala das sessões da Intendência 28 de Agosto de 1891. Joaquim Maria do Amaral.

— Dezembro - O Dr. Costa Júnior, á frente de numerosos cidadãos, depõe os membros da Intendência (vide 1.º volume).

— 1892 - Março - «Continua a Vila da Bocaina sem nem uma escola do sexo masculino»; . .

— Maio - «Em sessão de 2 do corrente o Dr. Cicero Anatólio, atual presidente da Intendência, apresentou as duas seguintes indicações: 1.º Sobre o encanamento de água do Rio Bocaina; 2.º sobre a iluminação á luz elétrica.

— Julho - Guarda nacional Essa instituição teve a vantagem de despertar certo contentamento e mesmo entusiasmo entre seus aquinhoados. Ora, ser tratado de capitão, major, coronel era agradável e provocava um sorriso de júbilo. Na monarquia, comendadores, conselheiros, barões, viscondes, condes, marqueses como que formavam uma casta á parte. A guarda nacional era mais liberal. Por decreto de 28 de Junho foi nomeada a Guarda Nacional da Vila da Bocaina, a ela se incorporando vários elementos do Embaú, a saber:

Coronel comandante superior - o tenente coronel José Joaquim Ferreira;
Tenente coronel, chefe do Estado Maior - o tenente Domiciano Rodrigues Pinto;

Major Secretário Geral - Crispim Bastos;

Major ajudante de ordens - capitão José Joaquim Gonçalves.

Major quartel mestre - Antonio Mansueto Novais Osório.

Tenente coronel, comandante do 81.ª batalhão de infantaria - Antonio de Macedo Costa;

Major fiscal - Alacrino Nunes de Melo;

Tenente coronel comandante do 28.º batalhão de reserva - José Antonio de Oliveira Pôrto;

Major fiscal - Diogo Ramos de Oliveira;

Capitão ajudante - Joaquim Cândido Pinto;

Capitão cirurgião - Antonio Gomes Xavier.

4.ª Companhia - Capitão Avelino Bastos, tenentes João Godoi Fleming e João Henrique dos Santos, Alferes José de Godoi Fleming e Antonio Modesto Pinto.

Tenente secretário - Manuel Luiz Domingues Bastos.

2.ª Companhia - Major João Antonio de Oliveira Pôrto e tenente Antonio Gonçalves da Rocha, alferes Joaquim Luiz de Freitas Braga e Francisco Antonio de Magalhães Carneiro.

Alferes - Francisco Ribeiro Midões e João Francisco dos Santos.

4.ª Companhia - Tenentes Balduino Salustiano de Miranda e Joaquim Pinto Barbosa.

A feres - José da Rocha Carneiro e João Guedes de Siqueira.

— Agosto - Chegou a esta Vila, no dia 21 do corrente, em composição especial, vinda do Rio de Janeiro, o Dr. Bernardino de Campos, presidente eleito do Estado.

Ao desembarcar no saguão da Estação recebeu grande manifestação. E seguiu para São Paulo.

— Parece fóra de dúvida que o Termo da Bocaina será elevado á categoria de comarca.

Lei n.º 80 de 25 de Agosto de 1892 - Cachoeira é elevada a comarca - (vide 1.º volume).

— Outubro - 12 - Instala-se a Comarca da Vila da Bocaina. Toma posse o 1.º Juiz Dr. José Inácio de Macedo. Grandes festas, marcha cívica, fogos, bandas de música, discursos e baile suntuoso.

1893 - Janeiro - As duas Margens não se entendem... é uma questão eterna esta que reina e governa... ciúmadadas.

— «A criação de uma Caixa Econômica pelas Câmaras Municipais é considerada como necessidade para a classe menos favorecida da fortuna»...

— Maio - Na fazenda do Sr. João Barbosa Ferraz foi organizado um diretório politico de opposição assim constituido: Antonio G. Xavier, Manuel P. Moreira, José Augusto Humel, Francisco L. Barbosa e Casimiro Santos Pinto.

— Junho - 5 - Efetua-se a instalação da Câmara Municipal e cadeia no novo edificio há pouco construido para esse fim, ás expensas do governo do Estado. Ato festivo, benção pelo vigário da paróquia, banda de música, rojões, discursos (foi demolida para que, nesse local, se levantasse o suntuoso prédio do Fôro atual).

— Setembro - Em consequência da revolta promovida pelo Almirante Custódio José de Melo, no dia 6 deste mês, contra o governo do Marechal Floriano Peixoto, o Dr. Bernardino de Campos, Presidente do Estado, mandou retirar das localidades, para concentrar na Capital, as praças dos Corpos de Policia aí destacadas. Nesta emergência e não podendo esta Vila ficar sem policia, muito acertadamente, resolveram os Drs. Juiz de Direito, Promotor Público e Delegado de Policia, organizar uma Guarda Cívica, composta de cidadãos qualificados.

Para esse fim, foram convidadas pessoas gradadas para uma reunião na sala da Câmara Municipal. Efetivamente, ás 2 horas da tarde, compareceram muitos cidadãos que se alistaram para o serviço ativo da nova guarda, destacando-se entre elles o Dr. Francisco Assis de Oliveira Braga, promotor público, Dr. Cícero Anatólio Vieira do Brasil, advogado, tenente cel. José Antonio de Oliveira Porto, delegado de policia, tenente cel. Domiciano Rodrigues Pinto, Presidente da Câmara Municipal, tenente cel. José Joaquim Gonçalves, intendente Geral. Major Alacirino Nunes de Melo, Escrivão de Órfãos, cap. Antonio Procópio Rodrigues das Neves, Tabelião e muitos outros.

Nêsse mesmo dia 19, ficou organizada a Guarda Cívica que entrou logo em serviço ativo.

— Outubro - Cogita-se da criação, na Vila, de uma banda de música, só de elementos do sexo feminino.

— A banda de música «Prazeres da Bocaína» acompanhado de seu diretor - Major Alacrino de Melo percorre festivamente as ruas da Margem Direita e Esquerda.

1895 - Janeiro - 23 - Há mais de 40 dias chove sem parar. Hoje, enchentes medonhas - mortes e prejuízos incalculáveis. O rio do Moínho subiu dois metros e os outros também. Um dilúvio, um oceano a par-ta baixa da cidade. Mande o Sr. Dr. Bernardino de Campos verificar o que se passou, nesta cidade, no dia 23 de Janeiro.

— Maio - Em data de 15 do corrente, a Câmara Municipal decreta a lei n.º 14, elevando á categoria de cidade a Vila de Santo Antonio da Bocaína, sancionado pelo Cel. José Joaquim Gonçalves, presidente da Intendência.

— Julho - Passou por esta Vila, com destino a Pernambuco D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, bispo de São Paulo. Recepção festiva.

— Setembro - Sabe-se que a epidemia de variola que grassou nesta cidade, há 4 anos (1891) levou ao túmulo 50 pessoas.

— É inaugurado festivamente o teatro municipal da Rua Marechal Deodoro, iniciado a 15 de Abril de 1885, por uma associação de elementos locais com o capital de 5\$000 - cinco contos de réis dividido em 500 ações, sob a direção do Dr. Costa Júnior. Falaram o Major Procópio Rodrigues das Neves e Dr. Bernardes de Gouveia.

A Companhia Dramática, dirigida por Cândido Teixeira, representou «Os Tipos da Atualidade» e o «Diabo atraz da Porta».

— Novembro - É recebido, festivamente, o famoso ator Brandão, pela companhia Cândido Teixeira, autoridades, banda de música.

— Projeto. Art 1.º para auxiliar ao governo do Estado no serviço de canalização de água para esta cidade. . . 30.000\$000 (trinta contos de réis).!

— Dezembro - Já se acham recolhidos ao Tesouro do Estado os trinta contos de réis para auxiliar o serviço de água e esgoto desta Vila.

— O coronel Domiciano Rodrigues Pinto, convida o povo para ir a estação receber seu filho recém-formado Dr. João Evangelista Rodrigues e a seu colega de turma Dr. Cristiano Costa. Festas a chegada e grande recepção.

Capítulo X

Sumário - Jornais

Os dois principais jornais da Vila, no século passado, foram: o «Eco Municipal» fundado e dirigido por Manuel Saturnino de Seixas, a partir de 28 de Julho de 1878, e a «Gazeta da Bocaina», dirigida por Pedro Teixeira (19 de Julho de 1883). Semanários de ótmo formato, bem impressos, bom vernáculo, matéria variada, 1200 números cada edição, tiveram longa duração.

Os jornais da mocidade, ainda no século passado, se denominavam: «Colibri», «Binóculo», «A Sentinela» e «Nova Fôlha». Em 1888, Cachoeira contava com seis semanários.

Nêste século, a partir da primeira década - a «A Opinião» do qual não foi encontrado um exemplar sequer.

Em 1915 - 17 de Outubro, o Sr. José Moreira Barbosa, fundou o «Cachoeirense» que passou por três fases. Em 1926 - o Sr. A.R. fundou a «A Notícia» que, também, passou por três fases. Outros jornais, circularam, mas de curta duração, a saber: «A Região» de A.R.; «O Mentor» de Fernando Máximo; «Correio de Cachoeira» e a «Voz de Cachoeira», de Ruth Guimarães; «Frente», de Afrânio Vieira.

Jornais da Mocidade: X.P.T.O; «O Vagalume», «O Alfinêto», «O Cometa», «O Cachoeirinha», «O Mex-rico», «O Águia», «O Paulistinha», «O Cachoeira», «Nova Fase». Diversos: «Boletim dos Fazendeiros», «Boletim Municipal», «Guararapes», «Em marcha», «Lê e vê», «A Cena» (revista) «Fôlha Democratica», «Jornal da Kermesse» e «Plamanco» da Cooperativa de Laticínios. (vide Ovidio de Castro, 1.º volume).

Capítulo XI

Sumário - Efemérides até 1.904

1896 - Jan. - Toma posse a nova Câmara (a última do século) sendo eleitos presidente, o coronel José Joaquim Ferreira e vice o major João Pôrto. Tomaram posse os vereadores: Alacrino N. de Melo, Joaquim Pinto Barbosa, Manoel Pinto Moreira, Antonio P. dos Santos Lomba, Aristides F. Guimarães.

— Abril - É nomeado promotor público desta Comarca, o Dr. João Evangelista Rodrigues.

— É organizada a diretoria fundadora da Corporação Musical «Primor da Bocaina».

— Setembro - Teatro municipal - Espetáculos exibidos durante um ano: comp. Cândido Teixeira, 17; Santos Lima, 13; Isidoro de Castro, 9; Álvaro de Menezes, 2; grupo de amadores, 5; Lírico, 1; bonecos, 2; ilusionistas, 3. Total 52.

— Dezembro - É pedido à Câmara, o fechamento do comércio aos domingos às 4 horas da tarde. A maioria dos comerciantes é contra.
1897 - Janeiro - A estação local da E.F.C.B. passa à categoria de 1.ª classe.

— Março - É narrado o desastre de Canudos - Moreira César e Tamarindo.

— Agosto - Cogita-se da fundação de um grupo escolar.

1898 - Março - Há nesta Vila duas bandas de música: uma da responsabilidade do coronel José Joaquim Gonçalves e a outra do Sr. Aristógliton Guimarães - «Recreio dos Artistas» e «Primor da Bocaina» eram seus nomes.

— Abril 3 - Falece o Dr. José Inácio de Macedo, 1.º juiz de direito da Vila da Bocaina. Foram-lhe prestadas honras fúnebres, no seu sepultamento; . . (vide 1.º volume).

— Benção das casas - O vigário da paróquia percorreu Sábado da aleluia e Domingo da Ressureição, a margem Direita e Esquerda, abençoando as casas.

— Maio 7 - Falece o tenente coronel José Antonio de Oliveira Pôrto, que tantos benefícios prestou a esta Vila. Honras especiais lhe foram tributadas, após sua morte.

— Agosto - Está funcionando a corporação musical «Progresso da Bocaina».

1899 - Dezembro - Cinematógrafo - Foram exibidos 18 quadros, cada qual mais belo, da esplêndida invenção de Edson.

— Te-Deum, na Matriz, em despedida do século.

1900 - Janeiro - 1.ª «Missa do século», extraordinariamente concorrida.

1903 - Setembro - O Dr. Gama Rodrigues, conceituado médico residente em Cruzeiro, dá consultas em Cachoeira.

— Outubro - 4 - (1826) Começa a circular, em definitivo, o «Jornal do Comércio» do Rio de Janeiro.

— Dezembro - Foi assinado no dia 27 do mês passado a lei n.º 895 determinando que a localidade denominada Vila de Cruzeiro passa a denominar-se, Embaú.

1904 - Abril - 29 - Falece D. Ana Maria Freire (D. Ana Pinto) viúva do capitão Inácio Pinto, com 84 anos de idade. Sogra do Coronel Domiciano e genitora de numerosa prole que tanto contribuiu para fundação de Cachoeira.

Capítulo XII

Sumário - Um pouco de humorismo

(DOS JORNAIS, LOCAIS, DA ÉPOCA)

1883 - Dezembro - Pedro Teixeira, redator da «Gazeta da Bocaína» faz um relato do nome de Pedro 1.º, Pedro 2.º e, termina dizendo, que em Cachoeira há também um «Pedro».

1894 - Setembro - Paris é a cidade do mundo que possui mais alfaiates, Londres - carroceiros, Amsterdam - usurários, Bruxelas - tratantes, Berlim - embriagados, Florença - flôres e Lisboa - meirinhos (oficial de justiça).

— Outubro - Precioso mimo - «Foi um dia de juízo... um dia repleto de alegrias... tantas e tantas risadas que é difícil explicar-se o que se passou no lar do Sr. Segismundo Barbosa, no dia 23 de Setembro: É que sua Exma. Sra. D. Cristina Ribeiro da Silva, brindou-o com um mimo - ou seja o nascimento de uma robusta menina que se chamará Ana.

— Desastre - O Sr. Joaquim da Silva Reis, montava uma besta redomona, que lhe tomou as rédeas quando passava pelo atêrro e desapareceu. O Sr. Reis, quando viu a «pátria em perigo» não foi besta, precipitou-se do animal, caindo num brejo, machucando-se. Um conselho: «Sr. Reis, não se deve fiar em animais que não são certos da bola».

1895 - Dezembro - Está grassando uma epidemia, levando a criança: vermes, dentição mal de sete dias e mau olhado.

— Antonio Salustiano de Miranda participa ao público que incumbe-se de fazer cobrança nos Estados de São Paulo, Rio e Minas. Dá responsável. Entretanto, esclarece que sua especialidade é preparar papéis para casamentos.

1898 - Novembro - Fomos atendidos no pedido que fizemos. O fim do mundo que devia realizar-se, amanhã, foi transferido para 1999. Graças, podemos dormir socegados, mais um século.

1900 - Dezembro - 31 - Fim da semana, fim do mês, fim do século e fim do mundo para os que hoje «baterem com a cauda na cerca».

Capítulo XIII

Sumário — Efemérides até 1.921

1902 - Agosto - Funda-se a «Loja Maçônica Bom Jesus».

1908 - Junho - É fundado o «Club União».

1911 — Lançam-se os fundamentos da Santa Casa, sob a presidência de D. Epaminondas, bispo de Taubaté (relato em separado).

1913 — É inaugurado o primeiro grupo escolar, desta cidade.(vide 1.o volume);

— É inaugurada a Empresa Hidro-elétrica Serra da Bocaina (vide 1.o volume).

1915 - Outubro - Circula o 1.o número do semanário «O Cachoeirense», sob a direção de José Moreira Barbosa.

— Lei n.º 1470, desta data, muda para a denominação de Cachoeira, o nome do Distrito de Paz, do município e comarca de Bocaina.

— Novembro - Circula o 1.o auto de aluguel (Ford) de propriedade do Capitão José de Oliveira Gomes, estando no volante Benjamim Rodrigues França.

1916 - Março - Inauguração da 1.a Máquina de beneficiar arroz de propriedade do Sr. Avelino Ventura.

— Setembro - Começa a funcionar o «Grêmio Cinema» - instalado no início da Rua 7 de Setembro.

1917 — Abril - Data em que entramos para a vida jornalística de Cachoeira com a narrativa «Excursão a Usina» no «O Cachoeirense».

— Maio - Fixa residência nesta cidade o Dr. Milton Pina Cavalcanti, que aliava à sua competência uma bondade proverbial.

— Falece o Dr. José Antonio Barreiros Júnior, chefe do 7.o Depósito. Seu sepultamento deu-se no Rio de Janeiro.

— O Prefeito decreta a obrigatoriedade do ensino primário no município.

— Julho - Funda-se a Linha do Tiro de Guerra 432. Sua primeira diretoria foi constituída com os seguintes nomes: Dr. Manoel de Azevedo Castro, José de Oliveira Borges, Sebastião Soares Fagundes, Cristovão Colombo Tórres, Alberto Gonçalves de Barros, Casemiro Pinto Júnior, José da Silveira Mendes, João Palazzo, José Rodrigues Duarte, Alfredo do Amaral Rocha, José Porto Filho, José Moreira Barbosa, João Barbosa Ferraz Filho e Agostinho Ramos.

Sargento Instrutor: Felicíssimo do Espírito Santo Sobrinho.

— Agosto - Raid Militar São Paulo-Rio. Sob o comando do tenente Genserico de Vasconcelos, passando por esta cidade vinte e oito militares. Festas.

— Circula «O Vagalume» - jornal da mocidade.

— Novembro - Raid do Tiro de Guerra 432 ao Embaú. Festas.

— Raid do Tiro de Guerra 432 a Cruzeiro. Recepção e discurso do Dr. Carlos Varela e Júlio Mendonça.

— Raid do Tiro de Guerra 432 ao Jataí.

— Dezembro - Falece em Taubaté o Dr. João E. Marcondes Varela, ex-juiz desta comarca.

1918 — Janeiro - Cerra suas portas o «Cine Ideal».

— O deputado federal Nicanor do Nascimento, apresenta projeto de mobilização de estrangeiros que devem seguir para a guerra, antes dos brasileiros.

— Fevereiro - O coronel Alfredo Leão da Silva Pedra - comandante do 53.º Batalhão de Lorena acompanhado do tenente Andrade, visita o Tiro de Guerra 432.

— Março - O Grupo Escolar passa a funcionar em um só período - das 11 às 4 horas da tarde.

— Abril - Deixa a direção do Tiro 432 o sargento Felicíssimo.

— O sargento Jurema assume o comando do «432».

— Maio - Passa por esta cidade com destino a Lorena, Piquê e São Paulo, o Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes. Estava amanhecendo. O combôio parou um pouco na estação. S.Exa. quiz experimentar o cafêzinho de Cachoeira, tão seu conhecido dos tempos das romarias. Então, o Cândinho Lobão viu seu modestíssimo kiosque, no Largo da Estação rodeado de altas patentes no anseio de tomar cafêzinho e de garçons empunhando bules. (Em chegando em São Paulo, o Presidente ouviu um dos mais famosos discursos da época, pronunciado pelo acadêmico Jairo Góes, na sacada do Teatro Municipal).

— Junho - O maior frio de que se tem memória - dois graus abaixo de zero.

— Prêços correntes por quillo: açúcar de 1.ª 1\$000, de 3.ª \$900, masca-vo - \$550, toucinho 1\$300, carne salgada 1\$300, café de 1.ª \$600, escolha \$350, manteiga 4\$500. Por litro: arroz de 1.ª 2.ª 3.ª \$600, \$500, \$400, milho \$100, fubá \$120, farinha de mandioca \$200, sal fino \$300, sal grosso \$250, rapadura, uma, \$140

— Julho - Falece Galdino Rodrigues Pereira Goulart, irmão do coronel Domiciano e cachoeirenses de outros tempos.

— Agosto - Falece o capitão João Marcondes de Oliveira Sobrinho, tronco de numerosa prole e doador do terreno onde se situa o atual Depósito da Central do Brasil.

— Novembro - Grassa a «gripe hespanhola» também denominada «péste da guerra», «mal de Dakar», «péste alemã». Caucula-se 1.500 o número de afetados. A Santa Casa é aberta. Trabalho insano. Caem doentes os farmacêuticos José Pôrto Filho, Cristovão Colombo. É o drama. Faleceram as primeiras vítimas: Chico da Rosinha - alfaiate e musicista, Álvaro Monteiro - comerciante, João Bento - fazendeiro, e Bepe - musicista e alfaiate. Gama Rodrigues, comparece, Severino Moreira Barbosa, Prefeito Municipal, e Antonio da Silveira Mendes se desdobram, Dr. Milton Pina e Padre José Soares Machado, não arredam pé. Não foram contagiados.

— Dezembro - Excursão do Tiro 432 a Queluz. Recebido pelo Coronel Francisco Thomaz, Francisco Sene, José de Paula França. Grandes festas.

1919 — Janeiro - Falece no Rio de Janeiro o Conselheiro Rodrigues Alves, Presidente da República. Foi sepultado em Guaratinguetá.

— Abril - Sob a presidência do Prof. Lindolfo França Machado, instala-se a Caixa Escolar do Grupo Escolar (C.B.E).

— Falece em São Paulo o Dr. Antonio José da Costa Júnior um dos fundadores de Cachoeira. Torsou armas ao lado de Campos Sales, tomou parte na Constituinte Republicana, Deputado Provincial e Deputado Federal, em várias Legislaturas. A Municipalidade hasteou a bandeira em funeral.

— Eleição de Epitácio Pessoa, para Presidente da República. Seu competidor - Ruy Barbosa.

— Falece o Coronel Domiciano Rodrigues Pinto, a quem Cachoeira tudo deve, na sua fundação.

— Junho - Artur Friedreich - em famoso gol - vence o campeonato Sul-Americano de Futebol, contra os uruguaios.

— Julho - É recebido com grandes festas o Dr. Gama Rodrigues, renomado médico e candidato oposicionista, à deputação estadual.

— Novembro - A maior Kermesse realizada nesta cidade em benefício da Santa Casa. Barracas - das «Rosas», dos «Crisântemos» e dos «Miosótis». Circulou o «Jornalzinho da Kermesse».

— É criada a Caixa Econômica Estadual, na Coletoria e nomeado o Sr. Domingos Alves Ribeiro, seu primeiro escrivão.

— Dezembro - Falece, repentinamente, o farmacêutico José Pôrto Filho - grande animador da vida cachoeirense.

1920 - Fevereiro - Falece em Campinas, o bispo D. João Batista Corrêa Nery, cuja morte noticiada pelos jornais, foi cercada de mistérios: apagaram-se as luzes de seu quarto e da vela em suas mãos, saía uma chama azul.

— Março - Funda-se a Usina de Laticínios «Coligação dos Criadores» sob a firma Pinto, Toledo e Cia. (já pag. 4 lê-se Coligação de Fazendeiros. Foi um lapso).

— Outubro - Ao meio dia para na estação local, a composição da Central, trazendo o Rei Alberto e a Rainha Elizabeth, da Belgica, Epitácio Pessoa, Presidente da República e comitivas. Esperavam os reais visitantes, em nome do Dr. Washington Luiz, Presidente de São Paulo, o Dr. Alarico Silveira e os Coronéis Eduardo Lejeune, Pedro Dias de Campos, Marcilio Franco, postos à disposição dos itinerantes e o Consul Charles Vinois. Grande manifestação popular. A Estação tomada pelo povo de ponta a ponta e toda embandeirada com as cores

belga e brasileiras. Duas Bandas de Música - a «15 de Novembro» e a do Embaú. As autoridades locais penetram no carro real e o Prof. Lindolfo França Machado pronuncia, em francês, algumas palavras. Ouvem-se a chegada e à partida os acordes do Hino Nacional Brasileiro e de «La Brabaçone» Hino Belga. O Prof. Carvalho Rosas escreve um hino, o Prof. Lindolfo verte-o para o francês. Armelindo Guimarães música e um ajudante de Ordens do Rei Alberto, guarda para S.M. essa lembrança.

— Lentamente, o comboio se afastava e os reais visitantes sentiam as palmas, os aplausos da turba imensa, bradando: «Vive le Roi, vive la Reine». Novas mesuras. Todos se retiram, guardando na lembrança a figura imponente e marcial do «Rei Soldado» cujo Exército em 1914 sob o Comando do General Lemann deteve durante 11 dias, em Liège, o péso do Exército Alemão, sob o comando de Von Kluk.

— É fundado o «Margem Esquerda Futebol Clube». Patronos: Dr. Alintor Werneck Silveira de Carvalho, Dr. Milton Cavalcanti Pina e Dr. Arthur Cruz Galvão do Rio Apa.

1921 - Agosto - Inauguração da Estação do Embausinho pelo Presidente da República, Dr. Epitácio Pessoa, que desceu do comboio oficial acompanhado, apenas, pelo Dr. Paudí Calógeras, Ministro da Guerra. A pedido do Cap. Avelino Bastos, Vice-Prefeito do Embaú, pronunciamos rápido discurso. O Presidente, apenas, disse: «declaro inaugurada esta pequena estação da Central do Brasil». Cumprimentou o Cap. Avelino, Major Crispim Bastos, Prof. Manoel Bastos, Cel. José Manoel de Carvalho. Penetrou no saguão e retornou ao carro. Ao passar por esta cidade foi, grandemente, manifestado, falando na Estação local o Prof. Carvalho Rosa.

Capítulo XIV

Sumário - Corporações musicais

As principais corporações musicais de Cachoeira no século passado, foram: primeiro, a denominada «banda do Dr. Getúlio» - (1878 só de negros) Dr. Getúlio Moreira de Castro Lima, proprietário da «Fazenda da Máquina». A segunda recebeu o nome de «banda do maestro Randolpho». Essas duas corporações, principalmente, a do maestro Randolpho Lorena tocaram na estação local, sendo ouvida pelos grandes da época, nas suas andanças - Rio-São Paulo.

Em 1888, o Sr. Joaquim Pinto Barbosa fundou a «União e Trabalho». Em 1893 - o major Alacrino Nunes de Melo deu início e dirigiu a corporação - «Prazeres da Bocaina».

Em 1896 - é organizada a diretoria fundadora da corporação «Primor da Bocaina», da qual a principal figura era o maestro Aristógiton Guimarães. Quase, simultaneamente, o coronel José Joaquim Gonçalves

(Coronel Juquinha) assume a direção da corporação que organiza, denominada «Recreio dos Artistas» (1898). Estas duas ultimas bandas de música se projetaram, um pouco, neste século.

Finalmente, o maestro José Randolfo Lorena, organiza a tradicional «15 de Novembro». Dada sua enfiatura de homem forte, Cachoeira teve, por muito tempo, sua banda de música para as festas de Igreja, recepções, bailes, retretas. Infelizmente, parece que com o falecimento do maestro Lorena e do jornalista Ovidio de Castro, não mais temos corporação musical, nem jornal.

Duas notas interessantes. Houve em Guaratinguetá uma grande festa. Compareceram as bandas musicais de Cruzeiro, Cachoeira, Lorena, Guaratinguetá e Aparecida. Estava presente a famosa banda da Fôrça Pública, sob a direção do então, tenente Antão Fernandes. Depois do vasto programa cumprido, pediram ao tenente Antão que fizesse executar tal peça . . . de harmonia. O maestro disse que a peça era de grande efeito, mas impossível executá-la dada a ausência do pistonista. Aventaram que na banda de Cachoeira tinha um pistonista. Antão, recusou entregar um papel de responsabilidade a um musicista do interior. Finalmente, dada á relutância, o maestro resolveu conhecer o «homem do piston». Era Armelindo Guimarães. Lida a partitura, contornada as dificuldades, Armelindo comparece à noite no coreto em meio aos da Fôrça Pública. Tal foi seu desempenho que arrancou aplausos, principalmente dos musicistas. Antão chamou Armelindo e ofereceu-lhe todas as vantagens, contanto que, ingressasse na Fôrça Pública. Armelindo recusou e o maestro fêz-lhe presente do piston que figura no museu desta cidade.

Outro episódio - As duas corporações - «União dos Artistas» e «Primor da Bocaina» não se entendiam e até se degladiavam. Programada uma festa religiosa, as duas bandas, no alto da Matriz, tocariam no intervalo dos leilões. Quando uma das corporações se dispunha a tocar um dobrado, especialmente, composto, por tanto, inédito, a outra adiantou-se e tocou o mesmo dobrado. (É que dita peça havia sido obtida durante o ensaio, de ouvido, às ocultas, perto do local, em noite escura). Não houve mãos a medir - principiou o conflito, a pancadaria entre as duas corporações, pagando o pato o Pedro Botuca (negro trombudo) metido dentro de seu bombo furado e rolando pela ladeira da Rua Santo Antonio.

Capítulo XV

Sumário — Efemérides até 1930

1922 — Julho - Rebelião do Forte Copacabana. Morre, combatendo Newton Prado, neto do Dr. Newton Benaton.

1924 — Julho - Rebelião, em São Paulo, chefiada pelo general Isidoro Dias Lopes.

1925 — Abril - 24 - Falece o Dr. Newton Benaton, nascido em 1838. Iniciou suas atividades, em 1855, nas obras hidráulicas da Alfândega do Rio de Janeiro. Em 1856 foi chamado por Cristiano Ottoni para auxiliar a comissão de engenheiros americanos, no sentido de explorar a travessia da Serra do Mar e a construção de quatro túneis. Então, foi nomeado engenheiro residente em Belém. Em 1862 foi contratado pela Empresa Inglesa construtora da Santos Jundiá, cabendo-lhe a parte técnica, inclusive a da Serra. Em 1864, foi nomeado pelo presidente da Província, Pires da Mota, engenheiro da mesma Estrada, convidado pelo comendador José Vergueiro. Em 1865, procedeu os estudos entre Jundiá e Campinas, para planos ferroviários e rodoviários.

Em 1866 foi encarregado pelo, então, ministro da Agricultura, Dr. Paula Souza, para proceder aos estudos de prolongamento da «Santos Jundiá» em direção ao Paraná, inclusive as vicinais. Esses trabalhos foram suspensos por Souza Dantas.

Em 1868 deu início aos trabalhos geodésicos, abrangendo até a ponte de Jaguará, sobre o Rio Grande. Quando igual trabalho ia ser feito até Itararé, foram suspensos pelo barão de Itauna, presidente da Província. Em 1870 seguiu para os Estados Unidos, onde executou grandes trabalhos na E.F. West Wisconsin. Antes de partir, Mariano Procópio Diretor da «Pedro 2.º», lhe ofereceu a exploração da «Leopoldina» o que recusou.

Em 1871 volta dos Estados Unidos. Mariano Procópio, incumbiu o Dr. Newton dos estudos de locação dos trilhos da «Pedro 2.º» de Queluz a Guaratinguetá. Ainda Mariano Procópio deu-lhe a missão de explorar o terreno que vai do alto do João Aires na Mantiqueira, até Macaúbas, no Rio das Velhas. Após esse trabalho, coube-lhe a tarefa de completar a construção da ferrovia Entre-Rios e Matias Barbosa. Terminado esse serviço, iniciou outro - a construção do ramal de Santa Cruz, ultimado em 1877.

Em 1881 foi encarregado pela E.F. Minas e Rio de fazer a exploração do Alto da Serra até Três Corações.

Em 1884 foi convidado para representar, em São Gonçalo do Sapucaí, a Comp. Anglo Brasileira, de Mineração.

Em 1888 ocupou o cargo de engenheiro residente da Comp. Minas e Rio.

De 1892 a 1893 esteve entregue aos trabalhos da Comp. Mogiana, na transposição da Serra de Santos, via Taipas, em direção a Ressaça, ideia essa que foi abandonada.

Retirando-se para Guaratinguetá, foi incumbido pelo governo para proceder aos estudos de uma estrada de rodagem dessa cidade, a Cunha, trabalho que concluiu em 1896.

Em 1882 foi honrado com o título de Membro Secretário do Instituto de Engenheiros Cívicos de Londres.

— Casado com D. Guilhermina, filha do casal Inácio Pinto, D. Ana Pinto, deixou os seguintes filhos: D. Adele, casada com o Sr. Aristides Guimarães; D. Maria Fausta, casada com o Sr. Laurindo Paim; D. Filleta, casada com o Sr. J. Cândido; José, casado com D. Luiza Marcondes.

— Setembro - Cantou sua 1.^a missa na Matriz local o Revm. Padre Pedro Saciloti, há pouco chegado da Itália. O templo estava repleto.

— Outubro - Falece em Lorena, o Dr. Manoel de Azevedo Castro, ex-delegado desta cidade, onde teve muita expressão por seus dotes intelectuais e iniciativas, várias.

— Dezembro - É inaugurado o atual matadouro Municipal. (O antigo era na beira do Rio Bocaina).

1926 — Julho - Circula o 1.^o n.º de «A Notícia» sob a direção de A.R. Seu nome adveio de um plebiscito - 190 votos.

— Agosto - Grandes festejos comemorativas do jubileu de ouro da paróquia. Comparecem e são recebidos, festivamente, D. José Marcondes Homeno de Melo, Bispo de São Carlos e Dr. Cardoso Ribeiro, ministro do Tribunal de Justiça. É inaugurado o altar de mármore, em homenagem a Santa Terezinha.

1927 — Janeiro - Morre eletrocutado, o fazendeiro Norival Pinto, muito estimado.

— Inicia-se um grande movimento para instalação de uma fábrica de tecidos em Cachoeira. A subscrição inicial atingiu a bela soma de 600,000\$000.

— Abril - É nomeado o Dr. Cardoso Ribeiro, ministro do Supremo Tribunal Federal

— Agosto - Grandes homenagens ao Dr. Francisco Cardoso Ribeiro por motivo de sua posse como Ministro do Supremo Tribunal Federal. Promotores: padre José Soares Machado, vigário da paróquia; Antonio da Silveira Mendes, Prefeito Municipal; Dr. João Eremita da Silva Ramos, juiz da Comarca, Dr. João Evangelista Rodrigues, Dr. Milton Cavalcanti Pina, capitão José de Oliveira Gomes e Agostinho Ramos.

... «após o discurso do Dr. Evangelista Rodrigues (que discurso!) levantou-se o homenageado, em meio a religioso silêncio, recebendo a caixa contendo a toga (presente da gente cachoeirense) das mãos das graciosas meninas Izabel Mendes e Alayde Therezinha Ramos). . . e falou com o brilho e a autoridade próprias de um Ministro do Supremo». Banquete, discursos, manifestação pública no Largo da Matriz e finalmente no «Teatro Santo Antonio» para assistir a fantasia «A Palmeira da Saudade».

«Quando a senhorita Eunice de Barros, iniciou a exortação final sobre

a palmeira e o Supremo para seguir-se a transição e referir-se ao homenageado, em palavras vibrantes, o ambiente era de religioso silêncio. Ao viva final; fêz-se um minuto de treva, aparecendo ao fundo o retrato do homenageado, ladeado pelas senhoritas Aída Fragali, que de olhos vendados empunhava a espada e a balança e senhorita Dina Fernandes, desfraldando a bandeira brasileira, enquanto a orquestra tocava o hino nacional, aos clarões dos fogos de Bengala - e toda a assistência de pé. Bela apoteose!

— Seguiu-se distinto baile nos salões do grupo Escolar, quando, então, o Dr. Cardoso Ribeiro, bailou com a senhorita Margarida Vasques - a figura central da fantasia representada.

— A peça intitulava-se «Palmeira da Saudade» - alusão á palmeira que se alteiava na chácara onde nascera o ministro (Margem Esquerda) e constava de um prólogo e dois atos. É da autoria deste narrador, musicada pelo maestro Armelindo Guimarães, os quais foram chamado á cena, no final do ultimo ato: Os cenários, belissimo e adequados, foram pintados por Tonizinho de Castro, artista de altos méritos.

— Setembro - Com uma casa repleta, repetiu-se no dia 8 do corrente a representação da apreciada revista «Nhô Pafúncio no Rio» da autoria de João Gaia e musica de Nelson Lorena.

1928 — Março - Eleição das Diretorias das seguintes sociedades: «Prazer das Morenas», «Quem Fala de Nós Tem Paixão» e «Liga Operária».

— Estréia da Companhia Brandão Sobrinho - famoso cômico.

— Abril - Chegam a esta cidade de automóvel e após ligeira permanência, tomaram uma composição da Central - os Srs. Washington Luiz, presidente da República, Júlio Prestes, presidente de São Paulo e Manuel Duarte, presidente do Estado do Rio.

— Julho - É inaugurado o serviço de água na Margem Esquerda (dádiva da fonte Capitão José Gomes). Doou o encanamento o Dr. Romero Zander, então diretor da E.F.C.B. Regosio geral do povo da Margem Esquerda. Prefeito, Antonio da Silveira Mendes.

— Agosto - Falece em Guaratinguetá; Monsenhor Filipo, cuja vida foi toda feita de santidade.

— Setembro - É canalizada a «Água do Fortunato» para um reservatório frente a Estação e daí para uma caixa na varanda da Matriz.

— Outubro - Falece, em São Paulo, o Sr. João Barbosa Ferraz Filho, ex-prefeito local e cavalheiro muito estimado. Foi, também, coletor federal.

— O senador Rafael Corrêa Sampaio, por delegação da Comissão E. do P.R.P. congraça a politica local: O Diretório - dois membros: Coronel Casimiro Pinto e Carlos Pinto Filho. Desempatador - senador Pádua Sales.

— Novembro - Falece João Machado Gaia, quase adolescente. O vigor de seu talento poético, invulgar e mesmo patético, embora, ainda oculto, quem sabe, virá, um dia, a lume.

— Este narrador deixa a direção de «A Notícia» por ele fundada em Julho de 1926, passando-a ás mãos do Dr. Milton Pina e Ovidio de Castro.

1929 — O mundo financeiro é abalado com os desajustes impressionantes da Bôlsa de New York (ukase). Muitas fortunas ruíram.

1930 — Outubro Começa a Revolução chefiada por Getúlio Vargas:

24 — Termina a Revolução com a deposição do presidente Washington Luiz.

Capítulo XVI

Sumário — Quatro grandes festas

A 1ª — Centenário da Independência do Brasil.

Estamos no ano de 1922. Por toda a parte o calor do entusiasmo patriótico, solenizando o transcurso da maior data da história - o centenário da Independência do Brasil.

Vai aqui o programa «ipsis literis» distribuido e que foi cumprido com a vibração cívica própria daquela época. Só há, a acrescentar, o fato singular de, os prêso da Cadeia Pública, pôstos em liberdade, marcharem alinhados e, em posição de sentido, assistirem a inauguração da placa «Praça da Independência» (antigo Largo da Cadeia) quando falava o Dr. Gualter Silva, delegado de policia. E todos voltaram ao cárcere, cumprindo, assim, a palavra de honra que lhes foi pedida. Foi emocionante ter em mãos a liberdade e dela não abusar.

Eis o programa:

«Libertas quæ sera tamen!

Independência ou Morte!

7 de Setembro de 1922.!

Centenário da Independência do Brasil.

Programa das festas cívicas a se realizarem nesta cidade em 7 de Setembro de 1922.

Ordem e Progresso.

SALVE BRASIL!

SALVE 7 DE SETEMBRO!

Ao alvorecer do grande dia, a população desta cidade será despertada por uma bateria de 21 tiros, e pelos acordes festivos da afinada Corporação «15 de Novembro».

Às 13 horas e meia, após a festa do Grupo Escolar, sahirá deste Estabelecimento um préstito civico em direcção á Santa Casa e a Cadeia, sendo, pelos alumnos, offerecido aos doentes e aos encarcerados, doces e biscutos. Fará uma pequena allocução nesses actos o prof. Agostinho Ramos. Em seguida será inaugurada a Praça da Independência, usando da palavra, o illustre advogado Dr. Gualter Silva, Delegado de Policia desta cidade.

Às 16 horas haverá no Largo de Jardim uma tocante cerimônia. Nessa hora, será hasteada a bandeira em um mastro adredemente collocado nesse local.

A fôrça de Policia e os Escoteiros desta cidade, prestarão as devidas continências ao som do Hymno Nacional.

Fallará do coreto o prof. João Palazzo.

Como o facto histórico deu-se precisamente ás 16 horas e meia, essa allocução terminará mais ou menos a essa hora e, então, será cantado o Hymno Nacional pelos alumnos do Grupo e pelo povo, ouvindo-se uma salva de 21 tiros, o apito das machinas e o repicar dos sinos.

Às 20 horas, em ponto, terá início em o nosso Theatro Municipal, uma brilhante sessão civica, á qual emprestará o seu concurso pessoas gradadas da nossa localidade.

Programma da sessão civica

I Hymno da Independência pelos alumnos do Grupo Escolar.

II Abertura da sessão e apresentação do conferencista pelo provector educador, prof. Lindolpho França Machado, Diretor do nosso Grupo Escolar.

III Conferencia allusiva a grandiosa data, pelo illustre magistrado Dr. Antonio Carlos Pereira da Costa, D.D. Juiz de Direito interino desta cidade.

Essa conferencia está despertando verdadeiro interesse em as nossas rodas sociaes, não sò por ser o illustrado conferencista a primeira autoridade local, como também pelos seus altos predicados de intelligência.

Seguir-se-ão á conferência, diversos números assim organizados:

1 Amor de Pagem - pela Senhorinha Margarida Vasques.

2 A Hespanhola - « Sara Machado.

3 A Céguinha - pela menina Elvira Dabul.

4 Independência - pelo Sr. Christovam Colombo.

5 Je n'aime jamais - pela Senhorinha Iracy Guimarães.

- 6 Formosura d'Alma - pela Senhorinha Laurinha Castro.
7. O Ypiranga e o 7 de Setembro - pelo Sr. Agostinho Ramos.
8 A Esphinge - pela Senhorinha Iracy Guimarães.
9 Oração a Bandeira - pela Senhorinha Chaid Milad.
10 Apotheose Hymno Nacional

Os números de música deste festival cívico, serão acompanhados ao piano, pela exímia professora D. Maria Amélia dos Santos Pinto que gentilmente prestará seu valioso concurso.

Com chave de ouro deste magnifico programma, haverá um esplendido baile, para o qual serão distribuidos convites especiaes.

Pede-se ao commercio cerrar as suas portas e ao povo em geral ornamentar, o melhor possivel a fachada de suas casas. A iluminação das ruas desta cidade e dos estabelecimentos onde se realizarão actos cívicos, está sob a competente direcção do Sr. Avelino Ventura.

Abrilhanará todos os actos a Corporação Musical «15 de Novembro», sob a proficiente direcção do maestro Sr. José Randolpho Lorena.

Acham-se assim organizadas as diversas commissões, cujos membros, com a melhor boa vontade; acceitaram incumbência que lhes foi solicitada.

Commissão de ornamentação das ruas

Antonio da Silveira Mendes
José Pereira de Vasconcellos
Joaquim Ferreira Júnior
Oscar Barbosa

Commissão de ornament. do Theatro

Raul Garcia
Nelson Lorena
Antonio de Castro

Commissão do Baile

Aristides Guimarães
Dr. Milton Pina
Avelino da Silveira Mendes
Christovam Colombo Torres
José Rodrigues Duarte
Raul Rios.

Cachoeira, 4 de Setembro de 1922

A Comissão

João Barbosa Ferraz Filho

Armelindo Guimarães

João Palazzo

Agostinho Ramos.

Nota — Torna-se desnecessário lembrar ao patriótico povo de Cachoeira o dever que lhe cabe em assistir todos os actos cívicos deste programma. É preciso reflectir bem que talvez será a primeira e última festa centenária que tenhamos a ventura de assistir durante a nossa vida. Por isso filhos de tôdas as camadas, sequazes de todos os credos, afugentemos por algumas horas os pesares e os resentimentos e impulsionados pela vibração que nos irmana, abramos as nossas almas ao mais intenso jubilo e concorramos com a nossa presença, para maior brilho da maior Festa Brasileira».

Nota — O Padre José Soares Machado, associando-se ás comemorações, inaugurou com pompas, o altar-mor da Matriz, todo de mármore, em homenagem ao Santíssimo. Falou, nessa memorável noite de 7 de Setembro, após o Te - Deum, o padre Anibal Gravina que assim começou - «Todos cantam sua terra, também, vou cantar a minha». . . Dai por diante, encaichoeirou-se de tal forma que a assistência muda e atônita, sentia aqueles arrepios de eloquência que sacode e, afinal, não houve mãos a medir-uma estrondosa salva de palmas quebrou o silêncio secular do templo.

O que foram os festejos de 7 de Setembro de 1922, só os que sobreviverem podem dizer-lo de viva voz e senti-lo nas horas de saudade.

Capítulo XVII

Sumário — Estradas:

Departamento Estadual de Estradas de Rodagem — D.E.R.

Departamento Nacional de Estradas de Rodagem — D.N.E.R.

HISTÓRICO

Desde quando se instalou nesta cidade a 3.^a Residência do D.E.R., Cachoeira sentiu um grande surto de progresso, pois, foram aproveitadas muitas centenas de homens trabalhadores. Aumentaram as construções, o comércio e o meio social se animaram e, mensalmente, o pagamento do pessoal dava mais estímulo. . . A principio mal instalada, porém, como Prefeito, possibilitamos sua mudança, em definitivo, para um amplo local, desmembrado da chácara do Matadouro.

Desde sua fundação (1929) foram chefes da 3.ª Residência, sediada nesta cidade, os engenheiros:

João Fonseca Camargo e Silva, 1929; Ulisses Perrenoud T. Souza, 1931; Adeodato Botelho Júnior, 1932; Marcílio Malta Cardoso, 1933; Miguel Rascio Rossi, 1939; Pedro Gravina, 1941; Dante Yatauro Perri, 1942; Pedro Paulo Flenik, 1943; José Adhemar C. Ribeiro, 1945; Italo Morelli, 1946; Alfredo Terra de Souza, 1948; Félix Walter Germmer, 1950; José Paulo L. Viana, 1952; Cid de Castro Pinto, 1957.

D.N.E.R. -- Instalando-se nesta cidade esse Departamento em forma de Distrito, proporcionou a Cachoeira um grande passo, melhorando consideravelmente nossos vários setores, pelo sem número de colocações, habitações e volume de dinheiro, mensalmente, para aqui canalizados.

A Prefeitura, embora, lutando com dificuldades, ofereceu o terreno necessário á localização desse grande empreendimento, onde hoje se localiza.

Desde sua instalação, foram seus chefes, nesta cidade, os engenheiros: Dr. Waldemar Uchôa de Oliveira; Dr. Cyro Soares de Almeida; Dr. Allan de Paula Fernandes; Dr. Honório Botelho; Dr. Carlos Alberto Soares d'Azevedo; Dr. Olavo Setembrino da Silva; Dr. Adib Elias Caddah; Dr. Denzedir Martine.

Um pouco de história - Estamos em 1908. O Conde Ledain, francês, pratica uma grande aventura, viajando, em precário automóvel, de São Paulo ao Rio de Janeiro, gastando, nesse percurso, 30 dias. Passou pelo Morro Vermelho, nesta cidade..

— 1912-1913 - Washington Luiz, então, deputado, ventila no parlamento paulista, o problema das vias de comunicações terrestres, dando a entender que, já guardava em seu subconsciente, todo um sistema de caminhos.

— 1924 - Fevereiro. Washington vem a esta cidade inaugurar o trecho Jacarei - Cachoeira, trazendo, em sua comitiva, Heitor Penteado, Prado Júnior, Timóteo Penteado. Festas.

— Inicia-se o governo Carlos de Campos.

— Estala a revolução chefiada por Isidoro Dias Lopes.

O Início Cachoeira - Pouso Sêco

— 1924-1925 - O Dr. Arnaldo Gomes é o engenheiro fiscal designado para o primeiro trecho. Empreiteiros: Empresa Luiz Giobbi da qual era auxiliar o Dr. Carlos Ceridono; Bepe Sacilote, Drs. Cássio Vidigal, Caio Luiz Pereira de Souza, Francisco Longo, Arnaldo Mota e outros.

Capítulo XVIII

Sumário - Quatro grandes festas

A 2.a — Inauguração da Rodovia «Rio-São Paulo».

Inauguração da Rodovia «Presidente Dutra»

1928 - O Dr. Washington determina que a inauguração seja feita em Cachoeira.

Maio 5 - Foram organizadas diversas comissões, delas participando todas as forças vivas da cidade. Colocados arcos nas divisas de Jataí, á entrada e saída da cidade e pelas ruas, com expressivos dizeres. Forum ornamentado para a recepção. Escolas a postos. Multidão compacta na Rua Cap. Inácio Pinto. Eram 18 horas, e os morteiros anunciavam a chegada.

A «15 de Novembro» executa o Hino Nacional, e vão deixando seus automóveis os Drs. Washington Luiz presidente da República, Melo Vianna vice-presidente, Júlio Prestes, presidente de São Paulo, Manuel Duarte, presidente do Estado do Rio, Vitor Konder, Ministro da Viação e mais membros do grande préstito.

Feito silêncio, o prof. Agostinho Ramos, pronunciou o seguinte discurso: «Exmo. Sr. Presidente da República, Exmo. Vice-presidente da República, Exmo. Sr. Presidente do Estado do Rio de Janeiro, Exmo. Sr. Presidente do Estado de São Paulo, Srs. Ministros e eminentes membros da comitiva presidencial.

A Câmara Municipal desta cidade, como representante da unanimidade do povo de Cachoeira, aqui me mandou para trazer a V.V.Exas. seus jubilosos votos de boas - vindas, de envolta com suas saudações e homenagens.

Ao abrímos as portas da cidade para recebermos a V.V. Exas. bem sabemos que este cenário modesto, se transmuda, vestindo-se de pompas, para solenizar a vitória do estadista emérito que vizionou, investiu e realizou a grande Avenida Rio de Janeiro-São Paulo.

Alargue-se o pórtico, até se esbarrondar nas longinquas fronteiras da Pátria, para que, sob esse arco de aliança e de triunfo, emoldurado de bençãos e dessas constelações que, nesta noite de Maio, condecoram o infinito, passem as forças vivas da Nação, a coorte luminosa dos espóntes máximos da atualidade brasileira, que, com denodo vão conduzindo o Brasil para seus alevantados destinos.

Exmo. Sr. Dr. Washington Luiz. É um orgulho para esta terra, ter a Providência escolhido este local, para nele ecoarem por alguns instantes, as vozes mais autorizadas da Pátria em concêrto harmonioso com as aclamações da multidão cachoeirense, celebrando a vitória definitiva do gigantesco plano das Estradas de Rodagem, arquitetado por

V. Exa. quando presidente de São Paulo. É por isso que este acontecimento, sobrepõe-se a todos os outros de igual natureza, pela significação, especialíssima, de que se reveste.

É a última etapa coberta de louros e de bençãos. É o comovido amplexo que V. Exa. traz, estreitando, ainda mais numa só cadeia, os grandes Estados centrais e do sul do Brasil, ao Distrito Federal, cérebro e coração da Pátria.

A grande artéria que, após, a secção da fita simbólica, será oficialmente, entregue ao público, sempre recordará no futuro o nome de V.Exa. e as arremetidas do seu progresso, em vagalhões de pó, serão os louros eternos emoldurando essa obra imortal.

Povo de Cachoeira, vivemos o Exmo. Sr. Presidente da República pelo muito que tem feito e pelo muito que fará pelo Brasil, forte unido, grande e respeitado».

Seguem-se os vivas e as palmas da multidão.

Fala o Presidente

«Após esse discurso o Sr. Presidente da República pronunciou as seguintes palavras»: em meu nome e no dos Drs. Manuel Duarte e Júlio Prestes, muito agradeço a Câmara Municipal, ao seu Diretório e ao povo, a sua presença neste ato inaugural da rodovia que liga São Paulo ao Rio de Janeiro. Há quatro anos, mais ou menos, que aqui estive com o mesmo fim que, agora, me acho em Cachoeira. É - me grato, portanto, vir do Rio de Janeiro com a máxima satisfação dar por inaugurada esta grande estrada».

«Ao finalizar essas palavras, a menina Ruth Mendes aproximou-se de S.Exa. e ofereceu-lhe a tezoura para o corte da fita, atirando-lhe pétalas de rosas. Cumprimentaram S.Exa. o Sr. Antonio da Silveira Mendes, prefeito municipal, José Carlos de Souza vice-prefeito, Avelino Vieira de Siqueira, vice-presidente da Câmara, tenente Paulino Vasques, vereador e coronel Casimiro Santos Pintos, presidente do Diretório».

Outra estrada

A «São Paulo-Rio» sem asfalto, era um problema sério. Assume a presidência da República, o Marechal Eurico Gaspar Dutra. É seu ministro da Viação o Dr. Clóvis Pestana. Delineado o plano de uma nova rodovia asfaltada, mãos a obra.

Cachoeira se beneficiou, pois que, aqui foi instalada a sede de um Distrito, trazendo para nosso meio, funcionários, operários, materiais e grande movimento, ainda, em crescendo.

1951 - Janeiro, 19 - Inauguração da Rodovia «Presidente Dutra»

O comércio cerrou suas portas e povo e autoridades presentes no final da Avenida Sarah Kubstichek, às 10 horas. O Marechal Eurico Gaspar Dutra, precedido de numerosa comitiva, compareceu, estando em sua companhia o general Nilton Cavalcanti, chefe de sua Casa Militar e Clóvis Pestana, Ministro da Viação. Antes do corte, da fita simbólica, falou o prefeito Agostinho Ramos mais ou menos nestes termos:

«Exa. A história se repete. Na tarde de 5 de Maio de 1928, Washington Luiz, acompanhado do seu Ministro da Viação Dr. Vitor Konder, descia, ali adiante, numa das ruas desta cidade, para inaugurar a rodovia «Rio-São Paulo», não asfaltada. Hoje, decorrido, mais de vinte anos V.Exa. comparece para cerimonial idêntico, acompanhado de seu Ministro da Viação Dr. Clóvis Pestana.

Tudo mudou, só não mudaram estes ares e o mesmo modestíssimo orador que ora fala para exaltar o trabalho vigilante e profícuo dos guardiães da Pátria da qual V.Exa. é a primeira sentinela.

Bravura e destemor nas horas do perigo, energia e serenidade no trato da coisa pública, equilíbrio e prudência na condução dos destinos do Brasil - eis os atributos marcantes de sua personalidade Sr. General Eurico Gaspar Dutra - que ora nos dá a honra de sua presença, inaugurando esta grande estrada asfaltada, cujo nome «Rodovia Presidente Dutra» em homenagem a V.Exa. pela significação, projeção e utilidade já pertence a história».

E a grande comitiva se movimenta e, em desfile imenso, toma a direção de São Paulo, aos acordes musicais e dos estouros de rojões que respiravam nas alturas.

— E, então, concluímos que a canôa do pescador fêz-se automóvel e o trilho do índio - estrada asfaltada.

Tal o avanço do progresso que, daqui a pouco, teremos o auto - elevador e, no espaço, tomaremos a direção dos nossos interesses.

Capítulo XIX

Sumário — Efemérides até 1935

1930 — Outubro, 25 - Vitoriosa, na véspera, a revolução, deu-se a entrega da Prefeitura Municipal, ao elemento local que se dizia revolucionário. (vide 1.º volume).

1931 — Janeiro - O Dr. Milton Pina é nomeado Prefeito Municipal, assumindo, logo, o cargo.

— Lei Estadual, mandando que as Prefeituras obedecam o novo horário do comércio, das 8 às 16 horas. Aos domingos, fechado. Foi um dos primeiros atos do Governo de Getúlio Vargas, no setor trabalhista.

— Fevereiro - Surge a questão da mudança da comarca para Cruzeiro.

Abril - O Sr. A.R. é nomeado Prefeito Municipal com a renúncia do Dr. Milton Pina.

Mai, 19 - Reaparece «O Cachoeirense» sob a direção de Albino de Souza.

Junho - Por um Breve Pontifício, foi elevado á dignidade de Monsenhor Prelado Doméstico de S.S. o Papa - o revmo. padre José Soares Machado.

— O Sr. Alcides Ferreira é nomeado Prefeito do Jataí.

Julho - Visitam Cachoeira e dão festival no Teatro - Vila Lôbos, Souza Lima e Abigail Gonçalves.

— Visitam Cachoeira o Ministro Lindolfo Color e General Isidoro Dias Lopes. Churrasco na fazenda «São Carlos».

Agosto - Passam por esta cidade os Principes Windsor (de Gales) e seu irmão o futuro George VI da Inglaterra. Apenas, se mostraram na janela do carro em que viajavam, embora o Interventor houvesse recomendado manifestação.

— Intensifica-se a luta por uma melhoria orçamentária.

(Não nos era possível, como prefeito, deixar o município sob a ameaça de extinção. Novo lançamento de impôsto predial com aumento de 5,10 e 15 mil réis por casa. Argumento apresentado pela P.M. á Interventoria:

Arrecadação do ano de 1929	98.468\$480
« « « « 1930	113.798\$034
« « « « 1931 (até Nov.)	115.257\$247)

«Se prevalecer a média dos três anos, conforme estabelece o Código dos Interventores», mesmo assim, Cachoeira tem rendimento anual, um pouco mais de cem contos de réis».

— Num ato de desespero falece em São Paulo o conceituado médico Dr. Carlos Varela, muito ligado a Cachoeira.

Novembro - Circular do Interventor de São Paulo, Cel. João Alberto, ameaçando de extinção o município de renda inferior a cem contos de réis. (Rs. 100:000\$000) - O Prefeito A.R. respondeu que Cachoeira não seria suprimida pois, seu orçamento em 1930 atingiu a bela soma de Rs. 113:798\$000 (Dito orçamento não dava dez contos de réis por mês... mas vivia-se).

Dezembro - É fundado no Jataí o «Esporte Clube Jataí»

1932 — **Fevereiro** - É nomeado Prefeito Municipal do Jataí João Francisco das Chagas.

— É publicado o orçamento do município - 120.000\$000 para a receita e igual quantia para a despesa. Não houve deficit.

Março - Posse dos Conselheiros Municipais nomeados por decreto de 2 do corrente: Dr. Milton Pina, Antonio Saciloti Filho, Deocleciano da Silva Azevedo. Presidiu a sessão o Juiz de Direito Dr. Antonio Fontes de Rezende. Uma comissão composta dos Srs. Alberto de Barros, Aristides Guimarães e Manoel do Nascimento Silva, introduziu, no recinto, os novos Conselheiros que foram saudados pelo Prefeito. Esse conselho funcionou até 15 de Junho de 1932.

Maio - Num ato de nervosismo falece no Rio de Janeiro o Ministro do Supremo Tribunal Federal Dr. Francisco Cardoso Ribeiro, nascido em Cachoeira. Seu corpo passou por esta cidade, em carro especial tendo recebido demonstrações fúnebres. Foi sepultado em Taubaté.

— Falecem em São Paulo, em memorável comício, Miragala, Martins; Dráusio e Camargo - M.M.D.C.

Junho - Circula o 1.º n.º de «A Voz» sob a direção de Monseñor Machado.

Julho - Inicia-se em São Paulo a Revolução.

Agosto - Inicia sua publicação o jornal revolucionário «Em Marcha».

Setembro - Destruída a ponte que vai para a Margem Esquerda, é organizado, pelos legalistas ocupantes, o serviço de balsas para transporte de passageiros, cargas, automóveis e animais.

Dezembro - Visita Cachoeira, o general Juarez Távora, ministro da Agricultura.

1933 — Abril - Antonio Pereira Coutinho é nomeado Prefeito Municipal do Jataí.

Maio - Ponte sobre o Rio Paraíba. Um telegrama: «A.R. - P.M. Cachoeira. Firma Dolabela, Portela, acaba assinar contrato reconstrução em cimento armado, mais larga ponte nessa cidade. Congratulando com povo de Cachoeira vossa pessoa espero contribuir medida nossas forças mais rápido e feliz acabamento. Cordiais saudações. Dilermando de Assis», Secretário da Viação. Entretanto essa ponte só foi iniciada em Julho de 1934 e inaugurada a 18 de Novembro desse mesmo ano.

— Candidatos da Chapa Única à deputação federal de São Paulo, votados em Cachoeira: Abelardo Vergueiro Cesar, Antonio Augusto de Barros Penteado, Antonio Carlos de Abreu Sodré, Carlos de Moraes Andrade, D. Carlota Pereira de Queiroz, Cincinato Braga, Henrique Bayma, João Sampaio, Jorge Americano, José de Alcântara Machado, José de Almeida Camargo, José Carlos de Macedo Soares, J.J. Cardoso de Melo Neto, J.M. de Azevedo Marques, José Ulpiano Pinto de Souza, Manoel Hipólito do Rêgo, Mário Whately, Oscar R. Alves, Plínio Corrêa de Oliveira, Rafael de Abreu Sampaio Vidal, Teotônio Monteiro de Barros Filho, Valdomiro Silveira.

Junho - Falece Lindolfo Marcondes - uma das maiores figuras do Cachoeira F.C. Foi o doador do atual campo do «Cachoeira».

Setembro - Pela 2.^a vez, A.R. assume a Prefeitura Municipal de Cachoeira Paulista.

- Dezembro - «Remoção da comarca. Causou entre nós profundo desgosto a notícia da remoção da nossa comarca para a vizinha cidade de Cruzeiro».

1934 — Março - Moradores da Rua Campos Sales, na Margem Esquerda desta cidade, entregaram ao Prefeito A.R. uns avisos de lançamento de impostos predial rústico expedidos pela Prefeitura Municipal de Cruzeiro. (Dai o trabalho insano para afastar do perímetro urbano de Cachoeira, as divisas de Cruzeiro e, então, absorver os bairros de Embaú, Embausinho e Quilombo, hoje partes integrantes deste município).

— Aprovado o orçamento do município em 130.000\$000.

Mai - Decreto do Interventor Armando Sales de Oliveira, anexando a Cachoeira os terrenos do município de Jataí (extinto) e o Distrito de Embaú, Embausinho e Quilombo.

— Inicia-se a luta pro manutenção da comarca.

— «O governo estadual acaba de decretar a anexação de comarcas de rendas ínfimas, às mais prósperas do Estado como medida de parcimônia, e de transferir outras, nas condições daquelas para municípios carecidos como os de Cafelândia e Cruzeiro».

Agosto - Inauguração festiva do Mercado Municipal na Rua Dr. Prudente de Moraes.

— Falece em Recarei, Portugal, sua terra natal, o Major Severino Moreira Barbosa, ex-prefeito e político local.

Outubro - Água e esgotos - É lavrado o contrato para estudos da rede de água e esgotos, no tabelião Rubião em São Paulo. Assinam como contratante o Dr. Leandro Dupré e contratado A.R., prefeito Municipal.

Novembro - «Faleceu trucidado pelos selvagens, no sertão de Mato Grosso, quando desempenhava o piedoso mister da catequese dos índios Chavantes, o padre Pedro Sacilote muito acatado e conhecido.

— É inaugurada com grandes festas a Ponte sobre o Rio Paraíba.

Dezembro - Aquisição do prédio da Rua Dr. Bernardino de Campos para sede da Prefeitura.

1935 — Janeiro - É inaugurada, festivamente, a nova sede da Prefeitura, situada na Rua Bernardino de Campos, cuja compra fôra por 35.000\$000. A Prefeitura funcionava numa dependência do Fórum local.

— É inaugurado o bairro da Vila Carmem.

Março - Falece em São Paulo o Dr. João Evangelista Rodrigues (vide 1.º volume).

— É inaugurado o Albergue Noturno «Nhá Gé».

Abril - O governo do Estado incorpora ao município de Cruzeiro, o Distrito de Itagaçaba que pertencia a Jataí e este a Cachoeira.

— Falece Antonio da Silveira Mendes, ex-prefeito local, legando um exemplo de trabalho, dedicação e dignidade. Foram-lhe prestadas honras fúnebres. A antiga rua 15 de Novembro, hoje, tem seu nome.

Junho - Falece no Rio de Janeiro D. Epaminondas Nunes D'Ávila e Silva, Bispo de Taubaté.

Capítulo XX

Sumário - Quatro grandes festas

A 3ª - Ponte sobre o Rio Paraíba.

Ligeiro histórico - Pelas efemérides deste volume, conclue-se do esforço, sobre humano, desenvolvido no passado para a conquista da ponte e extinção da balsa.

Finalmente, no dia 24 de Abril de 1891, realizou-se o sonho, tantas vezes sonhado. Banda de música, rojões, autoridades e povo, solenizaram o ato.

Rezam as crônicas da época, que fez o discurso inaugural, falando de uma das janelas da residência do Sr. Lourenço Fontes, a menina Maria Pôrto (hoje viúva do comendador José de Oliveira Gomes).

«Graças ao esforços do Sr. João Corrêia da Costa, a quem foi confiada a direção dos trabalhos de tão importante obra, está o público no gozo desse melhoramento, há tantos anos reclamado.

Hosanas! Três vezes hosanas ao Sr. João Corrêia da Costa e àqueles que se empenharam para que a Vila da Bocaina tivesse, também, a sua ponte».

X X X

Durante 42 anos a velha ponte foi o grande fator de progresso, descongestionando uma imensa parte da região sul mineira e, bem assim, o município de Cruzeiro.

Em 1897, Euclides da Cunha, engenheiro de obras, do Estado, antes de partir para Canudos, executou nela os reparos necessários.

X X X

Com a Revolução de 32, mister se tornavam medidas de caráter urgente, recomendando, o coronel Euclides de Figueiredo, esses trabalhos de reparação, da citada ponte, executados pelos engenheiros Drs. Isaac Garcez e Raul Simões.

Quando se aproximava o final da Revolução, como prefeito, fomos cientificados do plano.

A seguir percebemos que o Dr. Jaime Cintra, diretor da E.F. Paulista ordenara a seus engenheiros que minassem os velhos pilares. O povo olhava, desconfiado, aquele trabalho.

Finalmente, a 13 de Setembro de 1932, culminaram as medidas de ordem militar.

A cidade foi desocupada e, á tardinha, quem passasse pelas ruas da velha Cachoeira, sentiria uma dôr funda no coração, uns anseios vagos na alma vacilante, voz embargada, lágrimas em profusão e o crepúsculo avançando como agonia lenta, envolvia o grande ambiente. Anoiteceu. Exodo, quase, completo. Já as casas não deitavam para fóra a luz amiga dos lampadários.

«22 horas. Recebo um recado de Euclides de Figueiredo. Atendo imediatamente. - Quero avisá-lo de que vou mandar destruir sua ponte. Assim se tiver alguém na Margem Esquerda que deseje sair, ainda há tempo».

— «Na parte que me toca, coronel, nada mais há, a ser cuidado. Dou por terminada minha ação como prefeito. Aguardo ordens».

As primeiras horas da madrugada, desse 14 de Setembro, largamos a cidade - e os estouros que, então, se ouviram não surtiram efeito completo, sendo o trabalho executado á toda pressa, a maçarico, por Almeida Prado, Otávio Ferraz Sampaio, Sávio Azevedo, capitão Saldanha e Nelson Godoi.

A nova ponte

Após a Revolução, reiniciou-se forte campanha para construção da nova ponte. Havia uma inquietação geral. Os veículos e transeuntes se avolumavam junto da balsa. Daí os incidentes. Finalmente, então, depois de tanto empenho, como novamente, prefeito, recebemos o seguinte telegrama do Secretário da Viação:

«A.R. P.M. Cachoeira - Firma Dolabela, Portela, acaba assinar contrato reconstrução em cimento armado, mais larga ponte nessa cidade. Congratulando com o povo de Cachoeira vossa pessoa, espero contribuir medida nossas forças mais rápido e feliz acabamento. Cordiais saudações, Dilermando de Assis».

Os trabalhos só foram iniciados no dia 9 de Julho de 1934, estando na chefia do Estado o Dr. Armando Sales de Oliveira e Machado Campos, Secretário da Viação.

Empreiteiros - Dolabela, Portela e Cia. (transferido a Kemitz e Cia.).

Fiscalização: engenheiro Marcilio Malta Cardoso.

Término das obras 11 de Novembro de 1934.

Custo 610.000\$000 (seiscento e dez contos de réis).

Inauguração - 18 de Novembro de 1934.

Programa distribuido em 15-11-34

«A's 4 horas - Alvorada pela corporação musical «15 de Novembro» que percorrerá as ruas desta cidade.

Bateria de 40 Tiros

Às 8 horas - Missa na Matriz - A's 12,40 - Recepção na estação dos Exmos. Srs. Drs. Machado de Campos, D.D. Secretário da Viação, Alvaro de Souza Lima, D.D. Director de Estradas de Rodagem e Domicio Pacheco e Silva, D.D. Director do D.A.M. que devem chegar pelo R.P.2. Às 13 horas - Inauguração da ponte, fallando nessa occasião o Sr. Prefeito Municipal.

Baterias e grande corso na Ponte em demanda da Margem Esquerda obedecendo a seguinte ordem:

1.º - Grupo de ciclystas; 2.º - Automóveis; 3.º - Jardineiras; 4.º Caminhões; 5.º - Grupo de várias centenas de cavalleiros; 6.º - Charretes e outros vehículos. A's 13,30 Hs. - Banquete no Grupo Escolar. Fallará em nome do povo offerecendo, o professor João Palazzo. — Churrasco na Margem Esquerda, offerecido ao povo. A's 16 horas - Exercícios de equitação (rodeos) pelos melhores peões da zona, no campo, junto á ponte a ser inaugurada. Às 17 horas - Jôgo de Futebol no campo do «Cachoeira». A's 20 horas - Fogos de artifício na Margem do Parahyba. Dentre as peças a serem queimadas destaca-se o desenho da ponte inaugurada. Simultâneamente realizar-se-há a Festa Veneziana.

A's 22 horas - Baile no Grupo Escolar e início de outras diversões pública, em vários lugares.

Auxiliarão a Prefeitura e a Commissão, na execução deste programma, os seguintes Srs.

Desfile - Ciclystas - Antonio Pinto Fernandes.

Automóveis e Caminhões - Felipe Carlomagno e José Pinto Ventura.

Cavalleiros - Benedicto Alves Rodrigues, José Pinto Pôrto, Francisco da Silva Azevedo Netto e Francisco R. Hummel.

Outros vehículos - Jocelyn Bittencourt.

Direcção geral do desfile - José Pôrto Gomes, Antonio P. Fernandes auxiliados por vários ciclystas

Baile no Grupo Escolar - Dilecta Guaraldo, Margarida Vasques, Andradina Fernandes, Elvira Viviani, Leontina Galvão, Antonio Pôrto Rocha;

Felippe Carlomagno, João V. Barros Netto, Orlando Ferrari, Nelson Varella. Churrasco - Antonio R. Fontes, Edmundo Ciani; Francisco de Castro, José Farabello, Vicente Gomes Fontes e João Custódio, auxiliados por mais 30 pessoas. Equitação - José Lombardi Filho, Sebastião Fortes, Jesus Rangel Pacheco e Francisco da Silva Azevedo. Festa Veneziana - Ovidio de Castro, Edésio Ferreira (A Notícia), auxiliados por mais 30 pilotos. Diversões Públicas - Antonio Leite da Silva, Antonio R. Fontes e Francisco de Castro.

Enfeite da Rua Bernardino de Campos — Avelino Ventura, José Pôrto Gomes, Rubens Siqueira, Nilson Barreiros, José de Barros e J. Hummel. Todos os veículos, quer desta ou de outras cidades que tiverem de tomar parte no desfile, deverão estar alinhados ao longo da Avenida Silva Caldas e Rua São Sebastião, Às 12,30 em ponto».

— Esse programa foi cumprido, á risca. Já ás primeiras horas da manhã, o estrondejar das baterias e os dobrados da «15 de Novembro» despertavam o povo. A seguir, missa, na Matriz e começou o gigantesco movimento de automóveis, outras viaturas e povo que lembravam os dias da Revolução. E as jardineiras despejavam na cidade grande multidão, oriunda de Barreiro, Areias, Silveiras, Cruzeiro e Lorena.

A comitiva oficial foi recebida nas divisas de Lorena, tomando lugar no 1.º carro os Srs. Machado de Campos, secretário da Viação; Adalberto Bueno Neto, Secretário da Agricultura; e o Prefeito Municipal. Seguiram-se: Drs. Domicio Pacheco e Silva, Alvaro de Souza Lima, representante do Prefeito de São Paulo, numerosos deputados, engenheiros - pessoas gradas.

Formado o cortejo desfilou pelas ruas Prefeito Mendes, Bernardino de Campos, São Sebastião e Av. Silva Caldas.

«Aí a multidão era imensa, estando presentes Monsenhor Machado e padre Miguel Laquis que procedeu a benção da ponte. A menina Alayde Terezinha, (neta da menina Maria Gomes que em 1891 pronunciou o discurso de inauguração da 1.ª ponte) fez entrega ao Dr. Machado de Campos, para o corte da fita simbólica, de uma tezoura de prata que estava, em uma salva, também de prata, com pétalas.

Disse, então, SExa. - «Em nome do governo do Estado declaro inaugurada, a ponte de Cachoeira» - e cortou a fita.

Então, dos morros visinhos as baterias se manifestaram, fonfonearam os automóveis, repicaram os sinos da Matriz, silvaram as locomotivas do 7.º Depósito e da turba imensa partia o murmur característico, vozerio de vivas, risadas de júbilo - enfim, um misto harmonioso de alegria.

Finalmente, fez-se a prova de resistência, atravessando a ponte dois compressores, pesando 29.000 kilos.

Ato contínuo, bicicletas, carroças, charretes, automóveis, caminhões e, por último, em grande efeito, mais de uma centena de cavaleiros.

Os demais n.os do programa foram executados, com brilho.

— As diversões populares obtiveram grande sucesso como: o rodeio, a festa veneziana, as dansas folclóricas em local próprio, o jongo para os prêtos ao redor da fogueira e latões de 50 litros de quentão, cada um com uma caneca para que todos bebessem á vontade.

Para o churrasco foram abatidos nove bois e consumidos 6.000 pães (de 200 réis cada).

— O baile no grupo escolar vestiu-se de alta distinção. Muitos membros da comitiva bailaram.

— Os fogos de artifício queimados à beira do Paraíba foram de efeitos surpreendentes, principalmente, quando afinal apareceu, desenhada em fogo, a ponte inaugurada, trabalho do Sr. Cócaro, de Mogi das Cruzes.

— No final do banquete de 50 talheres, falou brilhantemente, o prof. João Palazzo. A seguir, o Dr. Machado de Campos pronuncia substancial e oportuno discurso.

Então, o Dr. Gama Rodrigues, de improviso, com aquela possibilidade verbal, levanta o brinde de honra ao chefe do Estado - Dr. Armando Sales de Oliveira.

Após ligeiro descanso na Prefeitura, dirigiram-se os visitantes, a usina da Cooperativa Cachoeira - Silveiras, onde foram recebidos pelos Srs. Carlos Pinto Filho, Joaquim Moreira de Andrade, Manoel Rodrigues Fontes e Deocleciano da Silva Azevedo.

Às 18 horas, os ilustres secretários e parte de sua comitiva deixaram Cachoeira, sendo acompanhados até as divisas de Lorena pelo prefeito municipal, a quem significaram agradecimentos e agradável impressão da festa.

Nota - Do discurso do Prefeito Municipal, na ponte, taquigrafado e publicado, consta o seguinte periodo: «... referiu-se ao govêrno do Dr. Armando de Sales Oliveira, frisando que, foi no govêrno, de S.Exa. com Márcio Munhoz na Secretaria da Interventoria que se alargaram as fronteiras do municipio; com Valdomiro Silveira na pasta da Justiça, que se assegurou a existência de nossa comarca; com Adalberto Bueno Neto na pasta da Agricultura que se solucionou o problema do leite, com a fundação da Cooperativa de Laticínios «Cachoeira-Silveiras» e; finalmente, com Machado de Campos, na pasta da Viação, que se construiu a grande ponte que vem de ser inaugurada...»

Capítulo XXI

Sumário — Efemérides até 1940

1935 — Maio - Inicia-se grande movimento para ereção de um monumento ao soldado paulista, inaugurado em 7-9-36.

Nelson Lorena projetou e executou esse monumento com o gosto artístico e o sentir cívico que lhe são peculiares.

As festas posteriormente, 7-9-36 tiveram o cunho dos grandes acontecimentos. Lá está, na Praça «Prado Filho», aquele símbolo expressivo - o soldado apontando sua espada para o alto.

No pedestal, ao redor, as efígies de Miragáia, Martins, Dráusio e Camargo (M.M.D.C.).

A Comissão que se organizou para esse fim, estava assim constituída: Edgard Ferraz, Paulino Vasques, Ovidio de Castro, Nelson Lorena, Oswaldino Freitas, Alfredo Bitencourt, Ubirajara Ribeiro, professora Júlia Mendes, José Pinto Fernandes, José Pôrto Lopes, professora Julieta R. Vasques, senhorita Ambrosina Prado, professora Margarida Vasques, Alvaro Mendes - cujos trabalhos foram supervisionados pelo prefeito Prado Filho.

1936 — Fevereiro - Falece o major José Lombardi - existência laboriosa e cheia de benemerências. Foi provedor da Santa Casa - e quanta caridade, de seu próprio bolso.

— Falece D. Georgina Figueira Pompéia, antiga professora e respeitável matrona.

— Junho - Falece o respeitável cidadão Manuel Nascimento Silva, que exerceu cargos de evidência, dotado de viva inteligência e uma das figuras centrais desta cidade.

— Falece o venerando Sr. José Rodrigues do Prado, tronco de numerosa prole cachoeirense.

— Outubro - Falece o Sr. Aristides Guimarães, coletor estadual e muito estimado.

— Dezembro - Em São Paulo, colam gráus, os ilustres jovens cachoeirenses: em medicina, José Ramos de Oliveira Júnior; em direito Antonio Gomes Xavier Neto e Paulo de Tarso Rodrigues.

1938 — Janeiro - Inicia-se a campanha pela fundação de um banco, em Cachoeira.

— Março - Concorreram ao carnaval deste ano os cordões: «Folhões da lua», «Colégiais», «Aspirantes da marinha», «Recreio da Mocidade», «Cordão da Poeira», vencendo o primeiro.

— Segundo dados estatísticas oficiais, São Paulo em 31-12-1933, possuía 27.920 automóveis e caminhões.

— Maio - O Interventor, Dr. Adhemar de Barros, pede ao Dr. Getúlio Vargas, liberdade para o Dr. Armando Sales de Oliveira. Atendido.

— O assalto dos integralistas a vários estabelecimentos oficiais, no Rio, ocasionou a chegada inopinada do 5.º R.I. de Lorena, a esta cidade, que se alojou no prédio do Fôro, Teatro Municipal e outras dependências.

— Junho - A.R. assume pela 3.a vez o cargo de Prefeito local, dado á renúncia do Sr. Roque Cozzi.

— Setembro - É inaugurado, festivamente, na Prefeitura municipal, o retrato do Sr. Getúlio Vargas.

1939 — Abril - Canta sua 1.a missa em Cachoeira, onde foi coroinha, o cônego Teobaldo José da Silva, de tradicional família cachoeirense.

— Julho - Falece Monsenhor José Soares Machado (vide biografia, em separado).

— Outubro - É eleita a 1.a Diretoria do Clube Literário e Recreativo de Cachoeira que, assim, ficou constituída: José Benedito de Barros, presidente; Gil Pinto de Magalhães, vice-presidente; Vicente Buono, 1.o Secretário; Joaquim Calderaro de Andrade, Rubens Mota de Siqueira, Antonio Benedito Humel. Conselho Fiscal: Plácido Guedes de Magalhães; Oswaldino de Freitas e Joaquim Ferreira Júnior.

— Data Municipal - Em 18 de Outubro de 1784, por escritura pública passada em Guaratinguetá, Manoel da Silva Caldas e sua mulher Angela Maria de Jesus, ratificam a doação de 200 braças de testada e meia légua de sertão para patrimônio da pequenina capela do Bom Jesus da Cana Verde.

— Novembro - É eleita a diretoria da União Produtora, de Leite do Vale do Paraíba - seção de Cachoeira, assim constituída: José Lombardi Filho, presidente; Pedro Vieira, vice presidente; José Sebastião Gonçalves, Luiz Pazzini, Iduino Fernandes, João Ligabo.

— Dezembro - Grandes festas em casa do Sr. Agostinho Prado, por motivo da diplomação, em medicina, de seu sobrinho Darwin Prado.

— Realizaram-se no Cine Independência, grandes festas em homenagem aos cachoeirenses diplomados em várias escolas. Falaram: a professora Clara Marcondes Ferreira, saudando os diplomados por escolas primárias; os bacharéis, pelo professor João Palazzo; os professores pelo vigário da paróquia, professor e padre José Francisco von Atzingem; os médicos pelo Dr. Milton Pina; os demais pelo Dr. Benedito Júlio de Oliveira Braga, promotor da comarca. Encerrou a sessão o Sr. A.R. Prefeito Municipal.

1940 — Janeiro - É publicado a lei orçamentária do município - 250.000\$000, receita e igual quantia para a despesa.

— O «Diário Oficial» do Estado confirma as novas divisas municipais de Cachoeira Paulista.

— Ato n.o 26, da Prefeitura, dando a denominação de «Monsenhor Machado» á Praça da Matriz.

— É inaugurado o «Clube Literário e Recreativo». A Mesa que dirigiu os trabalhos estava, assim, constituída: «Dr. Manuel Duarte Calado

e Dr. Hugo Cacuri - juiz e promotor da comarca; Dr. Ciro Rosa, delegado de polícia; prof. A.R. prefeito municipal, Dr. Félix Guisard Filho - conferencista da noite, padre José Francisco von Atzingem, vigário da paróquia, Carlos Pinto Filho, Plácido Guedes Magalhães, Gil Pinto Magalhães, cap. Hugo Portela, Rubens de Siqueira, Vicente Buono e Ovídio de Castro.

Logo de início foi lido o relatório, merecendo referência especial o nome do Sr. Francisco Viana, 1.º presidente da Sociedade.

Foi dada a palavra ao Sr. A.R. para apresentar o ilustre conferencista.

O Dr. Félix Guisard pronunciou memorável e magistral palestra sobre o valor histórico do Vale do Paraíba.

A seguir o Sr. Gil Pinto Magalhães, agradeceu a ajuda recebida para consecução de tão elevado empreendimento. Finalmente, falou em nome da mocidade, o estudante, Dirceu Rodrigues Mendes. Foram conferidos os títulos de sócios honorários e beneméritos aos Srs: Francisco Viana, Manuel Rodrigues Fontes, Dr. Félix Guisard Filho, professor Agostinho Ramos, Vicente Buono, Rubens Siqueira.

— Maio - Dr. Milton Pina - Nesta data, retira-se de Cachoeira, de mudança para Pernambuco, o Dr. Milton Pina, tendo aqui clinicado durante vinte e um anos. Recebeu das maiores manifestações de que se tem notícia. O comércio cerrou suas portas e autoridades e povo se aglomeraram na Praça «Major Lombardi» frente a sua residência. Falou primeiro, o prefeito Municipal e a seguir o padre Juca, Dr. Darwin Aimoré do Prado, Joaquim Azevedo e Dirceu Mendes. Foram-lhe oferecidos várias lembranças, associando-se a essa manifestação o povo de Silveiras. Dr. Milton, agradeceu, chorando.

— Outubro - Iniciam-se em Cachoeira grandes manobras militares que se projetam pelo Vale do Paraíba. Aqui permaneceram os comandantes coronéis Zenóbio Costa e Otacilio Ururai, que receberam homenagens e foram visitados pelo ministro da guerra. O prefeito, ofereceu, em sua residência, um almoço a esses comandantes.

A oficialidade, ofereceu, um baile no Clube e aos soldados um jogo de futebol que foi assistido por mais de mil militares.

Foi emocionante. Antes da peleja, no centro do gramado, o comandante do 3.º R.I. e mais sua oficialidade, ouvem, em posição de sentido, a exaltação cívica pronunciada pelo prefeito. Por ordem do comandante Coronel Zenóbio Costa, responde o major Freitas Rolim.

À noite, abriram-se os salões do Clube, para receber os oficiais que iriam participar do chá dansante. Tocou o jazz do Regimento. O Major Inácio Freitas Rolim, determina ao capitão Paulo Tôrres que pronuncie palavras de agradecimentos. Alta madrugada. A oficialidade se retira, depois de haver bailado muito - e quase em cântico, pronunciando «que saudades desta noite».

Capítulo XXII

Sumário — Efemérides até 1948

1941 — Fevereiro - Inaugura-se, nesta data, o serviço de abastecimento de água da cidade, vinda da fonte da Limeira e acionada a 38 metros da altura manométrica, por intermédio de uma turbina propeler, também, acionada com a água do Rio Bocaina, então represado. Paraninfaram o ato o Dr. Darwin Aimoré do Prado e capitão José de Oliveira Gomes. Após, a benção, procedida por padre Juca, verificou-se idêntica cerimônia na turbina, paraninfando-a o Srs. Leopoldo A. Schubert e Benedito E. Rodrigues Alves. O prefeito foi muito cumprimentado.

E fecharam-se as cacimbas e fossas que constituíram, permanente, perigo.

— Tarso Machado Gaia se torna pioneiro da instalação de uma estação de rádio, em Cachoeira.

— Março - Visita Cachoeira, o Interventor Federal de São Paulo, Dr. Adhemar de Barros, recebido nas divisas do município de Cruzeiro, pelo prefeito e autoridades.

A chegada deu-se em frente ao Fórum local, descendo de seus automóveis, o homenageado, D. Francisco, bispo de Lorena, Moura Resende, Secretário da Justiça, José Rubião, Comandante do 5.º, Guilherme Winther secretário da Viação e numerosa comitiva. A pé, acompanhado do povo, o Interventor caminhou até à prefeitura, onde foi saudado pela menina Silvinha Pinto Gomes e Prefeito.

Foi, oficialmente, inaugurado o serviço de água, falando o Dr. Hugo Cacuri e respondendo o Dr. Guilherme Winther. Depois desse discurso, o Dr. Adhemar de Barros, movimentou a comports, declarando inaugurado aquele melhoramento. Palmas estrondosas.

«E, assim, a água do rio Bocaina (600 litros por segundo) penetrou no canal adutor e logo movimentou a turbina e os circunstantes perceberam a rapidez com que o precioso líquido da «Limeira» demandava ao alto do morro do cemitério (38 metros de altura) para ser lançado na rede distribuidora da cidade.

Nesse interim, o prefeito apresentou ao Dr. Adhemar de Barros, o Sr. Carlos Pinto Filho, doador da água.

— Abril - Banco Ribeiro Junqueira - Desde muito que Cachoeira anseava possuir um estabelecimento de crédito. O Interventor paulista, de, então, havia prometido ao prefeito a instalação de uma agência do Banco do Estado, nesta cidade. Finalmente, Caçapava foi contemplada com esse melhoramento.

As visitas do Prefeito voltaram-se para o Banco de Itajubá. Nesse interim, o mesmo prefeito recebeu a visita do Sr. Orlandino Klotz,

da Agência de Rezende (Banco Ribeiro Junqueira) que vinha recomendado pelo coronel Nilo Jardim, de Guaratinguetá. Face ao «dossier» apresentado, foi fácil e rápido aos diretores do citado banco instalarem, nesta cidade, uma agência. E isto foi feito com satisfação geral, no dia 22 de Abril de 1941.

Foi o primeiro banco que se instalou em Cachoeira e, também, o primeiro que se instalou no Estado de São Paulo. Seus diretores, com sede em Leopoldina (Minas): José Monteiro Ribeiro Junqueira, Otávio Armond Tostes da Fonsêca, Joaquim C. R. Junqueira. Local Praça Major Lombardi. Gerentes: Gualter Barbosa, Geraldo Francisco dos Santos, Darci Lomba e Alvaro Resende — atualmente.

— Setembro - Com a presença do major Eurico de Souza Gomes, vice-diretor da E.F.C.B. é festivamente, inaugurado, no Depósito, a Escola Profissional de Cachoeira, que elegeu «Luiz Carlos», seu patrono. Compareceram ao ato todas as autoridades locais e convidados.

— Reinaldo Guimarães - Contra Mestre - exhibe em sua residência uma locomotiva de sua autoria (pequena) que ia desde o apito à movimentação completa.

— Falece o Sr. Avelino Vieira de Siqueira, ex-vereador e ex-vice presidente da Câmara, comerciante, fêz parte da diretoria da Santa Casa e muito estimado pela população local.

1942 — Janeiro - Falece, em Lorena o Dr. Arnaldo Rodrigues de Azevedo, político e parlamentar.

— Março - Iniciam-se os serviços de esgotos desta cidade.

— Setembro - Decreto de Mobilização Nacional: «Art. 1.º É nesta data ordenada a mobilização geral, em todo o território nacional, em virtude do estado de guerra declarado pelo decreto n.º 10358 de 31 de Agosto de 1942».

— Outubro - Grandes festas religiosas e públicas em homenagem ao padre José Maria Brandi por motivo de seu jubileu sacerdotal.

— Novembro - São iniciados os trabalhos de construção do reservatório de água (600 m3) próximo do cemitério.

— Dezembro - É publicado a lei orçamentária para 1943 - Receita, 250.000\$000. (duzentos e cinquenta contos de réis); despesa - 250.000\$000.

1943 — Fevereiro - Realiza-se o exercício de «black out» nesta cidade, sob a direção do tenente João Crisóstomo e autoridades locais.

A cidade se engolfou na treva. Vários «feridos» foram socorridos pelos postos de assistência médica. Toda a população obedeceu as ordens.

— Setembro - Mudança de nome. Por determinação superior, Cachoeira teria que mudar de nome. O prefeito lançou as bases da votação, em forma de plebiscito. Aberta a urna pelo Dr. José Oswaldo

Jardim, promotor de justiça, verificou-se o seguinte resultado: Valparaíba - 1169 votos; Itatiguá - 754; Lidice, 43; Cachoeirópolis, 5; Bocaina, 3; Pradópolis, 5; Centrália, 6; Catadupa, 2 e outros nomes menos votados.

— Novembro - Foi, definitivamente, adotado pela Diretoria de Geografia do Estado, o nome que a população cachoeirense elegeu para denominar sua terra - Valparaíba, a partir de 1.º de Janeiro. (No Brasil há três cidades com o nome de Cachoeira - na Baía, Rio Grande do Sul e São Paulo). Criou-se, porém, o caso com Valparaíso, e mais tarde adveio o nome de Cachoeira Paulista.

1944 — Maio - O Prefeito, em nome do povo se dirige às autoridades do Estado e da Nação, protestando contra a tentativa de se mudar o nome de Cachoeira para «Caripeba». Valparaíba adveio de uma eleição. Foi atendido.

— Novembro - É publicada a lei orçamentária para o ano de 1945. Receita - 250 000\$000. Despeza, igual quantia.

— Dezembro - O prefeito pleiteia do Departamento das Municipalidades o cancelamento de débitos em atraso, de muitos contribuintes, bem como a extinção da taxaço sobre estradas municipais.

1945 — Janeiro - Sob a presidência do Prefeito Municipal com o comparecimento das autoridades e povo, realizou-se sessão solene, no Fórum para o fim de oficializar o novo nome de Cachoeira - «Valparaíba», atendendo ao que dispõe o decreto lei n.º 14334 de 30 de Novembro.

— Maio - Apoteótica manifestação popular pelo término da guerra.

...entre nove e dez horas começou a circular, pela cidade, com rapidez incrível, a nova alviçareira da rendição, incondicional, da Alemanha. Todo o nosso povo, como que sacudido por uma fôrça estranha, saiu para a rua, vibrou, enquanto os sinos do campanário repicavam e as locomotivas silvavam mandando aos ares as notas estridentes anunciadoras de alegria...

Durante todo o dia o povo, e fanfarras, e desfiles, davam algo de surpreendente cívico ao ambiente.

Às 18 horas, a imensa multidão, precedida da «15 de Novembro» superlota a praça «Evangelista Rodrigues». Rojões, rufo de tambores, hinos, vivas e todo aquele murmur festivo próprio das turbas, em alvorôço.

Eram 19 horas e falam com a vibração decorrente do evento os Srs: Drs. Geraldo Chad, Ayrton Paca, Sebastião Arruda, professoras D. Maria José Vieira, Ana Mendes e Alayde Ramos, Francisco Bueno Pereira, José Pôrto Gomes, Mário Silva, José Magalhães, Geraldo Pôrto

Gomes, Geraldo Francisco dos Santos, José Capareli, Segesfredo Marcondes, Wagner Marcondes, Monsenhor Armando Lacerda e Agostinho Ramos, Prefeito Municipal, encerrando o grande comício.

— **Agosto - Grandes homenagens aos expedicionários Cachoeirenses.**

Na praça da Independência - missa campal, às 13 horas almoço no Clube, às 17 horas grande préstito cívico e a seguir na praça os discursos vibrantes dos oradores: Dr. Geraldo Chad, prof. Bueno Pereira, Mário Silva, professora Maria José Vieira, presidente da L.B.A. João Dias de Oliveira e do prefeito municipal.

Às 19 horas, no prédio da Congregação Mariana, grande festival e às 22 horas teve início no Clube, o baile animado.

— **Setembro** - Passa por esta cidade, em propaganda de sua candidatura à presidência da República, o general Eurico Gaspar Dutra. Com sua numerosa comitiva, desceu da composição da Central e no saguão da estação foi saudado pelo prefeito municipal. Respondeu o Dr. Noraldino de Lima, ex-interventor de Minas Gerais.

— **Dezembro** - «Foi iniciado a 17 do corrente, com felicidade, o calçamento desta cidade». Começou pelo Largo da Estação (Praça Costa Júnior) e se desenvolve pela rua Marechal Deodoro.

1946 -- **Janeiro** - Falece, em São Paulo, de um desastre de automóvel, o Dr. Fernando Costa, Interventor Federal.

— **Dezembro** - A moderna cerâmica dos Irmãos Lara, inicia seus trabalhos.

1947 -- **Janeiro** - Ruth Guimarães - Organiza-se em São Paulo uma comissão, no sentido de homenagear a romancista cachoeirense Ruth Guimarães pelo êxito alcançado com a publicação de seu livro «Água Funda». Vão oferecer-lhe um chá, em dia e local previamente anunciados. Essa comissão está, assim, constituída: Alfredo Moraes, Carlos Bulmarqui Kopke, Mário da Silva Brito, Pedro Morato Kraehnbul, Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Edgard Cavalheiro, Fernando Goes, Edy Dutra e Araújo Nabuco.

— **Agosto** - Passa por esta cidade, conduzido por atletas cachoeirenses, o «Fogo Simbólico» este ano, incendiado em Pistóia, na Itália. De Pistóia a Roma - 401 Km; do Rio a Pôrto Alegre - 2534 Kms.

1948 -- **Janeiro** - Assumem seus cargos os vereadores eleitos e, A.R. pela 4ª vez por eleição, o de Prefeito.

— **Maio** - É designado o cachoeirense Dr. Benedito Arruda Viana para chefiar o gabinete do Presidente da Assembléia Legislativa. S.S. quando deputado, recebeu a incumbência de saudar Nerú, o grande italiano, em nome da Câmara.

maio — O nome da cidade - Os cachoeirenses nunca se conformaram com o nome de Valparaíba que foi dado a Cachoeira.

Povo, autoridades encaminharam ao, então, deputado estadual, Dr. Cunha Bueno, um memorial, pleiteando o nome de Cachoeira Paulista.

O referido palamentar se fêz credor da nossa gratidão e estima, apresentando à Assembléia Legislativa, o documento dos cachoeirenses com as seguintes considerações: «considerando que o município de Cachoeira, localizado no tradicional Vale do Paraíba, tem a sua denominação alterada para Valparaíba, em virtude da existência de igual topônimo, com prioridade de uso : . . . considerando que o nome de Cachoeira continua arraigado no coração de quantos aí residem . . . requeremos á Mesa que as presentes razões e documentos sejam encaminhados aos órgãos regimentais e informativos do Direito, para estudos que se fizerem necessários, afim de que, na lei a ser promulgada, no corrente ano, fixando o Quadro Territorial Administrativo e Judiciário do Estado, passe o atual município de Valparaíba a denominar-se Cachoeira Paulista, Sala das Sessões, 30 de Abril de 1948, Cunha Bueno».

Em consequência desse movimento, o prefeito recebeu, em Novembro, o seguinte telegrama - «temos satisfação informar Comissão Estatística aprovou parecer favorável modificação nome essa localidade para Cachoeira Paulista. Cordiais saudações - Deputados Antonio Silvio da Cunha Bueno, presidente, Castro Carvalho, Paula Lima, Joviano Alvim, Décio Queiroz Teles».

Finalmente: Dezembro - Lei n.º 238 - em definitivo - Cachoeira Paulista.

— Junho - Comendador José de Oliveira Gomes - . . . «E assim, no dia 13 do corrente (Junho) domingo passado, durante a missa celebrada pelo Sr. Bispo da Diocese, D. Luiz Gonzaga Peluso, S.Exa: Revma. no final da solenidade, tomou a palavra e proferindo expressiva oração sobre o casal Pôrto Gomes junto do altar, fêz entrega ao Sr. José de Oliveira Gomes do titulo de Comendador pela Santa Sé, ato esse presenciado pelo povo que se comprimia na Igreja.

Capítulo XXIII

Sumário - Quatro grandes festas

A 4.ª — Vitória da Revolução de 31 de março de 1964

Todo o Brasil sentiu, sob impacto emocional de civismo, a vitória incruenta da Revolução de 31 de Março.

As marchas imponentes da Família com Deus, pela Liberdade, o

murmur das turbas, quase, em desvario, as preces aflitas dos fiéis, os arroubos oratórios - enfrentavam em fôrma de tenue cortina, a tempestade em desalinho que se aproximava.

E, então, vitória de 31 de Março, em 1964. . . e os soldados voltaram a seus quartéis, os operários, as suas fábricas, os estudantes, as suas escolas. Não mais depredações, não mais arruaças - esta Casa, agora, tem dono.

Ei-las, as forças armadas, vestidas de suas altas responsabilidades.

E a paz raiou e, todos garantidos, puderam voltar confiantes a seus lares e a seus trabalhos.

Foi, assim, considerando que Cachoeira Paulista, gigantescamente, se movimentou e se preparou para comemorar a vitória da Revolução.

E o fêz de um modo, quase, patético, quase, inenarrável. Podemos assegurar - não houve simile, em parte alguma.

25 de Abril de 1964 - às 16 horas.

Fim da da Avenida Sarah Kubitschek - próximo á rodovia «Presidente Dutra».

— E movimentou-se o imenso préstito, convocado por meio de boletins, firmado pela Comissão.

Unção cívica, silêncio, bandeiras, pavilhões, fanfarras, bandas militares, soldados, oficiais, representações de fôra - e dir-se-ia que a grande Praça «Prado Filho», não comportaria a multidão que, anseava, participar das solenidades, frente ao Forum.

Ordem do desfile - Câmara Municipal, operários, policia rodoviária, rodoviários, bairros de: São João, Margem Esquerda, Embaú, Quilombo, Embauzinho, Vila Carmem, Pitéo, Bocaina, Jataí, Palmital, Associações religiosas, União Espirita, escolas, estudantes, professores, Cristãos Evangélicos, bancários, fazendeiros, médicos, advogados, dentistas, comerciantes, Rotary Clube, associações esportivas, ferroviários, funcionários, comerciários, municipio de Silveiras, barbeiros, Legião da Boa Vontade, industriários, Serviços públicos, motoristas, policia motorizada, autoridades, povo.

Cada organização com seu monitor e a ordem e o respeito, absolutos. Itinerário -- Avenida Sarah Kubitschek, Rua Ministro Cardoso Ribeiro, Avenida Coronel Domiciano, Rua Prefeito Mendes, Rua Bernardino de Campos, Avenida Conselheiro Rodrigues Alves, Avenida Coronel Domiciano, Praça Prado Filho.

Na Praça, em grande palanque, realizaram-se as seguintes solenidades: hasteamento das bandeiras, discursos, homenagem ao 5.º R.I.

recitativo, Hino Nacional, cantado pelo povo.

Finalmente, deu-se o desfile de carros, frente ao palanque oficial.

— Toda essa movimentação cívica, de tão alta significação, contou com a supervisão do Dr. José Caetano Ferreira Munhoz, então, juiz de direito desta comarca.

Nota - Antes do Hino Nacional, estes versos recitados na solenidade, pela menina Sandra Maria Pinto.

Exaltação

A. R.

Ei-la, a mulher mineira, em clarinada —
Sacudindo os varões para a cruzada.

Ei-la, a mulher paulista, que não teme —
A marchar sob as ordens de Paes Leme.

E os quartéis, em assomos, se agitaram
E as legiões, seus caminhos, caminharam.

A batalha incruenta se faz santa,
Contra quem, a família, se levanta.

Por meu Deus, minha Pátria e liberdade —
Na paz, na guerra, resistir quem há-de?

Abalxo a ideologia que, iracunda,
Fere, mata e de horror a tudo inunda.

Para saudar a aurora que sorria;
Não se ouviu o bramir da artilharia.

Cachoeirenses da roça e da cidade —
Cantai ao nôvo sol da liberdade!

Capítulo XXIV

Sumário — Uma ponte entre dois Euclides

Reminiscências da presença de Euclides da Cunha em Cachoeira — o eterno apaixonado pela terra.

Do «Correio Paulistano» — «Pensamento e Arte» — 2-8-53.

Agostinho Ramos

«Por duas épocas diferentes, bem distanciadas no tempo e diversas nas condições ecológicas, contou Cachoeira Paulista com a presença ilustre e sempre benéfica, de Euclides da Cunha.

Da primeira vez, era esta sempre estimada terra, apenas a «Vila da Bocaina», e ele, Euclides, simples engenheiro - ajudante da Diretoria de Obras Públicas do Estado, sem outra auréola que a já quase esquecida fama de «cadete da baioneta».

Foi em 1897.

Morria o século, e ainda Euclides não havia partido para Canudos, onde encontraria a sua gloriosa estrada de Damasco.

Não era já o seu primeiro contato com estas abençoadas terras do Vale do Paraíba, pois que em 1894, engenheiro recém-formado, em Caçapava estivera, fazendo curto estágio na E.F.C.B. mas certamente, a agressividade da paisagem destas bandas, mais fundamente o impressionou.

É de supôr que apenas chegado, logo procurasse ter uma vista panorâmica da localidade, e galgando um alto - quem sabe o da Matriz - circunvaga o olhar penetrante pelo imenso anfiteatro da Bocaina e da Mantiqueira, que se defrontam e arqueiam e no grande vale, serpenteando, o Paraíba sereno, de longe espiado pelos titãs de granito da cordilheira.

O geólogo sente que a milenária caudal emerge da terra, em filetes de prata, lá longe, de grotões soturnos, das encostas do paredão que têm o Atlântico para, depois, se converter na calha maravilhosa, dadivosa e fecunda, portadora do contingente fertilizante, oriundo das serras e valados.

E imagina a riqueza e o mistério dessas brenhas nos seus maciços de mármore e revestimentos de talco, nos seus mananciais de xisto e afloramentos de quartzo, nas grutas lendárias, decoradas de estalactites e estalagmites, na opulência das minas profundas e no rolar das águas amotinadas, no esplendor das florestas e nas orquídeas fantásticas, tudo a pedir a mão do homem e o dedo da ciência, numa oferta magnífica, abrupta, selvática, de morros e picos, altiplanos e recortes, desfiladeiros e recôncavos, que se perseguem e tumultuam e onde «a senha do trovão tem as côres da tragédia, nas horas de convulsão da natureza»...

Em face às serras soberbas, ásperas, arrogantes que se desafiam, com seu séquito de morros e penedias, reflêta ele sobre a tremenda convulsão telúrica que sacudiu e rompeu a terra, levantando essas cordilheiras alcantiladas, abrindo o vale imenso por onde corre plácido o rio de Ceci, que logo abaixo, galga por penedias e recifes, para ir abrir o paredão granítico que o retinha, buscando caminho para o Atlântico.

Sobre o rio, a ponte formosa, espelhando nas águas mansas os seus três arcos monumentais...

E era essa ponte o motivo da sua presença ali.

Construída há pouco, entrara a demonstrar ameaçadores sinais de ruína por fendas verticais que se abriram nos seus encontros, sobretudo, no da margem direita, tal qual sucederia no ano vindouro, na ponte celebrada do Rio Pardo.

E por singularidade do destino, era Euclides o chamado a dar-lhe o remédio, que não pôde levar a outra.

(Dispensamo-nos de publicar aqui o relato de Euclides constante dos atos n.º 3057, maço 89, do Arquivo do Estado, por ser muito longo e onde trata da resistência de materiais, de concorrência, do estado da ponte e outros pormenores. Executadas as obras sob a direção de Euclides, (1897) ficou consolidada e perfeita a ponte, até que em 1932 foi destruída).

Da segunda vez que Euclides da Cunha por aqui passou, mais numerosas e repetidas foram as suas visitas.

Estávamos em 1902, alvorecia um novo século e Euclides era bem maior.

Estivera em Canudos, de onde enviava as surpreendentes correspondências para «O Estado» e onde, em contato com o sertão baiano, as suas prodigiosas qualidades de escritor começaram a se disciplinar e a brilhar na maravilha de um estilo incomparável; reconstruíra a ponte sobre o Rio Pardo e no remanso acolhedor da cidade amiga, deu forma e substância ao seu livro, agora em trabalhos de impressão; amadurecera na consciência e no saber, fazendo já prever o genial escritor, que virá a ser dos maiores clássicos da língua, no Brasil, superior mesmo a Machado de Assis, cujo estilo medido e comedido, nem sempre agrada aos que, também, gostam das roupagens da fantasia.

Euclides é, realmente, «tapuia e grego», extremamente contagiante e nós - como todo o brasileiro, com tinturas de letrado, trazendo na alma um pouco de helenismo e muito de sertanismo dizemos - eis o grande escritor que será a figura máscula da literatura brasileira.

Lendo-se Euclides, sentimos-nos tomados de assomos.

O estilista condoreiro nos sacode nas suas audaciosas investidas, como nos apavora através seus contos fantasticos, tais quais os de Hoffmann e Poe.

Mas, sempre apaixonado pela terra, parece que seu desejo é ser como o ateniense - rebento do próprio solo. . .

Por seu lado, Cachoeira, embora, então, cidade e comarca, estiolarva, seus terrenos exauridos em magras pastagens, suas lavouras extintas, sua população minguando.

Na cidade, francamente, incorporada à ronda das «cidades mortas», vivia-se no dia a dia da conformação e da saudade.

Apenas um velho, de espírito sempre moço, que mantinha uma velha botica num antigo casarão da ladeira de Santo Antonio, dava corpo, num primitivo laboratório montado aos fundos, a uma indústria, que iria florescer, prodigiosamente, mais tarde: - fabricava, pessoalmente, em caldeirões de cobre e no fogão familiar, o «conhaque licoroso de alcatrão», o «vinho de pati amargoso» e o «licor de cacau Xavier». Dizia o velho Antonio Gomes Xavier que a excelência de tais produtos provinha da qualidade escolhida dos simples com que eram fabricados - o pati, colhido por ele mesmo, nas redondezas, açúcar refinado em casa, água tomada no meio do Paraíba e conservada incorrupta, em enormes talhas de barro.

Dentro deste reduzido cenário, Euclides da Cunha, que havia sido promovido a engenheiro-chefe do 2.º Distrito de Obras Públicas e

fixado residência na «melancólica Lorena», frequentemente, aparecia em Cachoeira, no exercício de suas funções.

Para projetar, orçar e fiscalizar a construção da pequena ponte de alvenaria sobre o rio Palmital, à entrada da cidade, na estrada que vem de Lorena, por sinal a única obra pública que nestas paragens conserva uma placa comemorativa, aposta pelo modesto construtor, Santo Chiarelli, com o nome de Euclides da Cunha (auto n. 5086); para examinar e orçar consertos na ponte sobre o rio Bocaina, à saída da cidade, na estrada para a Vila de Jataí e reforma do prédio da Câmara e Cadeia da mesma Vila (auto n. 149); para fiscalizar e receber os serviços feitos por contrato com a Câmara da Vila Cruzeiro nos pontilhões sobre os ribeirões do Quilombo, na estrada para a Vila Vieira do Piquete, e Embaú, na estrada para Cruzeiro (auto n. 7850).

Em carta de 12-3-1903, a Araripe Júnior, diz Euclides: - «É que o trolly me conduzia a Silveiras e a Areias, enquanto o meu companheiro de viagem»...

Não poderia ser outro senão o trolly do Afonso Cardoso de Oliveira, pois nenhuma outra estrada para Silveiras dava trânsito a veículos...

Naturalmente, pela repetição frequente dessas viagens, vendo desdobrar-se diante de seus olhos o quadro da terra quase desnudada, dos cafezais semi-desfolhados e a faixa dos carregadores «por onde outrora subiam escravos», e a gente pobre e raquítica disseminada pela grotas e vargens, sabendo sofrer com estoicismo, na adversidade, tudo por amor a sua gleba e as suas tradições - sente as primeiras fontes inspiradoras de seus admiráveis e geniais contos e narrativas referentes a este Vale.

Ao escrever «Entre Ruínas», em cujo primeiro período diz: - «Quem saltar em qualquer das estações da Central, no trecho paulista, a partir de Cachoeira, entra quase de improviso em lugares que lhe não recordam mais as bordas pinturescas do Paraíba» - deixa Euclides bem viva a sugestão desse Brasil caboclo que foge com suas lendas, tradições e costumes, se engolfando no passado e só vivendo em no-sas recordações.

Havia aqui, em Cachoeira a lenda corrente de uma certa fazenda assombrada.

A estrada - poeirenta e deserta, ladeada de cruzeiros, onde em noite escura se ouvem tropéis e se vêem diademas de boitatás para a festa dos duendes.

E o caboclo cabisbaixo faz o «pelo-sinal» e reza o «Senhor amado» ou o «Creio em Deus Padre» de trás para diante. Ei-la, na encosta soturna - a casa grande abandonada, a antiga estância moria. E as ruínas falam, e os espectros se alinham e começa a marcha batida e o desfile fantástico e cambaleante das senzalas, paiões, terreiros e unhas de pedra, boiadas e currais, pomar e engenho, moinho e moinho, a bica de água e a porteira «ringideira», o quarto dos arreios e cangalhas, a varanda e a grande cozinha de chão, o fogaréu e o cafezal, o milharal, o canavial, o córrego entabocado.

E as festas de São João e de fartura, os pares bailantes nas mazurcas e polkas, nas quadrilhas e lanceiros, nos salões de candelabros e lampeões belgas; e o catira nas tuias - o repique do sapateado, dos «rasgados» de viola, arrepios de pandeiro, a grande fogueira e o jongo semi-hábaro, sons rouquinhos do «tambú» e do «candongueiro» - e o velho negro a dar pontos e a desatar pontos, tramelando os crendeiros: - «andorinha cantô no cangerá» - «eu quero saravá»...

Além, por uma grota, a grande figueira abrigando negros da Costa e a «fruta da samambaia», a cachaça, a pólvora, guiné, a «cobra-corrá», pica-pau, chan-chan, dedos de anjinho, osso de defunto, unhas de gavião, cabelos e retratos, o caldeirão a tripé, S. Cipriano e S. Benedito e Santo Onofre.

Salto e trejeitos, o vozerio profundo e cavernoso, o pavor de tantos, a defumação e o «despacho» que se processam no ritual da feitiçaria, aos assobios do «pererê».

Vivos estão ainda os que certa noite pretenderam «desabusar» a fama das visões e podem contar - (eram catorze homens) - quanto correram pelos campos e ao redor da velha casa até alta madrugada, entregues ao sobrenatural, cansados e exaustos, vencidos e extenuados.

E quantos não caíram no portal de suas casas ao sentirem o efeito da luz?

É que, rezam os cânones das superstições lindeiras, o «assombração» não pode ver luz de vela ou lamparina...

Euclides deveria ter estado nessa fazenda, tangido pela curiosidade, «invadido pelas crenças ingênuas dos caipiras», tão fielmente as descreve em sua narrativa:

O último serviço que, como engenheiro realizou, em Cachoeira, foi, precisamente, na mesma ponte, que pela vez primeira a Cachoeira o trouxe.

Pelo ofício n. 193, de 24-3-1903 informa que o assoalho da ponte sobre o Paraíba está consideravelmente danificado pelo uso e que o mesmo acontece com as longarinas de madeira, algumas das quais apodrecidas, já se tem partido e caldo. Junta orçamento no valor de Rs. 10:455\$640, serviço que a Câmara Municipal por seu representante João Batista da Silva, empreita e executa.

Dentre as pessoas que maior contato tiveram, então, com Euclides da Cunha durante esse serviço, conta-se o cel. José de Castro, um dos mais antigos moradores da vizinha cidade de Cruzeiro, que nos referiu ter sido a madeira para esse conserto fornecida pelo Sr. Antonio Conde, de sua fazenda do «Batedor».

Assim, graças à intervenção de Euclides da Cunha, foi a velha ponte metálica sobre o Paraíba, salva de desastre certo, e consolidada, em 1897, reformada e melhorada em 1903, por forma a durar até que em 1932, por exigências estratégicas, fôsse dinamitada, ao findar a Revolução Constitucionalista.

E aqui se verifica interessante e singular coincidência de reflexos antagônicos - em 1897, um Euclides, na paz, consolida uma ponte; em 1932, outro Euclides, na guerra, a destrói.

Nota final - Evitamos narrar fatos negativos, muito naturais em todas as cidades. Temos armazenado na lembrança um rol imenso de acontecimentos que nos foram narrados pelos coevos, uns - outros a que assistimos. Não os publicamos.

Entretanto, como historiador, não nos é dado ocultar, como terminou terrível luta política, que assolou Cachoeira, em fins do século passado e começos deste.

Vallia a força bruta, a ameaça, a capangagem.

Políticos respeitáveis não se locomoviam com liberdade, a ponto de só embarcarem ou desembarcarem dos trens, rodeados de numerosos amigos.

Houve choques, agressões, tiros. . . .

As reuniões dos pácíficos afetavam-se na casa do Dr. Oliveira Braga, frente ao grupo escolar e hoje da prefeitura. O adversário queria exterminar seus desafetos, e certa noite supunha-os reunidos na sala que dá para a rua da citada casa, apenas, iluminada por um lampião belga. Da rua Bernardino de Campos foi atirada uma bomba-dinamite - Todos fogem espavoridos, mas Roldão, um amigo da casa, inadvertidamente, pega o petardo fumegante e ao atirá-lo, janela afóra, estoura, arrancando-lhe o braço. Roldão, que depois foi sacristão, faleceu há pouco tempo.

Como se vê, a cidade estava sem garantias.

Foi, então, que o sargento Silvio Guizão, comandante do Destacamento Policial, resolveu tomar iniciativa á revella do delegado (não era de carreira) e dos políticos.

Reuniu os seus soldados, prendeu o chefão, que pelas ruas da cidade ia dizendo palavrões, trancou-o na pior prisão, sem nada de conforto a não ser o assoalho, passou-lhe descomposturas e mais descomposturas e no dia seguinte, soltou-o.

Claro que, para Cachoeira, acorreram autoridades de fóra. . . : e Guizão removido para São José dos Campos.

Depois desse episódio, Cachoeira entrou numa era de tranquillidade.

Cochilos -- emendas

— Alguns nomes que nos pareceram trocados, depois de verificados, estão certos, de acôrdo com o original. Apenas, na página 86, do 1.º volume, deve se ler: José Godoi Roseira e não José Gomes Roseira.

— Neste 2.º volume, na página 14, deve se ler: «o dia 3 de Maio de 1888 ficará»... e não «o dia 13 de Maio»...

— Onde se lê, 1.º e 2.º volume, fêz-se, leia-se fêz-se.

— No relato de jornais, neste volume, página 26, acrescente-se «A Voz» dirigida por Monsenhor José Soares Machado.

— No capítulo - «Corporações musicais» não deve ser esquecido o nome do regente maestro José Mafra (1885).

Corporação «15 de Novembro» - Revendo melhor nosso arquivo esclarecemos que a «15 de Novembro» foi fundada por Armelindo Guimarães, Pedro Evangelista Pinto e Antonio da Silveira Mende - inaugurada em 15 de Novembro de 1911. Até 1913, regeu-a o maestro Armelindo Guimarães. Dessa data em diante passou à direção do maestro José Randolfo Lorena, que a manteve em plena florescência, até seu falecimento. Lorena deixou uma série de composições admiráveis, sendo de notar a «Avançada de Jofre», fantasia militar, que fêz época.

Bibliografia

Jornais - «Eco Municipal», «Gazeta da Bocaina», «O Cachoeirense», «A Notícia».

Euclides Godoi

Informante

A.R.

Testemunho pessoal



Paróquia de Cachoeira Paulista 1.876 1.971

Sumário

a — História
c — Embau

b — Patrimônio
d — Jataí

Capítulo I

Sumário — Instituição Canônica da Paróquia de Santo Antonio da Cachoeira

— Cópia tirada do Livro VIII fls. 158 das Provisões do Arcebispo de São Paulo.

«Monsenhor Dr. Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade.

Aos que esta Nossa Provisão virem, saúde, paz em o Senhor.

Faço saber que tendo a Assembléa Legislativa Provincial por Lei n. 27 de 29 de Março do corrente anno, elevado á cathegoria de Freguesia a Capella de Santo Antonio da Cachoeira (Caxoeira), do Municipio de Lorena, e attendendo ao que me representaram os Habitantes daquelle logar:

Hei por bem pela presente, confirmal-a, como por esta Provisão Confirmo, Erijo e Canonicamente instituo - aquella povoação em freguezia na forma do Sagrado Concilio Tridentino; pelo que Concedo á nova freguezia de Santo Antonio da Caxoeira todos os privilégios, Honras, Distinçoens, Insignias que lhe pertencem como Igreja Parochial que fica sendo de ora em diante, vigorando, pelo que respeita a estola, as mesmas divisas que em cumprimento a Lei de sua criação foram dadas pelo Excelentíssimo Govêrno da Província.

Será esta publicada á estação da Missa parochial de um dia sanctificado e registrada no livro competente para todo o tempo constar. Dada na Câmara Episcopal de São Paulo, sob o Sello das Armas de Sua Exa. Revma. e meu signal, aos 16 de Agôsto de 1.876. E eu Antonio Augusto de Araújo Moniz, Escrivão da Câmara Episcopal a subscrevi.
Joaquim Manoel Gonçalves de Andrade».

Capítulo II

Sumário — Duas cartas do Padre Antonio ao Presidente da Província.

A primeira:

«Ilmo. Exmo. Snr.

Certo do quanto Va. Exa. se tem interessado pela prosperidade moral e material da Província, que tão dignamente administra, ousou levar isto ao conhecimento de Va. Exa. solicitando sua atenção para a Igreja Matriz d'esta Commerciante e populosa freguezia, cujo estado é assaz deplorável, já pela sua má construcção e já pelo seu acanhamento, que não comporta a concorrência do povo nos dias festivos.

Esta Matriz, Exmo. Snr. hé tão insignificante que não duvido asseverar-lhe de que conheço Ermidas de fazendeiros superiores a Ella; por isso mesmo que são assoalhadas, forradas e decoradas, o que tudo falta na nossa Matriz.

Espero, pois, do patriotismo e Espírito religioso de Va. Exa. que attenderá ao meu justo reclamo, tanto mais quanto é certo que este importante logar converge diâriamente immenso povo da Côrte e das principais povoações do Norte de São Paulo, do Sul de Minas, e bem depressa, também, dessa Capital com o entroncamento neste logar.

Que juízo, pois, farão as pessoas que aqui chegarem, do nosso espírito religioso?

Onde receberei o Monarcha, quando aqui vier, e quizer fazer Oração?

Mais uma vez appello para a benigna atenção de Va. Exa., certo que terá de Deus a recompensa e deste Povo a eterna gratidão.

Deus guarde Va. Exa. por muitos annos.

Freguezia de Santo Antonio da Cachoeira, 20 de Março de 1.877:

Ilmo. e Exmo. Snr. Dr. Sebastião José Pereira Digmo. Presidente da Província de São Paulo.

O Pe. Antonio Caetano Ribeiro, Vigário desta Freguezia».

Despacho a Lápis

«Responda-se que não podem actualmente os cofres comportar a despesa da construcção d'uma nova Matriz para essa Freguezia, ou para as suas importantes obras; porém se S. Revma. appellar para os sentimentos religiosos de seus Parochianos, certamente conseguirá recursos, o que têm conseguido outros distinctos Parochos».

A segunda:

Do mesmo Vigário ao mesmo Presidente

«Ilmo. e Exmo. Sur.

Com quanto esta Matriz seja bastante pobre, no entanto os edificios que se vão construindo e os construidos são em terrenos aforados a Santo Antonio, Padroeiro desta Freguezia. Estes foros são arrecadados por um Zelador.

Em minha humilde opinião, achava mais razoável que Va. Exa. sendo do seu agrado, nomeasse um Directório, composto d'um Presidente, Thezoureiro, Procurador e um Secretário, não só para fazer a arrecadação do producto dos ditos foros, como também promover por outros meios alguns beneficios para a Matriz, visto seu mau estado.

Se minha lembrança fôr approvada por Va. Exa. faz-se mister que lhe apresente o nome das pessoas e que na minha opinião são aptas para fazer parte do Directório e que são as seguintes:

Presidente, o Parcho, sendo do agrado de Va. Exa;

Thezoureiro o Major João Baptista do Nascimento;

Procurador o Alferes José Francisco Ortiz

e Secretário o actual Zelador; Domiciano Rodrigues Pinto.

Deus guarde a Va. Exa. por muitos annos.

Pôrto da Cachoeira, 26 de Junho de 1877.

Ilmo. e Exmo: Snr. Dr. Sebastião José Pereira, Digmo. Presidente de São Paulo.

O Pe. Antonio Caetano Ribeiro — Vigário Encommendado.

Resposta

«Que ao Juiz da Provedoria e não ao Presidente compete providenciar sobre os bens pertencentes á Capella de S. Antonio». -

Capítulo III

Sumário — Um pouco de História escrita por Monsenhor José Soares Machado.

«Corria o ano de 1862.

A Margem Direita do Paraíba, aproveitando o exemplo da Margem Esquerda, tinha construido junto do rio, pequenas casas onde se abrigavam pobres pescadores.

Com a intensificação do comércio entre o Sul de Minas e os pôrtos de Mambucaba e Parati, a população ribeirinha foi aumentando.

Dai veio a necessidade de novas construções.

Pari-passu, a atividade humana foi desenvolvendo-se em todos os sentidos, abrindo-se novas casas comerciais.

Faltava sòmente a Casa do Senhor, onde o homem pudesse cumprir o seu fervor para com Deus, ao mesmo tempo que o ia cumprindo com a sociedade.

A Margem Esquerda já possuía a sua Capela, dedicada ao Senhor Bom Jesus da Cana Verde, situada em terrenos doados à mesma Imagem pelo inclito cidadão Capitão Manoel da Silva Caldas.

A Margem Direita também queria possuir um Templo, onde pudesse, sem as dificuldades de uma travessia no Paraíba, render graças a Deus e pedir-lhe remédio para os seus males.

Foi nessa ocasião, em 1862, que no alto onde se encontra a Matriz, se levantou uma modesta Capela dedicada a Santo Antonio.

A Capela era de madeira, embora coberta de telha.

Custeou tôdas as despesas desta modesta construção, Dona Antonia Ortiz.

A oferta da pequenina Imagem de Santo Antônio, à qual o povo dedica uma veneração especial, foi feita pela mesma Senhora, no ano de 1862.

Em 1869, uma comissão de Católicos, sob a presidência do Vigário de Lorena, demoliu a pequenina Capela e levantou uma outra maior, tôda de tijolo e feita com mais arte.

Não foram felizes, porém, os construtores da nova Capela, porque, ameaçada de cair, foram obrigados a demolí-la novamente.

Em 1892, principiou-se a reconstrução.

Faziam parte da comissão para êste fim, Antônio Seixas, Joaquim Cândido e o Coronel Domiciano Rodrigues Pinto.

Ainda hoje, se conserva uma grande parte do que foi feito naquela ocasião.

Trabalhou nessa reforma, o estucador Braz Império, sendo obra sua, entre outros, os capitéis coríntio-romanos das colunas e os quatro altares laterais.

Foi seu companheiro o saudoso Santos Chiarelli.

A inauguração da Igreja, depois desta reforma, realizou-se no dia 6 de Junho de 1894.

Foi nessa ocasião que chegou a Cachoeira o Padre Francisco Felippo, essa figura extraordinária de Vigário e de Apóstolo, que passou a sua vida semeando o bem e a caridade em tôdas as paróquias,

onde a sua atividade admirável foi chamada a exercer-se. (Era irmão de Mons. Filippo).

Foi no dia 4 de Fevereiro de 1895 que se lançou a primeira pedra da torre.

No ano de 1897, foi inaugurada, certamente no dia 13 de Junho, a Igreja completa.

O povo católico colocou uma lápide de bronze no interior da Matriz, com a seguinte legenda:

→ «Ao P.e Francisco Filippo — Gratidão»

Em 1917, foi ladrilhada a Matriz, desde as grades da Capela mór até a porta principal.

Em 1920, foi colocado um relógio com três mostradores transparentes, na torre da Matriz.

Para êsse melhoramento, constituiu-se uma comissão composta do Vigário, do Dr. Alynthor Werneck e Sr. João Barbosa Ferraz Filho.

Em 1922, para comemorar a passagem do primeiro Centenário da Independência do Brasil, foi substituído o altar-mór, que era de reboco, por um outro de mármore.

Em 1926, para comemorar a passagem do primeiro Cinquentenário da fundação da Paróquia, foi levantado um artístico altar de mármore em honra de Santa Terezinha.

Por ocasião dessa festa, a maior que se fêz em Cachoeira, foi iluminada, pela primeira vez, tôda a frente da Matriz.

Finalmente, a 1.º de Março de 1933, principiou-se a 2.ª reforma da Matriz, onde se introduziram vários melhoramentos, entre êles o salão das Associações religiosas, ao qual foi dado o nome do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo de Taubaté, D. Epaminondas, em homenagem às suas peregrinas virtudes.

Capítulo IV

Sumário — Fundação e Desenvolvimento da Paróquia de Santo Antonio da Cachoeira.

Vigários, Papas e Bispos

Até 1876, Cachoeira era uma capela pertencente á paróquia de Lorena. Sua história religiosa, oficialmente, começa nesse ano.

Acontece, porém, que estamos tratando, especificamente, de sua vida espiritual, razão porque, aqui nestas páginas, fica bem uma, quase, recapitulação constante do 1.º volume, onde mais se fala do Bom Jesus da Cana Verde e da Margem Esquerda.

As primeiras edificações da Paróquia de Santo Antonio da Cachoeira datam de um século e meio mais ou menos. Eram miseráveis choupanas de pobres sertanejos, na sua maioria pescadores das margens do rio Paraíba (lado esquerdo e direito).

Não se sabe ao certo a data do patrimônio doado pelo Cap. Manoel da Silva Caldas, mas, é de se crer, que seja anterior a 1780. Eram 200 braças de testada que constituíam o patrimônio doado ao Senhor Bom Jesus da Cana Verde, as quais, partindo da barranca do Paraíba, na margem esquerda, até completar meia légua de sertão para os lados da Serra da Mantiqueira, iam dividir-se com os terrenos do município de Cruzeiro.

Em 1785, por provisão de D. Manuel da Ressureição, Bispo de São Paulo, deu-se principio à Capela primitiva, sob a invocação do Senhor Bom Jesus da Cana Verde, a qual foi benzida pelo vigário de Guaratinguetá Padre Manoel Lescura Bauher, por provisão do mesmo Diocesano, em data de 6 de Agosto de 1786.

A imagem do Senhor Bom Jesus foi doada pelo saudoso e venerando vigário de Lorena, Padre José Gonçalves Silva, que todos os anos aqui vinha fazer uma romaria, no mês de Agosto. Em 1871, Bento Alves de Moura Coelho, requereu e obteve licença para a edificação de uma nova Capela, visto como a antiga se achava completamente arruinada.

Por lei provincial n. 37 de 29 de Março de 1876, foi elevada à freguezia, sendo canonicamente instituída por provisão do Vigário Geral, datada de 16 de Agosto do mesmo ano (vide pág. n.º 1).

A nova Freguezia de Santo Antonio da Cachoeira teve por vigário o Padre Antonio Caetano Ribeiro.

Pelo Livro de Batismos do Arquivo de nossa Igreja Matriz, sabe-se que o primeiro batizado que se efetuou nesta Paróquia foi de Quirino, filho de João Rufino e Firmina Maria da Glória, em 27 de Agosto de 1876, pelo vigário Padre Antonio Caetano Ribeiro.

O primeiro casamento foi de Justiniano José da Silva com D. Marciana Plácida Freire. Realizou-se nesta Matriz no dia 31 de Dezembro de 1876.

— Vigários —

Os vigários desta Paróquia desde a sua instituição canônica foram: 1876 a 1887 - Padre Antonio Caetano Ribeiro.

1887 a 1888 - Vigários interinos, Padres: Antonio Claro Monteiro, Francisco Petraglia e José Marcondes Homem de Mello.

1888 a 1889 - Padre Evaristo Paula Moraes.

1889 a 1890 - Padre João Macario Monteiro.

O Padre João Macario fez parte do primeiro Conselho de Intendência republicana desta cidade.

1890 a 1892 - Padre Miguel Marcondes do Amaral. Em 16 de Fevereiro de 1892, foi encarregado pelo Sr. Bispo Diocesano para administrar provisoriamente esta paróquia então anexada à Vila de Cruzeiro - o Padre Saint-Clair Monteiro de Barros (1892-1893).

1893 a 1894 - Padre Antonio Olyntho Batista Pinto.

1894 a 1898 - Padre Francisco Filippo. O Padre Filippo prestou o maior serviço que se pode prestar a uma paróquia. Foi sob a ação do seu trabalho que se construiu a Igreja Matriz desta cidade. Por isso o povo de Cachoeira gravou numa lápide comemorativa a palavra gratidão junto ao nome de S. Revma.

1898 - Padre Antonio Rubínio e Padre Dr. Félix Brand.

1898 a 1901 - Padre Antonio Ronsini.

1901 a 1904 - Padre Mariano Patella, que fundou o Apostolado da Oração e mandou construir todos os altares da Igreja Matriz, exceto o Altar-mór, Coração de Jesus e Santa Terezinha.

Com esses dois serviços de grande importância, o primeiro de ordem espiritual e o segundo de ordem material, tornou-se o Padre Mariano credor da gratidão dos Católicos cachoeirenses.

1904 a 1905 - Padre Canuto do Amaral.

1905 a 1907 - Padre Agostinho Felizzola.

1907 - Vigários substitutos - Padre João Crippa (Salesiano) Padre Mariano Patella, Padre Carlos Zanotelli e Padre Philippe Alonso.

1908 - Padre Lourenço M. Liebana.

1908 a 1911 - Padre Nicolau Scurachio.

1911 a 1913 - Padre José Maria Brandi, que fundou a Conferência de S. Vicente de Paula.

1913 a 1916 - Padre Angelo Pascual Benito, que fundou a Pia União das Filhas de Maria e a Associação das Damas de Caridade.

De Novembro de 1916 até 11 de Fevereiro de 1917 - Padre José Maria Brandi. Foi fundada por este virtuoso sacerdote a Irmandade do Santíssimo Sacramento.

Desde Fevereiro de 1917 a Julho de 1939 - Padre José Soares Machado (sobre cuja vida e trabalhos escrevemos um livro a ser publicado).

Desde Outubro de 1939 a janeiro de 1942 - Padre José Francisco Von Atinzgem (Padre Juca).

Desde Fevereiro de 1942 a Fevereiro de 1944 - Padre Reynaldo Brito.

Desde Julho de 1942 a Julho de 1944 - Mons. Dagoberto Palmeiro de Azevedo.

Desde Fevereiro de 1944 a Setembro de 1944 - Padre Oto Aman.

Desde Setembro de 1944 a Setembro de 1945 - Padre Antonio Getzen.

Desde Setembro de 1945 a 1946 - Padre Natal de Rosas.

Desde 1946 a 1962 - Mons. Dagoberto Palmeiro de Azevedo, a quem se deve a construção do grande templo - a Igreja de São Sebastião.

Desde Fevereiro de 1962 - Cônego José Nunes Cardoso - é o atual vigário.

Vigários substitutos - Padre José Benedito Alvarenga, Padre Anibal de Melo, Padre Pedro Versmissen e Padre João Lúcio Leite.

— Papas —

Desde a emancipação canônica de Cachoeira (em 16-8-76), até nossos dias, sucederam-se no trono de São Pedro os seguintes pontífices:

Pio IX - João Maria Mastai Ferretti	1846-1878
Leão XIII - Joaquim Pecci	1878-1903
Pio X - José Sarto	1903-1914
Benedito XV - Jacome della Chiesa	1914-1922
Pio XI - Aquiles Rati	1922-1939
Pio XII - Eugênio Pacelli	1939-1958
João XXIII - Angelo José Roncalli	1958-1962
Paulo VI - João Batista Montini	1963-

— Bispos —

Dentro desse mesmo ciclo de tempo foram bispos e arcebispos de São Paulo, Taubaté e Lorena.

D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho	1873-1894
D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti	1894-1897
D. Antonio Cândido de Alvarenga	1898-1903
D. José de Camargo Barros	1904-1906
D. Duarte Leopoldo e Silva	1907-1938

D. Epaminondas Nunes de Ávila e Silva - bispo de Taubaté 1909 a 1935, que teve a substituí-lo D. André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti.

Diocese de Lorena

Data da sua criação — 31 de Julho de 1937

Designado para Administrador Apostólico, D. André, Bispo de Taubaté, tomou posse no dia 3 de Dezembro de 1937.

Prelados nomeados para a Diocese de Lorena e datas de posse:

D. Francisco Borja do Amaral - 23 de Março de 1941

D. Luiz Gonzaga Peluso 6 de Outubro de 1946

D. José Melhado de Campos 18 de Setembro de 1960

D. Cândido Padim 6 de Março de 1966

No interregno, até que se verifique a nomeação do novo Bispo, assumiu a direção da Diocese de Lorena, como seu Administrador Apostólico, Sua Eminência, o Sr. cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, cuja posse se verificou no dia 4 de Agosto de 1970. Nesse mesmo dia foi elevado à dignidade de Vigário Geral da Diocese; Monsenhor João Hipólito de Moraes.

Dois parocos de Cachoeira foram agraciados com o título de Prelado Doméstico de Sua Santidade, o Papa - Monsenhor José Soares Machado e Monsenhor Dagoberto Palmeiro de Azevedo.

Já estavam escritos estas linhas quando os jornais publicaram a nomeação de D. Antonio Afonso de Miranda, para bispo da Diocese de Lorena.

Capítulo V

Sumário — Arquidiocese e Bispados

Sendo a paróquia de Cachoeira Paulista desde 1876, oficialmente, parte integrante da Igreja Universal, vai aqui um pequeno relato histórico, completando o anterior até nossos dias:

«Desde a sua criação, a Diocese de São Paulo esteve sujeita à jurisdição do Arcebispado de São Salvador, passando a 27 de Abril de 1892, a pertencer à jurisdição do Rio de Janeiro pela Bula «Ad Universas Orbis Ecclesias» - que dividiu o território do Brasil em duas províncias eclesásticas - uma do Norte, outra do Sul. Finalmente, elevada à categoria de arquidioceses, por decreto do Papa Pio X, de 7 de Junho de 1908 e criadas em seu território as Dioceses de Taubaté»...

Capítulo VI

Sumário: — Diocese de Lorena

(Da «A Voz» n.º 62 de 22 de maio de 1938)

«Pela Bula «*Christianae Plebis*», de Sua Santidade Pio XI, datada de Castel Gandolfo, 31 de Julho de 1937, foi criada a Diocese de Lorena, à qual ficou pertencendo a Paróquia de Cachoeira.

A execução da Bula realizou-se no dia 26 de Dezembro do mesmo ano, no Consistório da nova Catedral de Lorena, estando presentes o Exmo. e Revmo. Sr. Dom André Albuquerque Cavalcanti, Bispo de Taubaté, e, Administrador Apostólico da nova Diocese, quase todos os Vigários da Diocese, Diretor do Ginásio «São Joaquim» e várias pessoas de Lorena e outras cidades.

Segue a tradução, em português, da Bula «*Christianae Plebis*»: -

Pio Bispo Servo dos Servos de Deus.

Para Perpétua Memória.

Para tornar mais fácil e eficaz o governo do povo cristão parece sem dúvida, muito útil, dividir em partes, aquelas Dioceses que têm território muito extenso e grande cópia de fiéis, e constituir outras Dioceses, confiadas aos cuidados e governo de outros Bispos.

Como isso se dá na Diocese de Taubaté criada pelo nosso Predecessor, de Santa Memória o Papa Pio X, no ano de 1908, pediu-se, com isistência à Sé Apostólica, para que ela fôsse dividida em duas partes e se criasse outra Diocese.

Pelo que Nós, conhecendo perfeitamente, que isto redundaria em proveito das almas, depois de têmos ouvido o parecer de nosso Venerável Irmão Bento Aloisi Masella, Arcebispo Titular de Cesaréa na Mauritânia, e, Núncio Apostólico, junto à República do Brasil, e o do nosso Venerável Irmão André Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, Bispo da Igreja de Taubaté, e consultado os nossos Veneráveis Irmãos os cardeais da Santa Igreja Romana, que estão à testa da Sagrada Congregação Consistorial, considerando tudo maduramente, resolvemos proceder à proposta desmembração e ereção da nova Diocese.

Acrescentando, finalmente, enquanto necessário, o acôrdo daquele a quem êste fato podia interessar, separamos a parte do território da Diocese de Taubaté, que abrange as seguintes paróquias: Lorena, Areias, Bananal, Cachoeira, Campos Novos de Cunha, Cunha, Cruzeiro, Embaú, Pinheiros, Piquê, Queluz, São José do Barreiro e Silveiras.

Erigimos e constituímos o território destas Paróquias em nova Diocese e queremos e mandamos que se chame «Lorenense» nome tirado da cidade de Lorena, na qual estabelecemos a Séde Episcopal.

Elevamos a cidade de Lorena à dignidade de Cidade Episcopal e lhe damos todos os direitos e privilégios de que gozam, por direito, comum às demais cidades e sédes episcopais.

Estabelecemos a cadeira do Bispo na Igreja Paroquial da mesma cidade, consagrada a Deus em honra de Nossa Senhora da Piedade e por isto a elevamos ao gráu e dignidade de Catedral e lhe concedemos aos seus Bispos «pró tempore» todos os direitos, honras, insígnias, favores, graças e privilégios de que gozam e possuem por direito comum, as demais Igrejas Catedrais do mundo e os seus Pastores; impomos-lhes todos os encargos e obrigações a que são obrigados estas Igrejas e seus Bispos.

Constituímos a nova Diocese Lorenense sufragânea da metrópolita Igreja de São Paulo do Brasil, e sujeitamos os seus Bispos «Pró tempore» à jurisdição do Arcebispo Metropolitano de São Paulo.

Constituirão a Mesa Episcopal: os emolumentos da Cúria e as restantes ofertas que os fiéis em cujo benefício a Diocese foi erigida, costumam oferecer, além dos bens que para este fim foram angariados.

Como as atuais circunstâncias, não permitem constituir nesta nova Diocese, o Cabido dos Cônegos, concedemos que sejam eleitos para substituí-los, de acôrdo com as normas do direito Canônico, consultores diocesanos.

Mandamos, além disso, quanto antes, se funde ao menos o Seminário Menor, de acôrdo com as prescrições do Código do Direito Canônico, e, as normas dadas pela Sagrada Congregação dos Seminários e Universidade dos Estudos; e também que a nova Diocese, com as suas rendas mande, sem interrupção, dois jovens ou ao menos um, para o Pontifício Seminário Brasileiro em Roma, para que sob os olhares do Pontífice Romano, sejam instruídos para esperança da Igreja.

Quanto ao que diz respeito ao govêrno e à administração da Diocese, a eleição do Vigário Capitular, Séde Vacante, aos demais direitos e obrigações dos clérigos e fiéis, mandamos que se observe à risca, o que prescrevem os sagrados cânones.

Quanto ao que diz respeito especialmente ao Clero, depois da execução da ereção da nova Diocese, os Clérigos que estiverem no território da mesma, considerem-se incardinados na Diocese.

Queremos mais, que todos os documentos e atos que se referem à Diocese de Lorena, aos clérigos e fiéis, sejam, quanto antes, transferidos da Chancelaria da Diocese de Taubaté, para a Cúria Episcopal da nova Diocese e cuidadosamente conservados no próprio arquivo.

Para executar tudo quanto acima se dispôs e se constitui, delegamos poderes ao nosso Venerável Irmão já acima mencionado, Bento Aloisi Maselia, Nosso Núncio, junto à República do Brasil e lhe conferimos também as necessárias e oportunas faculdades de sub legar para

o mesmo efeito em quem quer que esteja em dignidade eclesiástica constituindo, e lhe impomos a obrigação de enviar dentro de seis meses a contar do dia em que foram dadas estas Lêtras, à Sagrada Congregação Consistorial, um autêntico exemplar da ordenada execução.

Que as presentes Lêtras e tudo quanto nelas se contém, em tempo algum possam ser acoimadas de defeito, impugnação - impugnadas ou postas em dúvida por fraude ou dolo, vício de nulidade ou intenção nossa, ou qualquer outro mesmo substancial ou inconcebido; mas que elas feitas e emanadas de ciência certa e a plenitude do poder existam e sejam tidas perpétuamente como válidas e possam produzir efeitos plenos e integrais e serem inviolavelmente observadas por todos os seus aos quais dizem respeito, e se ao contrário acontecer que alguém, seja qual fôr a sua autoridade clientemente ou por ignorância, atentar contra elas queremos e declaramos que tudo quanto fizerem será nulo e sem valor.

Estabelecemos finalmente, que as traduções ou impressos destas Lêtras, subscriptas por notário público e munidas com o sêlo de alguém que esteja constituído em dignidade ou ofício eclesiástico, se deve dar a mesma fé que se daria se estas mesmas Lêtras fôsem apresentadas e mostradas.

E isto enquanto fôr mister, não obstante as regras dos Sínodos e Concílios Provinciais, Gerais e Universais, Constituições especiais ou gerais, Ordenações Apostólicas e quaisquer outras disposições dos Romanos Pontífices, Nossos predecessores e quaisquer outras ainda que dignas de menção.

A ninguém seja lícito opôr-se ou contrariar-se êste documento de desmembração, ereção, constituição, concessão, estatuto, derrogação e mandamento da Nossa vontade.

Se alguém, temerariamente, pretender atentar contra êste documento saiba que incorre na indignação de Deus Onipotente e dos Bem-aventurados Apóstolos Pedro e Paulo.

Dado em Castel Gandoi pho, no dia 31 do mês de Julho do ano de 1.937, Décimo sexto do Nosso Pontificado. G.S.I.

E. Card: Pacelli

a Secretis Status

p.R.A. Card. Rossi

S. Cong. Consistor a Secreta. Joseph Wilpert dec.

— prot. ap.

Alfonsus Carini Prot. Ap. Georgius Stara Ied. de Cancellariae
Applicae, Adiutor Studue.

Expedida

No dia 27 de Agosto

— 16.º ano —

Pro Plumbatore

Angelus Pericoli

Dominicus Francini,

Script Aplicus Reg. in Ap. Volume LVII n. 65

Aloisius Trussardi.

Capítulo VII

Sumário: — Um sorriso no austero setor religioso

Parece fadário e dos melhores, a incumbência a nós atribuída pelas autoridades da Diocese.

Bispo de Taubaté, D. André Arcoverde, tornou-se também chefe interino da Diocese de Lorena, (Visitador Apostólico) quando da sua criação. A nós nos coube saudá-lo, quando visitou esta cidade.

Nomeado D. Francisco Borja do Amaral, primeiro Bispo desta Diocese, chegou a Lorena precedido de grande séquito, do qual fazia parte o Dr. Moura Rezende, secretário da Justiça, representando o Sr. Ademar de Barros, Interventor Federal.

Pela 2.ª vez, designado, falamos da porta da catedral, em nome das cidades, de Bananal a Lorena.

Transferido para Taubaté, D. Francisco, foi nomeado para substituí-lo, D. Luiz Gonzaga Peluso, cujo cerimonial da chegada, se vestiu da mesma pompa, tributada a seu antecessor.

Pela 3.ª vez comparecemos para o ritual da tradição, saudando e homenageando o novo antistite.

Retirando-se, D. Luiz, para Cachoeiro do Itapemirim, teve a sucedê-lo D. José Melhado Campos.

Pela 4.ª vez, no cumprimento de tradicional missão, eis-nos na escadaria da catedral, bracejando e repetindo aquelas palavras que partiram dos lábios das multidões de Israel que vinham dos confins do reino: Bendito Aquele que vem em nome do Senhor.

D. Melhado é transferido para Sorocaba e nomeado D. Cândido Padim, Bispo de Lorena.

Pela 5.ª vez, em nome dos diocesanos, nós nos postamos no portal da Catedral, frente a grande multidão para saudar o novo bispo.

Chovia a cântaro, mas ninguém arredou pé.

Como se vê — S. Exas. os Srs. Bispos de Lorena, vão mudando, mas nós, como somos previnidos, já estamos com o nosso discurso engatilhado.

D. Francisco Borja do Amaral, Bispo de Taubaté, estava de partida para Roma, a fim de participar do Concílio Vaticano II.

Um telefonema:

— Quem fala aqui é o Cônego Evaristo, de Taubaté. Quero que venha dizer palavras de despedida, em homenagem ao Senhor Bispo, que vai viajar para Roma.

— Embora Taubaté seja terra de grandes oradores, aí estarei — por serdes vós quem sois. . .

Procissões, irmandades, bandeiras, bandas de música, homenagem, clero, autoridades, povo.

. ontem «(1941)
eu dizia em Lorena: Bendito Aquele que vem em nome do Senhor.
Agora, em Taubaté, acrescento — Bendito Aquele que vai em nome do Senhor».

No palácio do Sr. Cardeal D. Carlos Carmelo, em Aparecida.

Monsenhor Bindão — vigário de Guaratinguetá diz:

— Sr. Cardeal — aqui o comendador Benedito Rodrigues Alves e o Sr. A. R. ambos de Cachoeira Paulista.

— Muito bem, Assentem-se.

— Vossa Eminência aqui destas alturas, sente o imenso Vale, o panorama das serras, o rio e . . . a capital da fé.

.
— Eminência — Vou percorrer o vale do Paraíba de Bananal a Jacareí, colhendo assinaturas para homenagear D. Antonio de Almeida Moraes Júnior, Arcebispo de Niterói, quando da sua posse no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. A assinatura de V. E. em primeiro lugar, certo que agradará o homenageado e, a mim, me confere altas credenciais.

— Oh! pois não, sou muito amigo de D. Antonio . . .

— Sr. Cardeal — foi com prazer que lemos seus pronunciamentos sobre a Amazônia e sua bela oração sobre Brasília. (3-5-57) V. E. discorreu com perfeito conhecimento de causa sobre aquela região.

.

— O Sr. Cardeal nos permite uma rápida recordação?

— Pois, não.

— V. E. era arcebispo de São Paulo, quando aí se verificou uma espécie de congresso dos mais renomados artistas do mundo, masculinos e femininos. Dentre essas artistas, uma católica e que havia sido religiosa, foi recebida por V. E. No transcurso da conversa V. E. perguntou à atriz qual o filme de sua predileção. Ela, para lhe ser agradável, respondeu: «Chanson de Bernadete». E imediatamente disse:

— E V. E. qual o filme que mais o agrada?

— Ainda não escolhi — respondeu V. E. com tanta presença de espírito.

Foi uma audiência de muito encanto. S. E. é sócio do Instituto Histórico. Saimos com a impressão de que o Sr. Cardeal até hoje não escolheu mesmo filme algum.

Conquanto, «por dever de ofício» eu mantenha as melhores relações com S. S. E. E. os Srs. Bispos que passaram por Lorena, seja-me permitido uma referência a D. Luiz Gonzaga Peluzzo.

Todos os nossos prelados (e aí estão) são da mais alta capacidade. A ocasião não é oportuna para lhes traçar os perfis.

D. Luiz é de uma penetração tremenda. Parece que lê as almas por dentro, à primeira vista. Eu bem que percebia essa faculdade parapsicológica de S. Exa.

Certa vez, dedicou-me um soneto — «No Prebistério». Que jóia! Harmonia perfeita de métrica, de rima e sentimento.

Tratei de, por logo, em movimento minha pobre musa e enderecei-lhe: «Fora do Presbitério».

.

— Você vai dizer me, como pode ser isso: escreve para o jornal da terra seguidamente o artigo de fundo, noticia o nascimento, o batizado, o aniversário, o casamento e traça o necrológio. Faz crítica disto e daquilo e fala em toda a parte . . .

— É, D. Luiz — aqui pelo interior nós exercemos uma clínica geral. Tanto curamos um amarelão como encanamos uma perna quebrada.

E, assim, o ilustre Sr. Bispo de Lorena — cada vez que me encontrava, perguntava: como vai sua clínica geral.

— Acontece, porém, que à vêzes, quando encano uma perna, tibia e perônio não ficam bem acoplados, com pontinha saliente.

— E daí ? !

— Manqueira.

D. Antonio de Almeida Moraes Júnior, há mais de quarenta anos, iniciou seu munus sacerdotal nesta região. Fôra ordenado por D. Epaminondas, o santo bispo de Taubaté.

De tal modo atingiu as culminâncias da oratória que passou a fazer parte da família de Lacordaire, Bossuet, Alves Mendes.

Seu nome num programa, valia por uma convocação e os templos de todo o Vale se superlotavam e a assistência bebia atenta a palavra do moço levita.

Depois, vigário de Guaratinguetá, Bispo de Montes Claros, Arcebispo de Recife e, atualmente, arcebispo de Niterói.

Honrado com sua amizade há mais de quarenta anos, era natural que, diligenciasse, seu ingresso no Instituto Histórico de São Paulo.

E foi feita uma peregrinação pelo Vale do Paraíba, de Bananal a Jacareí. E a lembrança aflorava. Autoridades e párocos lançaram seus nomes no documento. Entre esses o Sr. Cardeal e os Srs. Bispos de Lorena e Taubaté.

Dentre os dez nomes constantes da proposta de ingresso de S. E. no sodalício, figuravam os de três de seus velhos amigos: Plínio Salgado, Ataliba Nogueira e Cunha Bueno.

Finalmente, 6 de julho de 1968. O auditório do Instituto é vestido com a indumentária intelectual dos maiores de São Paulo. D. Agnelo está presente.

Tem a palavra D. Moraes. Faz o panegirico de D. Epaminondas, seu patrono. Quem falaria melhor sobre o grande filho do Cerro. Ninguém. Dado a um mal entendido, ou seja um desajuste de horário, Plínio Salgado incumbido de pronunciar a oração saudando o homenageado; só chegou ao auditório quando D. Moraes falava.

Finalmente, com a palavra o grande doutrinador.

— Dado o adiantamento da hora, vou resumir e muito o que havia pensado . . .

E faz ligeiras referências ao Vale do Paraíba, invade o Piraquama, a serra, São Bento . . .

— D. Moraes foi meu aluno . . . É para mim um dos maiores, senão, o maior filósofo do Brasil atual : . .

Depois, Santo Deus, Plínio penetra na magnífica seara das suas idéias.

Bem hajam os fados que impediram Plínio de não pronunciar o discurso que havia esquematizado.

Seu improviso conferiu-lhe mais uma vez os fóros de iluminado. Lembro-me, quando, sarcasticamente, pronunciou e comentou a palavra «conscientização».

Um aparte:

— Meu caro e eminente Chefe, deputado Plínio Salgado. Não me cabe culpa pelo desajuste da hora, mas aceito com prazer o ter V. E. descarregado sobre mim seu «arcabuz guerreiro».

Eis-nos, enfim, em Bragança, designado para assistir a sagração de D. Luiz Gonzaga Peluso — como bispo de Lorena.

A catedral bragantina ostentava a pompa de seus grandes dias. Vários prelados. D. Paulo de Tarso, bispo de Campinas, D. D. Elboux de Ribeirão Preto. D. Aguirre presidia a solenidade.

Um sacerdote, moço, muito simpático, se interessava pelo cerimonial, a tudo observando e, mesmo participando.

— Ah! aquele é o nosso futuro D. Antonio de Siqueira Alves.

— D. Paulo: ontem em Bragança e, agora, em Campinas no palácio de V. Exa; muito honrado com seu convite...

— Vamos jantar. O Sr. foi designado pela Diocese de Lorena para proferir uma palestra pela rádio desta cidade. Qual o tema?

— «A Eucaristia e a família».

— De que cidade o Sr. é.

— Sou natural de Bananal.

— Lá tenho um colega, mas sobretudo, um amigo que muito admiro — o padre Custódio Bernardo.

Conversar com D. Paulo de Tarso, o futuro magnífico Reitor da Pontificia, é sentir-se feliz. Não só o timbre de voz, a loquacidade, a justeza de conceitos, como a cultura invulgar de grande humanista.

— Está chegando sua hora. Vou mandar levá-lo a rádio e daqui, ouvi-lo.

— Grato, Exa.

A impressão que tive é a de que D. Paulo manteve o rádio desligado.

— Meu prezado amigo Monsenhor Armando Lacerda - o padre Emilio Silva, seu colega da Arquidiocese do Rio de Janeiro, levou os volumes de D. Tiago Sinibaldi que padre Juca, lhos deu. Era meu plano «raptar» essa obra que reflete o pensamento de Santo Tomaz.

— Meu caro A. eu vou dar um jeito.

Decorrido algum tempo, Mons. Lacerda...

— Junto vão os volumes do Sinibaldi. Tomei-os emprestado do Padre Lúcio, de Queluz - sine die e a voce os empresto per omnia secula...

Em envelope fechado, sem assinatura, mandei ao padre Lúcio um «relato» constante dos volumes; anotações, datas, lembranças do Seminário, santinhos...

Suponho que o virtuoso sacerdote ao ler o «lembrete» teria murmurado: lo no creo en las brujas... pero que las hay... las hay.

Capítulo VIII

Sumário: — Patrimônio da Paróquia e Capela

- a) Matriz de Cachoeira Paulista;
- b) Capela da Margem Esquerda;
- c) Matriz do Embaú;
- d) Matriz do Jataí;
- e) Capela da Santa Cabeça;
- f) Patrimônio de Santo Antonio - perímetro urbano - área edificada.

a) Matriz de Cachoeira Paulista

Certidão referente aos terrenos pertencentes ao patrimônio de Santo Antonio - requerida pelo respectivo fabricante capitão Balduino Salustiano de Miranda.

(Cópia) que consta no Livro do Tombo da Matriz feita por Padre José Soares Machado.

«Registro facultativo dos terrenos de domínio, dele a folhas UM, sob o n.º UM, consta o seguinte registro. Data dez de Abril de mil novecentos e dois. Nome e domicílio do registrante. Pedro Rodrigues Theodoro, fabricante da Igreja Matriz de Santo Antonio da Cachoeira e da Capela filial, do Senhor Bom Jesus da Cachoeira e Padre Mariano Patella, Vigário da Paróquia do mesmo nome, residente na cidade de Bocaina. Denominação do imóvel se a tiver. Não tem. Compõe-se de terrenos foreiros. Bairro e distrito de Paz da situação do imóvel: Margem direita da cidade de Bocaina e primeiro distrito de Paz, da mesma cidade. Área, característica, confrontações, benfeitorias, número aproximado de hectares de terras cultivadas ou incultas, espécie de cultura e quaisquer indicações para o reconhecimento do imóvel. A área constituída pelos referidos terrenos está compreendida dentro dos seguintes limites: conforme demarcação judicial procedida no ano de mil oitocentos e setenta e cinco.

Partindo de um terreno de setenta e quatro metros existente entre os córregos denominados «Silva» e «Cachoeirinha» onde a pouca distância do barranco do Paraíba foi encravado um marco de pedra, com duas testemunhas, também de pedra, dos lados e daí tirada uma linha reta do centro do córrego «Silva» no lugar onde este faz um ângulo e mesmo no vértice deste, ficam para um lado terrenos que na época da demarcação pertenciam à confinante Dona Anna Freire, e hoje pertencem a diversos; do marco acima referido, seguindo a linha, na direção do ângulo do mencionado córrego, no ponto em que se completaram trinta e um metros, ficou encravada uma pedra como espiã

da linha; dessa pedra seguiu a linha do ângulo do dito córrego, onde se preencheu o número de cento e sessenta e oito metros, que com aqueles trinta e nove fazem duzentos e sete, contados do marco, ponto de partida; do ângulo do córrego, seguiu a medição córrego acima divisando com José Pereira Rozeira, até o número de cento e quarenta e oito metros, daí seguindo pelo mesmo córrego passam a dividir com Antonio Pereira Gonçalves em número de quarenta e três metros e quarenta e três centímetros, seguindo o córrego atravessam a rua e encontram no muro de Francisco José Vieira, com treze metros e cinquenta centímetros, daí seguindo a medição pelo mesmo muro e casa do dito Vieira em direção à estrada velha de Queluz à beira da mesma e junto do começo do valo do mesmo Vieira, com quarenta metros, preenchendo duzentos e quarenta e cinco metros medidos do primeiro marco, em cujo lugar ficou encravado o segundo marco. Daí seguiu a medição pelo valo que divide as terras do mencionado Vieira, subiu ao morro, foi ao alto deste e desceu à ponta do valo velho, onde termina o mesmo valo, preenchendo ali o número de duzentos e noventa e cinco metros, sendo no barranco encravado o terceiro marco. Deste terceiro marco seguiu a medição descendo em linha reta à vertente do córrego, dividindo com o Doutor Bennaton, no começo da grotta e vertente, digo no começo da grotta com cento e sessenta metros do começo e da grotta vertente, da qual seguiu a medição vindo em linha reta até vinte metros distante da linha férrea com duzentos metros, perfazendo trezentos e sessenta metros, em cujo lugar foi encravado o quarto marco. Deste quarto marco seguiu a medição atravessou a mesma linha férrea e foi ao barranco do rio com cinquenta e sete metros, onde findou a divisa com o Doutor Benaton, e ficou encravado o quinto e último marco.

Seguindo a medição do quinto e último marco pela beira do rio Paraíba acima até o primeiro marco, ponto de partida, ali preencheu o número de quinhentos e três metros, que ficou sendo testada do terreno do patrimônio, tendo todo o patrimônio de circunferências, um quilometro e seiscentos e sessenta e sete metros, ficando em toda a extensão do primeiro ao último marco uma estaca de madeira branca, de vinte em vinte metros. Bocaina, dez de Abril de mil novecentos e dois.

O official Antonio Procópio Rodrigues Neves. Títulos ou documentos exhibidos: Livros paroquiais e Livro do Tombo, dos quais conta há quarenta e oito anos, mais ou menos, o domínio e posse da Igreja de Santo Antonio da Bocaina sobre os aludidos terrenos reconhecido esse domínio e posse por sentença do poder Judiciário no Regimen anterior.

Justificação e demarcação Judicial procedida e homologada por sentença que transitou em Julgado no mês de Julho de mil oitocentos e setenta e cinco. Valor presumivel do imóvel: Três contos de réis. Rios, ribeirões ou estradas que atravessam ou limitem o imóvel, os já mencionados na demarcação Judicial acima reproduzida. Averbação e referências: Não tem. Era o que se continha no referido livro, ao qual

me reporto em meu poder e cartório; e dou fé. Eu, Raul Garcia, Escrivão do Jury a transcrevi, conferi e assino, nesta cidade de Bocaina aos vinte e cinco de maio de mil novecentos e treze. Raul Garcia...

b) Capela da Margem Esquerda

Certidão referente aos terrenos do patrimônio do senhor Bom Jesus de Cachoeira:

(Cópia) Certidão: Raul Garcia, Serventuário vitalício do ofício do registro geral de hipotecas com os anexos dos protestos de letras e títulos de escritão do Juri e execuções criminais, de partidos e de ofício do registro especial de títulos, documentos e mais papéis desta comarca de Bocaina, na forma da lei, etc.

Certifico a requerimento verbal que, revendo em meu cartório, no Livro de registro facultativo das terras e domínio, dele a folhas três e quatro, sob o número dois de ordem consta o registro do teor seguinte: Data: Dez de Abril de mil novecentos e dois. Nome e domicílio do registrante: Pedro Rodrigues Theodoro e Padre Mariano Patella, Fabriqueiro e Pároco da Igreja Matriz e da Capela filial do Senhor Bom Jesus de Cachoeira aqui residentes. Títulos ou documentos exibidos: Livro do Tombo e mais livros da Capela dos quais consta o domínio e posse da Capela do Senhor Bom Jesus da Cachoeira, sobre o imóvel de que se trata, o qual acerca de cento e trinta anos constitui patrimônio do mesmo Senhor Bom Jesus, tudo reconhecido e confirmado por divisões e sentenças do Juízo da Provedoria e Juízo de Direito da Comarca de Lorena. Valor presumível do imóvel cinco contos de réis.

Rios, Ribeirões ou Estradas que atravessam ou limitam o imóvel: o Rio Paraíba como limite, ponto de partida, córrego do Castilho, estrada do Embaú. Averbacões e referências: não há. Denominação do imóvel se a tiver: não tem - compõe-se de terrenos foreiros. Bairro e distrito de paz da situação do imóvel: uma parte do imóvel está situada à margem esquerda desta cidade de Bocaina e no seu primeiro distrito de Paz e a outra parte em seguimento está no município de Cruzeiro, distrito de Paz do Embaú. Área característica, confrontações, benfeitorias, número aproximado de hectares de terras cultivadas e incultas, espécie de cultura e qualquer indicação para o reconhecimento do imóvel: - o imóvel consta d'um terreno com duzentas braças de testada no local em que existia a antiga capela, partindo d'um marco encravado pouco distante do barranco do rio Paraíba, o que deve existir no quintal da casa de João Gomes Duarte e de meia légua de fundo. Os limites com a fazenda denominada «Cachoeira», outrora pertencente ao Doutor Costa Júnior e hoje ao Major Carlos Pinto, o qual é o principal confrontante do imóvel. Constam do seguinte terreno de demarcação existente nos autos da respectiva demarcação, digo respectiva ação

requerida em agosto de mil oitocentos e setenta e nove pelo Doutor Costa Júnior. - No mesmo dia, mês e ano retro dirigiu-se o agrimensor e balisa ao barranco do rio Paraíba, nas divisões das terras do patrimônio do Senhor Bom Jesus de Cachoeira e das dos outros e ali reconheceram a existência de um marco de graúna, pouco distante do barranco do mesmo Rio, onde também se achava o Protector Bento Alves de Moura Coelho, nesse marco assentou o pilôto a agulha e seguiu o rumo do sertão sob o gráu quarenta, sempre por campos até a beira do Mato Virgem. Junto ao córrego conhecido pelo nome de córrego do Castilho, onde faz meia légua do ponto de partida terminam as terras do patrimônio sendo aí por ordem do Juiz e vontade das partes encravado um marco de graúna com duas testemunhas dos lados também da mesma madeira, o qual apregoado por mim Escrivão, em falta de porteiro, dou fé, não houve oposição alguma. E assim houve o Juiz por concluidos os trabalhos da presente medição e mandou lavrar este termo, que assina com as partes e empregados. Eu, João d'Oliveira Evara, escrivão o escrevi e assino. M. Cesar, Antonio José da Costa Júnior, Anna Ignácia de Macedo Costa, Bento Alves de Moura Coelho. A rogo do balisa Marco Gouvêa Lima, Antonio Nunes Moniz, Fernando Theodoro Corrêia. Bocaina, dez de maio de mil novecentos e dois. O oficial Antonio Procópio Rodrigues Neves. O referido é verdade e ao dito livro me reporto e dou fé. Bocaina, quatro de junho de 1.912.

O oficial - Raul Garcia».

c) Matriz do Embaú

«Fábrica da Matriz do Embahú

Aos catorze (14) de Outubro de mil novecentos e vinte e um (1.921), tomou posse da Paróquia do Embahú o atual Vigário, como Vigário Ecônomo, em substituição do Pe. Félix d'Angelo, que tinha sido nomeado Vigário de Redenção.

Pouco depois da posse, procurou o Vigário saber o estado em que se encontrava o Patrimônio da Fábrica.

Nessa ocasião foi informado que a Fábrica estava de posse, há mais de cem anos, de uma longa faixa de terra, conforme uma planta existente na casa do Sr. Fabriqueiro, Benedito de Godoi.

Não era, porém, conhecida a escritura da doação.

Apenas se sabia que a doação tinha sido feita em 1796, por João Ferreira da Encarnação.

A data da doação e o nome do doador constavam da mesma planta.

Devido à facilidade com que fazia qualquer transação em Cartório antes de 1.º de Maio de 1929, nem o Vigário, nem o Fabriqueiro se apressaram o procurar sanar essa falta.

Todavia, como o finado e saudoso Bispo de Taubaté Sr. D. Epaminondas, aconselhasse o seu Clero a pôr em ordem os Patrimônios da Igreja, onde houvesse alguma irregularidade, o Vigário, principiou a procurar nos Cartórios do Embahú, Cachoeira, Lorena, Guaratinguetá, consultou as Exmas. Curias de Taubaté e São Paulo e os Registros Paroquiais no Arquivo do Estado.

Todo êste trabalho foi perdido.

Não se encontrou um único vestígio da Escritura da Doação.

Nestas condições, uma só cousa restava a fazer: - bater às portas do Tribunal para pedir ao Juiz de Direito a homologação dos terrenos, que, há mais de um século, pertenciam, de fato, à Igreja.

Em nome da Fábrica do Embahú, em meados de 1933, o Dr. Câmara Leal, como advogado da mesma, pediu ao Juiz de Direito de então, Dr. Fontes de Rezende, para, depois de feitas as publicações do estilo, na Capital e na Comarca, conceder o título de domínio.

Dias depois da publicação no Diário Oficial, apareceu no Embahú um advogado da Procuradoria de Terras do Estado, declarando que, tratando-se de terras devolutas, o Estado, sendo parte interessada, chamava o Processo de Usocapião para a Capital.

Foi uma surpresa.

Sempre se pensou que o processo seria julgado no fóro do imóvel.

Esperava-se que o Juiz de Direito desatendesse a exigência da Procuradoria de Terras e julgasse a questão em Cachoeira.

Tal, porém, não aconteceu.

O Dr. Juiz de Direito julgou o Tribunal desta Comarca incompetente para tratar da questão.

A Fábrica, pelo seu advogado, apelou da sentença para o Tribunal de São Paulo.

Por dois votos contra um, o Tribunal da Capital confirmou a sentença do Juiz de Cachoeira.

Tendo já gasto bastante dinheiro sem vantagem alguma, a Fábrica, precisou de um pequeno descanso, para depois prosseguir.

Não faltou, porém, quem pensasse que o fato do Juiz de Direito ter-se julgado incompetente para resolver a questão, equivalia a Fábrica ter perdido o direito aos terrenos do Patrimônio.

Hermenêutica errada, mas cômoda para quem não tinha muita vontade de pagar.



Em 1.935, no final do ano, foi intentada a Ação de Justificação das terras da Fábrica do Embahú perante a Procuradoria de Terras, Rua do Barão de Paranapiacaba, 25 - 7.º andar.

Nesta ocasião, a questão tomou uma feição nova.

Fêz-se as publicações do estilo.

Passado algum tempo, veio da parte da Procuradoria de Terras, um Engenheiro para conhecer a extensão dos terrenos e avaliar as despesas da medição das mesmas.

Dizia o Engenheiro: Como o Governo do Estado é parte na questão, pagará a metade das despesas.

A avaliação, porém, foi tão bem feita que a parte da Fábrica dava bem para pagar tudo.

Avaliou todos os serviços da medição em 3.000\$000.

Rs. 1.500\$000 seriam pagos pelo Estado e outro tanto pela Fábrica.

Ora, com um conto e quinhentos mil réis já estava bem pago o Engenheiro pela medição, do terreno, que, afinal, já estava ótimamente medido na planta antiga.

O Dr. Aurélio, tal era o seu nome, precisa de ser sempre lembrado quando se falar em Patrimônio do Embahú.

Meses depois, bastante meses, veio ordem para se fazer a Justificação dos Terrenos.

Esta era a parte mais importante do processo.

Duas testemunhas, escolhidas entre as pessoas mais antigas do Embahú, deveriam depôr, perante a Procuradoria, que a Fábrica da Matriz, há mais de trinta anos, está de posse dos terrenos.

A prova foi feita, sendo testemunhas os Srs. Plácido Augusto da Fonseca e João Batista Vaz da Silva.

Feita a prova, a Procuradoria de Terras mandou meses depois, o Dr. Walther Jaesche para proceder à medição das terras patrimoniais do Embahú.

Chegado a Cachoeira, pôz-se o Dr. Walther em contato com o Vigário da Paróquia, a quem pediu informações sobre o serviço que vinha fazer.

Transportado ao Embahú foi apresentado ao Sr. Benedito de Godoi, Fabriqueiro.

Logo iniciou os seus trabalhos, que duraram cerca de um mês.

Uma vez apresentada a planta à Procuradoria, a Fábrica foi convidada a pagar Rs. 2.161\$600 réis.

Feito este pagamento foi passado o Título de Domínio, cuja cópia se pode ver noutro local.

Foi um processo demorado e trabalhoso.

Não fôra a boa vontade de assegurar à Fábrica do Embahú os terrenos que lhe pertenciam e não se teria conseguido chegar ao fim.

Graças a Deus, o Patrimônio está assegurado e a Igreja entrou na posse de direito d'aquilo que, há mais de um século lhe pertencia, sem que alguém tivesse contestado.

Entre os que trabalharam para se chegar a este bom êxito, merecem uma menção especial o Sr. Benedito de Godoi, Fabriqueiro da Matriz do Embahú.

«Procuradoria de Terras do Estado de São Paulo.

Planta dos terrenos justificados pela Fábrica da Matriz do Embahú - Município e Comarca de Cachoeira.

Área: - 437.255,00 m2. « 18,07 Alqueires.

d) Matriz do Jataí

Ano de 1.923

— (Escritura)

Aos 8 de Janeiro, no Cartório do 2.º Ofício, desta Comarca, foi lavrada a escritura da venda da fazenda que o falecido Padre João Graciano de Faria deixou, em testamento, á Matriz de Nossa Senhora da Piedade de Jatahy.

Esta fazenda foi vendida ao Sr. Pedro Alexandre de Souza pelo preço de oito contos de réis.

Assinou a escritura, como outorgante vendedor, o respectivo Fabriqueiro Capitão José Lopes d'Araújo, devidamente autorizado pelo Exmo. Revmo. Sr. Bispo Diocesano, em Alvará, que ficou copiado no Livro do Tombo da Matriz, fls. 24, como outorgante comprador o Sr. Pedro Alexandre de Souza.

Foi também assinada por mim, na qualidade de Vigário da Paróquia.

Padre José Soares Machado»...

e) Capela de Santa Cabeça

Doação d'uma casa e respectivo terreno a Santa Cabeça.

(Cópia feita por Padre José Soares Machado que procurou desde o início de seu Paroquiato, legalisar as doações e os bens pertencentes não só a Matriz e Capela do Senhor Bom Jesus, como também os das Capelas filiais a Matriz).

«Digo, eu Cândido Fidelis do Nascimento e minha mulher Jesuina Euphrásia do Nascimento, que entre os mais bens que possuímos e bem assim um terreno da casa coberta de palha com três portas e duas janelas com o competente terreno da mesma casa, que se acha entre dois marcos na estrada, no lugar denominado Alegre, cujo terreno é da estrada até o córrego, que passa por detraz das casas, cuja casa e terreno muito de nossas livres vontades damos a Nossa Senhora da Cabeça, cuja Santa se acha em poder de Marcelino Pereira de Lacerda, que reside na mesma casa, a qual damos no valor de cento e cinqenta mil réis, e desde já transferimos à Nossa Senhora toda a posse, jus, domínio e senhorio, que antes tínhamos na dita casa e terreno e nos obrigamos a fazer boa esta doação para nossos herdeiros, e por verdade, passamos o presente que vai assinado por mim e meu filho Francisco Salles do Nascimento, a rogo de minha mulher, pois ela não sabe escrever.

Alegre, 23 de julho de 1.861

Cândido Fidelis do Nascimento.

Francisco Salles do Nascimento

Hermenegildo d'Oliveira Pires, testemunha.

Eu que esta fiz e vi assinar Antonio José Bittencourt.

— Registrada no Registro Hipotecas na Comarca de Silveiras.

— Sob n.º 1.187 - Protocolo 1-B. - Silveiras, 18 d'Abril de 1.921. O oficial - Antonio Fogaça Júnior».

f) Patrimônio de Santo Antonio

perímetro urbano — área edificada

— Relatório e resumo.

Srs. Membros da Comissão de desaforamento dos terrenos pertencentes à Fábrica da Matriz de Santo Antonio.

Uma vez ventilada a idéia de se vender os terrenos do patrimônio da Fábrica da Matriz, àqueles que de posse dos mesmos e por títulos antigos, legalizados usufruem-nos, há muitos anos, eis que S. Exa. Revma. o Sr. Bispo Diocesano houve por bem nomear e provisionar uma Comissão para tratar desse assunto, cabendo a presidência dessa Comissão ao Revmo. Sr. Vigário da Paróquia.

Primeiro ventilou-se o levantamento cadastral, croquis e queijandas, sendo que tais trabalhos morosos e dispendiosos não dariam, a priori, o efeito desejado.

Assim o Sr. Presidente da Comissão, Revmo: Padre José Nunes Cardoso, houve por bem conferir ao signatário desta a atribuição de resolver o assunto e relatá-lo.

Incumbência de alta monta e mesmo porque demandaria verificação in loco e, posteriormente, critério na avaliação, eis que puzemos mãos à obra e caracterizamos imóvel por imóvel. Trabalhamos, individualmente, sem auxílio de um acompanhante, sequer.

Assim, depois de vários dias pudemos apresentar ao Comendador Benedicto Estanislau Rodrigues Alves, Membro da Comissão, o relato circunstanciado afim de que S.S. passasse o mesmo á máquina.

Para efeito de avaliação prevaleceu o critério do laudêmio (5%) e mais 1% para despesa num total de 6%.

O trabalho que ofereço é apenas o primeiro passo para a concretização do que se tem em vista e uma idéia sôbre o quantum do rendimento.

Penso que a norma a ser seguida deve ser:

- 1.0 — Verificação dos livros da Fábrica da Matriz.
- 2.0 — Caracterização da linha divisória dos terrenos pertencentes á Fábrica rebuscando, para tanto, os competentes arquivos.
- 3.0 — Procurar cada um de per si, todos os aforadores dos terrenos e lhes explicar as vantagens da medida.
- 4.0 — Uma vez aceito e tudo concertado sôbre o quantum da liberação esse interessado assinará um compromisso para o devido processamento em cartório pagando a 1.ª prestação como sinal e as outras três da quatro em quatro meses, ou seja um ano.
- 5.0 — A escritura final de liberação só será lavrada após o pagamento da última prestação, cabendo á Fábrica, a efetivação dessa medida sem onus para o interessado.

Como é bem de ver o signatário desta dá seu testemunho de que há boa vontade geral na efetivação dessa medida.

As avaliações, sujeitas ao veridicto da Comissão poderão ser majoradas.

Eis, pois, um trabalho inicial, apenas.

Deus guarde V.V.S.S.

Cachoeira Paulista, 1.º de Setembro de 1962.

Agostinho Vicente de Freitas Ramos.

Resumo

Rua	Avaliação	Renda
	Cr\$	6%
Santo Antonio	5 650.000,00	339.000,00
Praça Major Lombardi	1.750.000,00	99.000,00
Rua Prefeito Antonio Mendes	11.500.000,00	690.000,00
Praça Dr. Evangelista Rodrigues	800.000,00	48.000,00
Travessa Coronel Gonçalves	850.000,00	51.000,00
Rua Prudente de Moraes	1.100.000,00	66.000,00
Rua Marechal Deodoro	9.800.000,00	588.000,00
Praça Costa Júnior	200.000,00	12.000,00
Rua Pinto Fernandes	8.050.000,00	483.000,00
Rua Padre Filipo	4.200.000,00	252.000,00
Praça Monsenhor Machado	2.000.000,00	120.000,00
Rua 7 de Abril	4.700.000,00	282.000,00
Rua 13 de Maio	6.700.000,00	402.000,00
Travessa Gomes Xavier	1.500.000,00	90.000,00
Rua Coronel Vieira	2.550.000,00	153.000,00
Rua São Miguel	5.700.000,00	342.000,00
	67.050.000,00	4 017.000,00

Capítulo IX

Sumário: — Biografia do padre Antonio Caetano Ribeiro,
1.º Vigário de Cachoeira.

«Depois de 20 dias de dolorosos sofrimentos, confortado com os sacramentos da Igreja, faleceu nesta cidade as 7 e 1/2 horas da manhã, do dia 24 de Março, o Revmo. padre Antonio Caetano Ribeiro.

O padre Antonio Caetano Ribeiro nasceu na cidade de Ayuruoca, província de Minas Gerais aos 13 de Fevereiro de 1813. Era filho de Joaquim Mariano da Silva e de D. Jerônima Ribeiro da Conceição.

Dotado de inteligência robusta, que revelou desde os mais verdes annos, dedicou-se aos estudos com o maior interesse e solicitude e conseguiu, com grande satisfação de seus pais, receber ordens sacras

aos 25 annos de idade, e pouco depois foi nomeado vigário da parochia do Espirito Santo dos Conquibos, hoje cidade da Christina.

Alguns annos depois, e talvez por motivos politicos, retirou-se para a cidade de Itajubá que parochiou com a solicitude de um verdadeiro sacerdote e com geral approvação de todos os habitantes desse rico municipio

Passou-se depois, para a parochia de S. José do Paraíso e dali veio para esta villa, sendo nomeado vigário desde a sua elevação a freguezia por lei provincial de 29 de Março de 1876 até o dia 24 do próximo passado, em que voou á mansão dos justos.

Foi eleito deputado a assembléa provincial de Minas em quatro legislaturas consecutivas, desde 1852 até 1859, sendo em uma dellas eleito presidente. E tal era a influencia do padre Antonio Caetano Ribeiro que em umas dessas legislaturas foi eleito deputado por dois districtos e teve de optar por um delles.

Foi eleito vereador e presidente da câmara municipal de S. José do Paraíso.

Com a sua palavra fluente e autorisada fêz passar na assembléa vários projectos de lei em favor dos districtos que representava.

Por cartas imperiaes foi condecorado com os hábitos de Cristo e da Rosa.

Em 1865, por occasião da guerra que o Brazil sustentou com o Paraguay, fêz o padre Antonio vários donativos pecuniários para as despesas da guerra, que foram acceitos pelo então presidente de Minas o Dr. Pedro de Alcântara Cerqueira Leite.

Nesta villa, onde residiu por espaço de 13 annos foi o venerando sacerdote sempre considerado e respeitado por todos sem excepção de pessoa alguma, porque a todos elle sabia dispensar as attensões inherentes á sua cultivada intelligência, educação e fino trato.

Militando, desde a infância, nas fileiras do partido conservador, jamais aberrou de seus principios, e nesta villa foi um dos mais pres- timosos chefes desse partido.

O venerando sacerdote tinha amigos íntimos por toda a parte e em crescido número, e durante a sua enfermidade foi elle visitado por mais de oitocentas pessoas, que desta villa e de vários pontos corriam pressurosos a saberem do seu estado.

Ao baixar a sepultura o seu cadáver, o distincto advogado o Sr. Antonio José Vieira, fêz uma allocução sentimental ás virtudes do finado que commoveu a todas as pessoas presentes.

A força local postada à porta da igreja fêz ao illustre finado as honras devidas, dando três descargas de fuzilaria.

Eis em ligeiros traços a vida sem mácula do illustre sacerdote no longo período de 75 annos, e hoje que o perdemos para sempre, o que nos resta fazer?

Dizer-mos-lhe o último adeus, derramar-mos sobre a sua campa tristes lágrimas de saudade eterna e preferir esta verdade:

— Felizes os que nascem vivem e morrem como nasceu viveu e morreu o padre Antonio Caetano Ribeiro!

(Da «Gazeta da Bocaina» de 7 de Abril de 1888).

Nota - Na página 13, deste volume, deve-se ler 24 de Março e não 24 de Janeiro, como está publicado.

Capítulo X

Sumário: — Algumas efemérides interessantes.

1786 - Agôsto, 23 - A capela do Bom Jesus da Margem Esquerda, foi benzida pelo Padre Bauher em presença dos vigários de Lorena, padres Manuel José Bitencourt e Nazareth José Gonçalves da Silva - os quais celebraram com a assistência de Manuel da Silva Caldas (Olimpio Catão - Almanaque de Lorena - 1875).

— Em 1871, quando Bento Alves de Moura Coelho, iniciou a reforma dessa capela, a 1.ª colherada de massa foi lançada pelo Juiz da Provedoria, de Lorena, bacharel Francisco Machado Pedrosa e o terreno, benzido pelo vigário de Cruzeiro, padre Vicente dos Santos.

— Hepacaré: tupi - braço ou seio da lagôa torta (T. Sampaio).

1789 - Outubro, 21 - Falece em São Paulo, D. Manuel da Ressurreição, 3.º bispo, depois de quinze annos de ação apostolar. Foi quem mandou o vigário de Guaratinguetá, padre Francisco Lescura Bahuer, benzer a Capela da Margem Esquerda (6-8-1786).

1830 - Setembro, 2 - É elevada á categoria de Capela a ermida de Santo Antonio da Caxoeira.

1869 - Outubro, 12 - Abertura do 1.º Concílio do Vaticano, convocado por Pio IX.

1878 - O primeiro Sacristão da Matriz, chamava-se Manuel Martins Carneiro.

— O primeiro Zelador do Cemitério chamava-se Alfredo Cabeçada.

— Agôsto - Trasladação - Acompanhada de grande número de fiéis, foi trasladada para a Vila de Cruzeiro, a veneranda imagem do Senhor Bom Jesus, até que haja um lugar descente para depositá-lo. Sua Igreja está com as obras paradas.

Setembro - Festa e incêndio - Como prevíamos, a 25 do mês findo, teve lugar a festa do Espírito Santo . . . soprava, então, rijo noroeste tendo penetrado pela porta principal do templo forte rajada que ocasionou a queda dos castiçais . . . em consequência propagou-se o incêndio . . . graças á prontidão da polícia e de particulares, a Igreja foi salva, mas do altar só ficou intacto o sacrário.

Novembro - Consagração - Em virtude das pastorais do Santíssimo Padre Leão XIII e do Bispo Diocesano, D. Lino, o revmo. vigário Padre Antonio Caetano, procedeu a consagração desta paróquia ao S.S. Coração de Jesus, atos esses, celebrados com toda a pompa.

1879 - Abril - A 29 do mês passado, teve lugar a trasladação da imagem do Senhor Bom Jesus, da Vila de Cruzeiro, para a capela da Santa Cruz da Margem Esquerda onde permanecerá.

1883 - Outubro - Benção e colocação da pedra fundamental da Igreja do Senhor Bom Jesus, na Margem Esquerda pelo revmo. padre Antonio Caetano Ribeiro e com a assistência de numeroso concurso do povo. Dentro de uma caixa de zinco estava uma outra de madeira onde foram depositadas as três fôlhas periódicas locais: «Eco Municipal», «Gazeta da Bocaina» e «Colibri»; «Gazeta de Noticias», do Rio de Janeiro e «Correio Paulistano». Foram mais depositados vários objetos e moedas de prata e cobre, oferecidas por algumas senhoras e cavalheiros. Durante o ato tocou uma banda de música e numerosos foguetes atrovavam aos ares.

1885 - Abril - D. Francisca de Macedo Marques, cede, generosamente, os terrenos de sua propriedade para servirem de praça a Igreja do Senhor Bom Jesus da Santa Cruz, na Margem Esquerda. (Essa Igreja desapareceu. Situava-se na cabeceira da ponte, início da Rua Augusta. Quando a imagem do Bom Jesus, veio de Cruzeiro, foi colocada na capelinha (Santa Cruz) e depois traslada-da para sua morada oficial, até hoje. Esse o motivo porque foi denominada «São Bom Jesus da Santa Cruz»)

Novembro - Matriz da Vila - Em data de 3 de Novembro, o Sr. Conselheiro João Alfredo, atual presidente da Província, mandou sobrestar todas as comissões de obras feitas e, por fazer, principiadas ou não. (Dai por diante todas as obras deviam ser postas em concorrência).

1886 - Abril - O Revmo. Sr. vigário da paróquia, entendendo-se com o Sr. Conselheiro João Alfredo, em sua última visita a esta Vila, sôbre a necessidade que temos de uma nova Matriz, visto o estado de ruínas, em que se encontra a atual - S. Exa. ordenou ao Sr. diretor de obras públicas a mandar orçar a nova obra.

- 1906 - Agosto, 4 - Perece no naufrágio do Vapor «Sírio», na costa da Hespanha, D. José de Camargo Barros, bispo de São Paulo.
- 1931 - Junho, 30 - Por um Breve Pontifício de S.S. o Papa Pio XI, é elevado á dignidade de Monsenhor, Prelado Doméstico de S.S. o Papa, o padre José Soares Machado, vigário da Paróquia.
- 1939 - Setembro, 1 - Tem início a 2.ª Grande Guerra que terminou a 8 de Maio de 1945.
- 1943 - Com a presença de D. Francisco, Bispo Diocesano, é entronizado Jesus Crucificado no Grupo Escolar «Evangelista Rodrigues».
- Agosto, 30 - Perece, em desastre de avião, no Rio de Janeiro, D. José Gaspar de Afonseca e Silva, arcebispo de São Paulo, consagrado nome nacional.
- 1945 - Junho, 26 - Funda-se a Organização das Nações Unidas - O.N.U.
- Agosto, 6 - Explode em Hiroshima, Japão, a primeira bomba atômica, matando 72731 pessoas.
- 1946 - Junho, 22 - Festas comemorativas do jubileu de prata de Monsenhor Dagoberto Palmeiro de Azevedo, vigário da paróquia.
- Setembro, 12 - Com a presença do cardeal D. Manuel Cerejeira - patriarca de Lisboa, D. Jaime de Barros Câmara - arcebispo do Rio de Janeiro, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota - arcebispo de São Paulo, foi lançada, em Aparecida do Norte, a pedra fundamental da nova Basílica.
- 1951 - Abril, 22 - Com a presença de D. Luiz Gonzaga Peluso, é lançada a pedra fundamental da Igreja São Sebastião. Falaram Monsenhor Dagoberto Palmeiro de Azevedo, autor da iniciativa, o Prefeito A.R. que, em nome da Câmara, fez a doação do terreno e o Sr. Bispo Diocesano que lançou a primeira pá de massa.
- 1963 - Agosto, 17 - Padre José Nunes Cardoso, vigário da Paróquia, em solenidade, na Igreja de São Sebastião, recebe sua investidura á dignidade de Cônego. Presidiu o ato D. José Melhado, Bispo de Lorena.
- Dezembro, 10 - Benção dos sinos da Igreja de São Sebastião.
- 1969 - Julho, 21 - Neil Armstrong, ao pisar a lua diz: é um passo pequeno para o homem, um salto gigantesco para a humanidade.
- Os quatro maiores acontecimentos do século.
- A 1.ª Grande Guerra Mundial 28-7-1914 - 11-11 1918.
- A 2.ª Grande Guerra Mundial 1-9-1939 - 8-5-1945.
- A bomba atômica sobre Hiroshima 6-8 1945.
- Neil Armstrong, pisa a lua 21-7-1969.

Capítulo XI

Sumário: — Embaú — município e paróquia

A povoação do Embaú foi elevada à freguesia por lei Provincial de 1830.

No ano de 1781, D. Frei Manoel da Ressurreição, 3.º Bispo de São Paulo, tinha concedido, licença, a requerimento do Sargento-Mór, Antonio Lopes da Lavra, para erigir no bairro do «Uvaú» uma Capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, a qual, acabada em 1787, foi, pelo Pe. Manoel Gomes Loureiro, benzida em 7 de Outubro do dito ano.

Esta Capela foi construída com esmolas do povo, doando para seu patrimônio, João Ferreira da Encarnação, 200 braças de testada de um terreno.

Esta doação foi feita em 1796.

Pela lei de 5 de Fevereiro de 1846, esta Povoação foi elevada à categoria de Distrito de Paz, com o nome de Embaú.

Mais tarde, em 1871, o Distrito de Paz foi elevado à categoria de Município com a denominação de «Vila da Conceição de Cruzeiro».

Data de 3 de Março de 1871, a Lei criando este Município: Chamou-se Cruzeiro devido às estradas de Lorena a Pinheiros e de Cachoeira a Minas cruzarem no Embaú.

Este cruzamento de estradas, outrora muito frequentada pelo povo que descia do Sul de Minas para Cachoeira, ou que se dirigia de Lorena para Pinheiros e Queluz, foi a razão da substituição do nome Embaú por Cruzeiro.

O Embaú pertenceu, sob o ponto de vista judiciário, à Comarca de Lorena até o ano de 1892.

Dai em diante, pela criação da comarca de Cachoeira pela lei n.º 80 de 25 de Agosto de 1892, ficou pertencendo à nova comarca de Cachoeira.

Conforme se lê no livro da Câmara Municipal, o Município da «Vila da Conceição do Cruzeiro» foi instalado a 8 de Janeiro de 1873, data em que, sob a presidência do Dr. Antonio Rodrigues de Azevedo Ferreira, então Presidente da Câmara de Lorena, foi empossada a primeira Câmara, composta dos seguintes Vereadores:

Cap. Mariano Ferreira, Presidente, Alferes Antonio Moniz Barreto, Tenente Galdino Teixeira Coelho, Tenente Antonio Nunes Duarte, Francisco Salustiano de Souza Júnior, Jordão Pinto de Castilho e Alferes José Modesto Pinto.

Na ata desta sessão consta que as divisas do novo município ficavam sendo as mesmas da paróquia, as quais eram as seguintes: Pelo

lado de Lorena, o rio do Limoeiro e por este acima até o alto que verte para o morro do «Ronco» e daí seguindo pela Vargem Grande, córrego abaixo até à casa de Manoel Domiciano, e desse ponto rumo direito até à barra de Passa-Quatro ao Jaracatiá e desse ao alto da Serra da Mantiqueira, e pelo lado da freguezia de Pinheiros o rio do Lopes.

A séde do Municipio permaneceu no Embaú, então «Vila da Conceição do Cruzeiro» até 1901.

Pela lei n. 789, de 2 de Outubro desse ano, a séde foi transferida para a Estação de Cruzeiro, pertencente ao municipio.

Pela lei n.º 895, de 25 de Novembro de 1903, a localidade chamada «Vila da Conceição de Cruzeiro» passou a chamar-se novamente Embaú, que conserva até hoje.

O livro mais antigo da Paróquia do Embaú é do ano de 1831. É um livro de assentamentos de batizados. Eis o teor do 1.º batizado: «Aos vinte de Fevereiro de mil oitocentos e trinta e um, nesta Capela Curada da Senhora da Conceição do Embaú, batizei solenemente e puz os Santos Oleos ao inocente David, nascido a treze do mesmo, filho legítimo de Cypriano e de Ignácia do Gentio de Guiné. Escravos de Ignêz Gomes da Silva. Foram padrinhos Antonio e Claudina, solteiros, filhos do Capitão Antonio da Mota Paes, todos freguêses desta Paróquia, do bairro do Passa Vinte, e para constar faço este assento que assigno.

O Capelão curado Joaquim José Fernandes Leite».

Vai copiado conforme a ortografia do original.

Segue, pela ordem cronológica, o livro de Óbitos em cujo 1.º assentamento se lê o seguinte:

«Manoel Ferreira de Magalhães

A vinte e cinco de fevereiro de mil oitocentos e trinta e um, nesta Capela Curada da Senhora da Conceição do Embaú faleceu com todos os sacramentos, de hydropisia, Manoel Ferreira Magalhães em idade de sessenta e dois anos, casado com Januária de Jesus, freguêses desta Paróchia, sendo seu cadáver amortalhado no pano branco e sua alma recomendada por mim..

Jaz abaixo das grades desta dita Capela.

Para constar, faço este assento que assino.»

— Os Vigários do Embaú foram os seguintes:

Pe. Joaquim José Fernandes Leite, 1.º Capelão curado; exerceu o seu Munus de Cura durante 13 anos, de 1831 a 1843; Pe. Henrique de Souza Lôbo, Pe. Antonio José da Mota, Pe. Justino José de Lorena, Pe. Israel Pereira de Castro, Pe. José Lopes de Miranda, Pe. Vicente dos Santos, Pe. Pedro José da Veiga, Pe. Angelo Marroni, Pe. José Marcondes Homem de Mello, Arcebispo-Bispo de S. Carlos, Pe. Saint-Clair Monteiro de Barros, Pe. Antonio Olynto Batista Pinto, Pe. João Emílio Ferreira e Pe. Ernesto Maria de Fina.

Foi no tempo deste último Vigário que a sede da Paróquia foi transferida do Embaú para a estação do Cruzeiro.

Em 1905, foi restaurada a paróquia do Embaú, abrangendo todo o distrito de Paz, exceto o bairro do Brejetuba.

Desde essa data, foram vigários do Embaú os seguintes Padres: Carlos Zanotelli, Antonio Luiz dos Reis França, João José Crippa, Nicolau Scurachio, José Maria Brandi, Angelo Pascual Benito e Félix d'Angelo.

Este faleceu no dia 22 de Abril de 1923; foi o último Vigário residente na Paróquia.

Em seu testamento, legou uma pequena quantia a um seu parente na Itália, três contos à Matriz do Embaú e o remanescente ao Seminário Diocesano, como auxílio das Vocações Sacerdotais.

Os seus restos mortais jazem no cemitério do Embaú.

Daí em diante, a paróquia tem estado anexa à de Cachoeira, devido à escassez do Clero.

Na política do Município, quando a sede deste era no Embaú, figurou, entre outros, o ancião Cel. José Joaquim Ferreira.

Nela ingressou em 1887, fazendo parte da Câmara Municipal, da qual foi eleito Presidente.

Faziam parte desta Câmara os seguintes Vereadores: Deodato da Silva Rodrigues, Tenente Emydio Ribeiro Gomes, João Rodrigues Corrêa, Jordão Pinto de Castilho, Francisco Ferreira de Oliveira e Major Manoel Freitas Novaes.

Dêsde essa época, o Cel. José Joaquim Ferreira teve ação saliente na política do município, sendo então chefe de grande prestígio e influência, tendo trabalhado muito em prol do município e cooperando eficazmente para a desapropriação dos terrenos da Estação do Cruzeiro, pertencentes ao Major Manoel de Freitas Novaes, e nos quais se acha, hoje, a cidade de Cruzeiro, desapropriação que foi levada a efeito pelo Governo do Estado, pela Resolução n.º 44 de 12 de Abril de 1890, sendo Presidente do Estado, o Dr. Prudente de Moraes.

Só em 8 de Maio de 1894 o Cel. José Joaquim Ferreira deixou a política do Embaú, ou da «Vila da Conceição do Cruzeiro», resignando os postos que ocupava na mesma política, por ter de mudar a sua residência.

Segundo diz o professor Olympio Catão, em um almanaque de Lorena, redigido e publicado em 1875, a população da «Vila da Conceição de Cruzeiro» nessa época era de 5000 alma, sendo a Receita e a Despesa da respectiva Câmara as seguintes: Anual. Receita 1:794.940 réis; Despesa 1:200 287 réis; Saldo a favor 594.653 réis.

É pouco, muito pouco, o que aí fica a respeito desta antiga povoação do Embaú, e isto mesmo devido, em grande parte, à gentileza do advogado Sr. José Gomes Roseira, que forneceu a maior parte destas notas.

Mais, muito mais, merecia o Embau que se dissesse do seu passado, e se reivindicasse para a sua história tudo aquilo a que tem incontestável direito.

À povoação do Embaú, infelizmente, tudo tem sido tirado:

Séde do município, da paróquia, e, até, o próprio nome.

Em 1901, quando a séde foi mudada para a estação da Central, levou consigo o nome de «Vila do Cruzeiro»; e, em 1923, quando a Central construiu a pequena estação entre Cachoeira e Cruzeiro, ainda foi buscar ao Embaú o nome para a nova parada.

Sómente a Igreja teve para com o Embaú as merecidas atenções, restaurando a Paróquia, sob o mesmo nome e sob a proteção da mesma Padroeira, a Imaculada Conceição. Apesar do abandono a que foi lançado, o Embaú continua a possuir um solo de uma fertilidade rara, produzindo, além de café e cana de açúcar, cereais abundantes e de qualidade superior a qualquer outro município.

Em 1934, as terras do antigo município ou distrito de Embaú, foram desmembrados de Cruzeiro e incorporadas a Cachoeira Paulista.

Capítulo XII

Sumário: — Jatahy — município e paróquia

Quem, há umas dezenas de anos atrás, antes que o silvo das locomotivas se fizesse ouvir pelas margens deste silente e poético Paraíba, seguisse pela antiga estrada que ligava as duas maiores cidades do Brasil, encontraria, a seis quilômetros de distancia de Cachoeira, estendida sobre a margem esquerda do Jatahy, a florescente povoação do mesmo nome.

Situada em terras de Nossa Senhora da Piedade, outrora doadas pelo Pe. João Graciano de Faria, a sorridente Vila recebia em sua séde a visita das individualidades mais preponderantes daqueles tempos, assim como via os Monarcas do Império, seguidos dos seus aúlicos, atravessarem as suas ruas quando viajavam para as cidades de São Paulo, ou Santos.

Nesses tempos, era intensa a cultura do café, cana, cereais, etc, mantendo uma permanente exportação dos seus produtos.

Havia quatro máquinas de beneficiar café e o comércio era grande, fazendo-se transações seguidas, ora com os municípios vizinhos, ora

com os viajantes; que por ali passavam, continuamente, em demanda da Corte, ou de São Paulo.

Havia, à margem da estrada que ligava a antiga Bocaina a Jatahy, muitas casas de negócios, onde; além das transações habituais, se fornecia pouso para as tropas que de várias procedências ali acudiam.

No centro da Povoação, estava, a antiga Matriz, de proporções bastante grandes, onde se venera uma bela Imagem de Nossa Senhora da Piedade, que é a Padroeira da antiga Paróquia.

Ao lado, estava uma magnífica residência paroquial, um sobrado de construção antiga, levantado certamente pelo primeiro Vigário da Paróquia, o pe. João Graciano de Faria.

Não se sabe, com certeza, a data da instituição canônica da Paróquia, porque não foi possível colher-se dados seguros na Cúria Metropolitana.

Apenas se pôde saber que esta freguesia foi criada pela Lei Provincial n.º 21, de 4 de Abril de 1857.

Como o 1.º livro de casamentos foi numerado e rubricado pelo Vigário da Vara, Pe. Manoel Benedito de Jesus, no dia 4 de Setembro de 1858, é de supor que, pouco antes, tenha sido instituída canonicamente.

Não se pode averiguar, também, o tempo certo que cada Vigário permaneceu nesta Paróquia, pois de poucos consta o dia em que tomaram posse. Pelos livros do arquivo Paroquial se vê que o primeiro Vigário foi o Pe. João Graciano de Faria. Deve ter tomado posse antes do dia 3 de Março de 1859.

O 1.º casamento feito em Jatahy, foi o de Vicente Ferreira Freire e Joana Maria da Trindade.

O primeiro batizado foi o de Francisco, filho de Maria Benedita e pai incógnito.

O batizado realizou-se no dia 9 de Outubro de 1859.

O Pe. João Graciano de Faria era morador nesta freguesia por ocasião da sua elevação a paróquia.

Por sua morte, legou a Nossa Senhora da Piedade, não só o local onde se encontra a atual Igreja, mas também a Casa Paroquial com o terreno anexo e a fazenda onde passou a maior parte da sua vida, situada na chamada Estrada velha.

Foi sepultado, depois de paroquiar Jatahy pelo espaço de 2 anos, no cemitério da mesma cidade.

No mesmo cemitério estão os restos mortais dos Padres Israel Pereira de Castro e José Corrêa Leite.



Sucedeu-lhe o Pe. Israel Pereira de Castro, que parouquiu Jatahy desde o ano 1861 a 1871.

Daí em diante, seguiram-se os seguintes Vigários: Pe. Vicente Maria Belloti, nos anos 1871 e principio de 1872; Pe. José da Veiga, durante alguns meses em 1872.

Pe. Manoel Fernandes Sampaio, no fim de 1872 e principio de 1873;

Pe. José Benedito Marcondes de Melo em 1873; Pe. Vicente dos Santos em 1874 e 1875; Pe. Antonio Caetano Ribeiro, durante alguns meses em 1876; Pe. José Corrêa Leite desde 1876 a 1885;

Pe. Claro Monteiro em 1886 e 1887; este Vigário foi mais tarde elevado a Monsenhor. O seu zelo sacerdotal levou-o a dedicar-se às Missões e, aí foi devorado pelos índios.

Pe. Francisco Petralha em 1887 e 1888. Pe. Vicente Guaragna, durante 3 meses em 1888. Tendo enlouquecido, foi conduzido a um hospício, ficando anexa esta paróquia à de Cachoeira, durante algum tempo. Era Vigário de Cachoeira, neste tempo, o Pe. Evaristo de Paula Moraes; Pe. Saint-Clair Monteiro de Barros em 1890; Pe. Miguel Marcondes do Amaral em 1890 e 1891.

Pe. Antonio de Oliveira Castro de 1891 a 1894; Pe. Francisco Filipo desde 1895 a 1898.

Desde essa época, os Vigários de Jatahy foram os mesmos de Cachoeira, sendo bastante, para os conhecer, consultar a lista de Cachoeira.

Distrito de Paz

A povoação de Sapé foi elevada a Distrito de Paz pela Lei n.º 21 de 4 de Abril de 1857.

Para a elevação do Distrito de Paz a Municipio, muito cooperaram os Srs. Drs. Theófilo Braga e Deputado José Vicente de Azevedo e os políticos Cel. Bento da Rocha Soares e Cap. Antonio Pinto Soares.

Ata da Sessão especial da nova Câmara

Aos dias 23 do mês de Fevereiro de 1889, na sala destinada para o paço da Câmara Municipal desta vila de Jatahy às 12 horas da manhã reunidos os Senhores vereadores Romualdo de Oliveira Leite, Pedro Xavier de Araújo, José Lopes de Araújo, José Rodrigues Lima, Estevão Arão da Silva Vasconcelos e Eduardo Francisco de Toledo, sob a presidência interina do Sr. Vereador Romualdo de Oliveira Leite, por ser o mais idoso e o mesmo convidando o Vereador Estevão da Silva Vasconcelos por ser o mais mōço, para servir interinamente de secretário, o Sr. presidente declarou aberta a sessão.

Em ato contínuo o Snr. presidente interino declarou que ia proceder a eleição do presidente e vice-presidente por escrutínio secreto, e convidou os mais Vereadores a apresentarem suas cédulas, assim procedendo foram recolhidas em uma urna todas as cédulas, e tendo o presidente distribuído as letras do alfabeto e as cédulas, sendo abertas e lidas produziram o resultado seguinte: Para presidente, os Snrs. José Lopes de Araújo, 5 votos; Romualdo de Oliveira Leite, 1 voto, ficando reconhecido presidente desta câmara o Snr. José Lopes de Araújo, com 5 votos. Passando-se da mesma forma a proceder-se a eleição para vice-presidente, tendo sido também recolhidas as cédulas na competente urna que, aberta e feita aprovação, deu o seguinte resultado:

Os Snrs. Vereadores: Romualdo de Oliveira Leite, 3 votos; Estevão da Silva Vasconcelos, 2 votos; Pedro Xavier de Araújo, 1 voto, ficando reconhecido vice-presidente o Vereador Romualdo de Oliveira Leite. Em ato contínuo o Snr. presidente interino passou a cadeira do presidente ao Snr. Vereador José Lopes de Araújo que declarou que ia proceder as nomeações das respectivas comissões ficando elas nomeadas pela forma seguinte: Posturas e obras públicas - os Snrs. Oliveira Leite e Xavier de Araújo; Orçamentos e contas - os Snrs. Vasconcelos e Rodrigues Lima; - Redação - Oliveira Leite; Prisão e higiene pública - Toledo e Xavier de Araújo. A Câmara passou a fazer as nomeações dos empregados, os quais constam de Secretário, Procurador, Fiscal, Continuo, Aferidor, Zelador do Cemitério, devendo o procurador apresentar fiador.

Esta sessão foi de conformidade com o decreto 3029 de 9 de Janeiro de 1881 e do regulamento n.º 8213 de 13 de Agosto de 1831.

Neste ato pediu a palavra o Snr. Vereador Romualdo de Oliveira Leite, e declarou que se achava no seu ano de Juiz de Paz, mas que optava pelo cargo de Vereador; e não havendo mais nada a tratar o Snr. Presidente encerrou a presente sessão especial e designou o dia 25 do corrente para a 1.ª sessão ordinária para tratar-se de outros trabalhos; e para constar lavrei esta ata; eu Estevão da Silva Vasconcelos, Secretário interino, a escrevi, Estevão da Silva Vasconcelos a subscrevi, José Lopes de Araújo, Romualdo de Oliveira Leite, José Rodrigues de Lima, Pedro Xavier de Araújo, Eduardo Francisco de Toledo e Estevão da Silva Vasconcelos.

Em sessão de 9 de Março de 1889, foi proposto pelo Vereador Vasconcelos que a Câmara se representasse ao Exmo. Revmo. Bispo da Diocese a fim de conseguir a vinda de um Sacerdote para a paróquia local, a qual estava há um ano sem esse Ministro religioso.

Foi aprovada a proposta.

Divisas

A Lei n.º 18 - de 30 de Março de 1858 assim marcou as divisas deste distrito com a vila de Silveiras: «Principiando pelo rio Bocaina;

no lugar em que nele deságua o ribeirão do Bravo, seguindo daí, em rumo direto, até chegar ao terreno da fazenda do Alferes Francisco Xavier de Oliveira e deste lugar, por outro espigão até os limites das do finado Mariano Bravo e do Coronel Francisco Antonio da Luz, seguindo até sair na estrada geral, junto à casa de Antonio Ferreira, seguindo depois, por um caminho que passa pelas terras de Salvador Pimenta até entestar outro caminho, que seguindo pela margem do rio Itagaçava o atravessa; e bem assim do caminho já mencionado, e seguindo por este até dar com os altos fronteiros, onde estão sitas as divisas do municípios de Silveiras e Queluz.

«Ficam subsistindo entre o distrito de Sapé e a vila de Lorena as divisas até agora em vigor entre as paróquias de Lorena e Silveiras». (1)

Hoje, confina com o município de Cachoeira e não Lorena.

A Lei n.º 9 de 12 de Março de 1873 transferiu para o município de Silveiras e desligando do distrito de Sapé, o sítio de Francisco Monteiro de Toledo. (2)

(1) A esse tempo Cachoeira não era município.

(2) Em 1934 o município de Jataí foi extinto e todo o seu território incorporado ao de Cachoeira.

Capítulo XIII

Sumário: — 3 fotografias que se veem, em páginas anteriores. Nomes-como quem olha o quadro da esquerda para a direita.

1.a Fotog: - Sentados ao centro - Monsenhor José Soares Machado; a sua direita: Dr. João Batista do Nascimento Pereira (?), João Antonio Romão, João Vieira de Barros Júnior. A esquerda de Monsenhor: Dr. Gastão Câmara Leal, Dr. João Evangelista Rodrigues, Dr. José Maria Vaz Lobo Câmara Leal. (?)

1.a fila em pé: Agostinho Ramos, Joaquim Mendes Sobrinho, José de Oliveira Gomes, Abdias Pinto, João Dias de Oliveira, (?) Luiz Pinto. Antonio da Silveira Mendes, José Pôrto Sobrinho. (?)

2.a fila em pé: José da Silveira Mendes, Joaquim Marcelino, Saturnino Carlos do Nascimento, Geraldo Pôrto Gomes, Manuel Rodrigues Fontes, Abílio Castelhão, José Miranda Alves, João Batista de Sales e João José.

Apostolado da oração

2.a Fotog: - Sentadas - ao centro, Monsenhor José Soares Machado; a sua direita: D.D. Lindóia Rocha, Ana Fontes, Fiuta Fortes Pôrto, Carolina Mota de Siqueira; á esquerda de Monsenhor: D.D. Joaquina Bueno Moreira, Maria Pôrto Gomes, Deolinda Moreira, Herminia Pôrto Lopes.

1.a fila - em pé: D.D. Amélia Rodrigues, Nenê Roseira; Ana Moreira, Anália Gildes, Tereza Simões, Genoveva Sacilote, Maroca Fontes.

2.a fila - em pé: D.D. Maria de Almeida Lima; Alcides Fontes, Adelaide Vasques, Durvalina, Ana Maria de São José, Honorina Guedes Tomaz e Angélica Costa.

Irmadade do Santíssimo

3.a Foto! - Sentados - ao centro Monsenhor José Soares Machado. A sua direita: Avelino Vieira de Siqueira, Antonio Tobias Goulart, José Pôrto Sobrinho. A esquerda de Monsenhor: José de Oliveira Gomes, Bento José Fernandes, Manuel Rodrigues Fontes.

1.a fila - em pé: João Vieira de Barros Júnior, Angelo Lombardi, José Lombardi, Agostinho Ramos, Santo Chiareli, João Batista de Sales, Aristides Guimarães, Francisco Dotti.

2.a fila - em pé: João Tomaz, Benedito E. Rodrigues Alves, José Moreira da Silva, Pedro Alexandre de Souza, João Dias de Oliveira, Avelino da Silveira Mendes, Antonio da Silveira Mendes, Antonio Marton, Abdias Pinto.

Capítulo XIV

Sumário: — Lápides que se leem na parte interna das três Igrejas da paróquia - perimetro urbano.

1.a na capela do Bom Jesus - Margem Esquerda

a) «Esta capela foi começada em 1785 por Manuel da Silva Caldas, reformada em 1871 por Bento Alves de Moura Coelho, ampliada em 1894, pelos irmãos José Pôrto e João Pôrto, reformada em 1924 por subscrição popular, sob a direção duma Comissão composta do Padre José Soares Machado, José de Oliveira Gomes, Manuel Fontes, José Pôrto Sobrinho, Abdias Pinto, João Pôrto Filho».

b) «Ao Revmo. Padre José Soares Machado - gratidão e homenagem do povo católico de Cachoeira 6-8-1924».

2.a na Igreja Matriz - altar:

a) «Ao Santíssimo Sacramento - o povo de Cachoeira no 1.º centenário da Independência do Brasil 7 - IX - 1922».

b) «Altar consagrado no dia 20.5-1923, em honra do Santíssimo Sacramento e do padroeiro Santo Antonio de Lisboa».

c) «O povo ao padre Francisco Felippo - gratidão - 1898».

d) «Resumo histórico desta Igreja:

- Capela primitiva em 1869.
- Foi aumentada em 1892.
- 1.a reforma em 1894.
- A 6 de Junho - inauguração - 1895.
- A 4 de Fevereiro - início da torre - 1897.
- Final das obras em 1932.
- A 1.º de Março - início da 2.a reforma - 1933.
- A 13 de Junho (1933) inauguração solene.

3.a Na Igreja de São Sebastião:

a) «Este templo dedicado ao glorioso martir São Sebastião, foi construído durante o paróquia do Monsenhor Dagoberto Palmeiro de Azevedo - Cachoeira Paulista - Setembro 1956».

b) Este altar, no seu conjunto foi delineado e executado durante o paróquia do cônego José Nunes Cardoso.

Cachoeira Paulista 20-1-1971

(lápide a ser colocada).

Capítulo XV

Sumário: — Notas finais.

Corrigenda - Dado a um engano de revisão, cancele-se o nome do Dr. Francisco Cardoso Ribeiro - 1.º volume, pág. 46 - pois, que, o falecido ministro deu sua influência para manutenção da comarca, só em 1931.

Uma explicação - Em 1922, o então, padre José Soares Machado, pediu nossa colaboração para a confecção de uma poliantéia, comemorativa do 1.º Centenário da Independência do Brasil. Daí, o «Óbolo do Centenário» cuidadosamente organizado.

Em 1926, padre José, novamente, solicita nossa cooperação para a publicação de um opúsculo «Santa Cabeça» - esboço histórico. Feito.

Falecendo Monsenhor Machado, começamos a reunir material, necessário à história de Cachoeira.

Assim, pois, pertence àquele sacerdote a autoria de uma parte da história religiosa da paróquia (seus vigários) e o relato referente ao Embaú e Jataí no qual colaborou o falecido advogado José Gomes Roseira.

Bibliografia - A mesma do 1.º volume, acrescida do testemunho pessoal deste narrador.

Finalmente

Uma carta, esta do professor Jair Alves Barbosa, talentoso lente de história do ginásio. Seria um bom prefácio.

«... caro Mestre - como cachoeirense, como seu amigo e professor de história, li àvidamente, o seu livro... creia professor que o seu trabalho não foi, em vão... eu que acompanhei pari passu sua «aventura», ao imprimi-lo... as novas gerações terão nele um exemplo de tenacidade, com que os pioneiros plantaram um dia a semente pequena, em plena vastidão de Jaguamimbaba... e num desfile de gerações indômitas, conseguiram concretizar o sítio urbano...»

Os nossos queridos estudantes têm agora um instrumento de alta valia para suas pesquisas, na procura de uma evolução histórica...

Cachoeira e seu povo estão de parabéns. A história é a mestra da vida. sem ela não há povo, não há civilização».

Post tót tantosque labores

Índice

(1.^a parte)

A — Sob capa

B — Algumas palavras

Capítulo I

Povoadores. Algumas Efemérides

Capítulo II

História do gado holandês e do leite, nesta região.

Capítulo III

Efemérides até 1884

Capítulo IV

Carnaval

Capítulo V

Efemérides até 1889

Capítulo VI

13 de Maio e 15 de Novembro

Capítulo VII

Portugueses e Italianos

Capítulo VIII

Um pouco de humorismo

Capítulo IX

Efemérides até 1895

Capítulo X

Jornais

Capítulo XI

Efemérides até 1904

Capítulo XII

Um pouco de humorismo

Capítulo XIII

Efemérides até 1921

Capítulo XIV

Corporações Musicais

Capítulo XV

Efemérides até 1930

Capítulo XVI

Quatro grandes festas - Centenário

Capítulo XVII

Estradas - D.E.R. - D.N.E.R.

Capítulo XVIII

Quatro grandes festas - Estrada Rio-São Paulo

Capítulo XIX

Efemérides até 1935

Capítulo XX	48
Quatro grandes festas - Inauguração da ponte	
Capítulo XXI	52
Efemérides até 1940	
Capítulo XXII	56
Efemérides até 1948	
Capítulo XXIII	60
Quatro grandes festas - Vitória da revolução	
Capítulo XXIV	63
Uma ponte entre dois Euclides	
Nota final	67-68
Capítulo I (2. ^a parte)	1
Instituição canônica da paróquia	
Capítulo II	2
Duas cartas do padre Antonio	
Capítulo III	3
Um pouco de história escrita por Monsenhor Machado	
Capítulo IV	5
Fundação e desenvolvimento da paróquia	
Capítulo V	9
Arquidiocese e bispado	
Capítulo VI	10
Diocese de Lorena	
Capítulo VII	13
Um sorriso no austero setor religioso	
Capítulo VIII	18
Patrimônio da paróquia e capelas	
Capítulo IX	24
Biografia do padre Antonio Caetano Ribeiro	
Capítulo X	29
Algumas efemérides interessantes	
Capítulo XI	32
Embaú - município e paróquia	
Capítulo XII	35
Jataí - município e paróquia	
Capítulo XIII	39
3 fotografias	
Capítulo XIV	40
Lápides	
Capítulo XV	41
Notas finais	